

Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho

Pelo espírito Antônio Carlos

O ESCRAVO

DA ÁFRICA PARA A SENZALA

Da mesma
médium
do best-seller
*Violetas
na janela*

|| Academia

O ESCRAVO

DA ÁFRICA PARA A SENZALA

Vera Lúcia
Marinzeck
de Carvalho

Pelo espírito Antônio Carlos

O ESCRAVO

DA ÁFRICA PARA A SENZALA

))(Academia

Copyright © Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho, 2017
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017
Todos os direitos reservados.

Autoria: Antônio Carlos
Psicografia: Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho
Preparação: Carla Fortino
Revisão: Lizete M. Machado
Diagramação: Abreu's System
Capa: Compañía
Imagens de capa: Clive Boursnell / Shutterstock
Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C28e

Carlos, Antônio (Espírito)

O escravo / Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho pelo espírito Antônio Carlos. – 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2017.

ISBN 978-85-422-0895-5

1. Romance espírita. 2. Obras psicografadas. I. Marinzeck, Vera Lúcia. II. Título.

16-38144

CDD: 133.9

CDU: 133.9

2017

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar
Edifício Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Sumário

Explicação do autor espiritual

A aldeia

No navio

A espera

A viagem

A fazenda

A senzala

A visita

Desencarnes

O castigo

Os senhores

A nova sinhá

Preocupações

A emboscada

Uma importante mudança

Os casamentos

Voltando ao plano espiritual

Aos pés do Mestre

Explicação do autor espiritual

Pessoas foram aprisionadas em diversas localidades do continente africano, falando diversos dialetos. Narro a história, verdadeira, usando termos atuais, baseando-me nas ideias, porque seria de difícil compreensão escrever como se falava, naquela época, o português, e muitos termos eram desconhecidos. Optei então por me ater ao sentido, o que cada palavra e construção pretendiam expressar.

1

A aldeia

Uba estava sentado numa pedra na margem do rio. Olhava os peixes nadando, achava-os bonitos e gostava de vê-los. Via também seu reflexo nas águas límpidas. O espelho d'água refletia a imagem de um homem jovem, sorridente, lábios grossos, dentes brancos e sadios. Era alto, forte e bonito. Gostava do lugar em que morava, da mata, do rio, de sua pequena aldeia, de seu lar e das filhas, tinha duas. Da mulher, Mua, nem tanto. Seu casamento foi determinado pelo líder e às vezes a achava chata.

Aguardava tranquilo, e três peixes entraram em sua armadilha, que era feita de folhas trançadas com abertura somente de um lado, um cesto comprido; o peixe entrava para comer a isca, normalmente insetos, e tinha dificuldades para sair.

Ele tirou seu instrumento de pesca da água, pegou os peixes, deixou-o perto de uma pedra e caminhou sem pressa rumo à aldeia. Prestava atenção no caminho. Embora passasse sempre pelo mesmo local, via coisas diferentes. O ninho de passarinhos naquela tarde estava vazio, os filhotes tornaram-se adultos e

voaram. Uma flor desabrochou e exalava um suave perfume. Um grupo de macacos fazia algazarra, aves voavam. Distraía-se. Gostava de admirar a paisagem.

— Como tudo aqui é lindo! — Uba exclamou alegre.

Chegou à aldeia. Havia poucas moradias. Todos ali eram parentes ou amigos.

— Não existe aldeia melhor do que esta em que moro! Tudo aqui é bom e bonito! — exclamava sempre.

Colocou os peixes em cima de um tronco de árvore. Uma mulher veio para limpá-los, seriam assados. O alimento era para todos. No jantar, comeram os peixes, uma caça, farinha e frutas. Todas as noites sentavam em volta da fogueira, contavam casos e riam.

O líder do grupo era sempre o mais idoso e era ele quem resolvia os problemas, aconselhava. Todos obedeciam suas decisões.

Contavam o tempo pelas fases da lua. Observavam as estrelas para ter rumo à noite e, durante o dia, se guiavam pelo sol.

Na hora de descansar, todos entravam em suas casas, que eram construídas de madeira e folhagem. Nelas havia somente espaço para dormir. O local para cozinhar era espaçoso e comunitário, era somente coberto.

Uba entrou na sua choupana e olhou as filhas que dormiam, eram duas garotas bonitas: a mais velha tinha quatro anos, e a mais nova, dois anos. Estavam pensando em aumentar a família. Os casais nas aldeias tinham muitos filhos.

Deitou-se perto da esposa. Observou-a.

“Ela é bonita”, pensou ele, “pena que está sempre reclamando”.

Mua queria e lhe pedia havia dias um enfeite de penas. Juntar penas era trabalhoso, e Uba não gostava de trabalhar. Fazia tarefas porque era obrigado, tinha de fazê-las, todos tinham de participar para promover o bem-estar da aldeia.

A forma de viver na pequena aldeia era rotineira, as novidades eram os casamentos, os nascimentos, uma caça que dera mais trabalho e os cuidados que deviam ter com animais mais ferozes.

Escutavam histórias de rios muito grandes, cujas águas tinham gosto estranho, muitos peixes e dos quais não se podia ver a outra margem. Que existiam homens e mulheres de pele esbranquiçada, com cabelos claros, como as folhas que começavam envelhecer.

— É difícil imaginar pessoas assim. Devem ser muito feias!
Era a opinião de todos, e riam.

— Isto deve ser lenda! — opinou um dos moradores. — Não devem existir pessoas assim. Temos a mesma cor, somos bonitos, nossos cabelos são enrolados. Como alguém pode ter cabelos escorridos?

— Devem, sim, existir — falou o líder. — Contam que um guerreiro se perdeu na selva, caminhou por dias e viu uma aldeia maior, com casas diferentes e pessoas assim, esbranquiçadas, estavam misturadas com outras como nós. Ele sentiu medo, escondeu-se; à noite viu o rio, roubou uma canoa e remou dias contra a correnteza, passando por aldeias e contando sua história. Conseguiu encontrar sua moradia. Muitos pensam que

ele é louco, outros acreditam.

— Será que eles são seres maus? — perguntou uma jovem.

— Deve haver entre eles bons e maus — concluiu o líder.

Como os assuntos não eram muitos, estavam sempre falando dos seres esbranquiçados, marrom-claros, amarelados, não eram brancos como as castanhas dos cocos.

Numa tarde, a mãe de Mua chegou à aldeia para visitar a filha. Viera sozinha, era uma mulher corajosa. Levara uma cesta com alimentos e dormira na mata. Uba não gostava de sua sogra, achava que ela se intrometia na vida deles. Eram hospitaleiros, ela foi bem recebida. Mua ficou alegre com a visita e suas filhas também. Ficaria dias com eles.

— Vim para convencê-los a morar na nossa aldeia — disse a senhora.

— Não vamos — respondeu Uba —, sua aldeia parece estar escondida. Não é fácil encontrá-la. O rio fica longe. O local é alto e, no caminho, há pedras, é perigoso.

— A caça é abundante — argumentou a mãe de Mua. — Da mata, tiramos alimentos e remédios. Plantamos sementes, e elas nos dão alimentos. O lugar é bonito, de lá de cima vemos todo o vale. Num perigo, podemos nos esconder nas cavernas.

Uba não gostava da aldeia em que sua esposa fora criada. Era de difícil acesso, parecia que o local fora escolhido para que ficasse escondido. Para ir lá, subia um morro e contornava outro por um caminho estreito, beirando um precipício. Tinha água de um pequeno riacho, cuja nascente era entre as pedras perto da aldeia.

— Guá previu perigo — contou a senhora.

Guá era um velho líder da aldeia dela, que dizia ver o futuro pelo jogo de certas folhas.

— Não para nossa aldeia — continuou a senhora —, para as de baixo. Disse que seres esquisitos, demônios, atacariam o vale com armas que cospem fogo. Eles são fortes e maus. Muitos irão morrer, e outros serão levados para trabalhar para eles.

— Serão os esbranquiçados? — Mua perguntou temerosa.

— Isso, não sei — respondeu a senhora.

— Será que teremos guerra? — indagou Uba. — Estamos há tempos em paz com os vizinhos. Cuspir fogo? Será algum bicho? Guá está bem da cabeça?

— Ele está bem. Meu marido e eu nos preocupamos e resolvi vir porque ele afirmou isso na lua cheia e disse que esses acontecimentos seriam antes da outra lua cheia. Mua é minha filha única, tenho cinco filhos homens que moram na nossa aldeia. Vim para convidá-los. Uba, por favor, venham morar conosco. Devemos ir logo.

“Não vou”, pensou ele, “os moradores da montanha trabalham muito. A vida lá é bem mais difícil. Gosto daqui”.

— Não quero me mudar — falou Uba. — Aqui é meu lugar. Nosso, da minha família. Não se preocupe, não existe perigo. Somos todos amigos. Ajudamos uns aos outros nestas aldeias. E não existe arma que cuspa fogo.

A sogra de Uba calou-se, mas, na noite seguinte, voltou ao assunto com a filha e genro na choupana, não quis falar disso junto de todos.

Depois que a sogra dormiu, Uba comentou com Mua:

— Sua mãe quer você perto dela. Minha sogra mente! Guá

não deve ter falado nada do que ela contou.

— Guá diz coisas verdadeiras. As folhas lhe falam. Quando eu era juvenzinha, ele olhou as folhas para mim. Disse que ia me casar com um jovem belo de uma das aldeias debaixo do morro e que ia morrer com violência ferida no peito. Assustei-me muito e Guá falou que ia demorar, que antes teria filhos.

— Morrerá idosa! — afirmou Uba. — Não fique preocupada.

Na noite seguinte, a mãe de Mua falou:

— Como pensei, você, Uba, não acredita. Talvez tenha de seguir seu destino, ir para longe, ter vida difícil. Mua deverá seguir sua sina, o que a Grande Mãe preparou para ela. Guá afirmou que eu não morreria nestas próximas luas. Demorarei na terra. Irei criar netas.

Uba não entendeu o que a sogra disse e não deu importância, nem Mua.

Três dias depois, as mulheres preparavam o almoço, e os homens aguardavam conversando quando o líder pediu silêncio.

— Sinto cheiro diferente. Não é animal!

Como não sentiram nada, voltaram a conversar. De repente, ouviram barulho de fortes estalos. Admirados, viram homens com o corpo coberto e esbranquiçados. Perceberam que os estalos vinham de um objeto que cuspia fogo.

As mulheres e as crianças correram para suas casas, os homens tentaram defender a aldeia. As armas que cuspiam fogo feriam e, dos ferimentos, escorria sangue em abundância.

Os homens pegaram lanças, facas e conseguiram ferir dois dos invasores.

Não entendiam o que falavam. Os brancos diziam palavras

estranhas, somente compreenderam que estavam bravos. Uba percebeu que eles poupavam os homens jovens. Foi golpeado na cabeça, tonteou e, com rapidez, foi amarrado, seus braços atrás das costas junto com os pés dobrados para trás. Viu, assustado, os homens mais velhos serem mortos. O líder caiu perto dele com um ferimento no peito.

As mulheres foram arrastadas para fora das choupanas. Escutavam muitos gritos, dos habitantes da aldeia e dos esbranquiçados.

Uba viu com desespero Mua ser retirada de sua choupana e arrastada pelo braço por um homem e, atrás, um outro que segurava sua sogra e as duas filhas.

— Uba! — gritou Mua.

Correu para ele.

— Não! Mua, não! — Uba também gritou.

Um invasor passou à frente, ficando entre Uba e ela. Mua esbarrou no homem branco que, sentindo-se atacado, atirou nela, que caiu a dois passos do marido. Os dois se olharam. Mua colocou a mão no peito, que borbulhou sangue.

Uba desesperou-se, tentou se soltar, não conseguiu; olhando a esposa, viu que ela parara de respirar. Morrera.

Os homens invasores reuniram os moradores da aldeia no espaço em que cozinavam. Amarraram os homens jovens, deitaram-nos no chão, ficaram amontoados.

Todos estavam muito assustados, as crianças choravam abraçadas às mulheres. Estavam desesperados e com muito medo. Ficaram pertinho uns dos outros. Os mortos ficaram caídos onde foram atingidos.

Um homem que parecia ser o líder falara mexendo os braços e mãos, dava ordens. Os nativos entenderam que ele organizava a ação.

Foi então que viram Babau vestido como os invasores. Babau era um nativo que não se comportava bem. Era de uma aldeia próxima. Foi expulso por ter desrespeitado as normas de seu grupo. Nenhuma aldeia vizinha o quis. Ele partiu.

Viram e ouviram ele conversar com os invasores, eram amigos.

— Babau nos traiu — disse um dos homens presos. — Com certeza ele trouxe os demônios esbranquiçados até a aldeia.

— Por que será que nos prenderam? — perguntou outro.

— Seremos prisioneiros — falou um jovem.

Eram dezoito os homens presos.

Uba, atento a tudo que acontecia, olhou novamente para o corpo de Mua e para as filhas abraçadas à sogra.

Os invasores conversavam. O líder deu ordens para Babau, que, depois de escutá-lo, gritou:

— Moradores da aldeia! Vamos embora e levaremos os que estão amarrados. Velhos, mulheres e crianças ficarão.

— Traidor! — gritou um dos amarrados.

— Cale a boca! Traidores são vocês, que não me aceitaram!

— É melhor calar — aconselhou um outro.

Os homens invasores aproximaram-se dos dezoito presos, soltaram seus pés, levantaram-nos e, com correntes, prenderam os pés direitos deles, que ficaram ligados uns aos outros. Eles, que nunca haviam visto uma corrente, pensaram que era uma espécie de cipó forte e duro entrelaçado.

Estavam todos em pânico. Uba olhou as filhas, e sua sogra falou alto, para ele escutar.

— Guá estava certo! Mua morreu com ferimento no peito, você irá para longe. Vou levar as meninas para minha aldeia, cuidarei delas.

Uba balançou a cabeça, e lágrimas escorreram pela face.

O líder dos invasores gritou e Babau repetiu.

— Vocês, que não estão amarrados, fiquem aqui. Os amarrados vão conosco. Caminhem, não têm alternativa, não conseguirão escapar. Se não obedecerem, serão surrados.

Mostrou o chicote. Um homem pegou a ponta da corda que amarrava as mãos deles, a ponta da corrente e as puxou; outro homem ficou entre eles, e um outro, atrás.

— Vamos, andem! — gritou Babau.

Seguiram o caminho para o rio. O mesmo percurso que Uba gostava tanto de fazer. Caminharam com dificuldades por estarem amarrados. Pareciam alheios, todos estavam feridos, receberam pauladas nas cabeças, nas pernas e nas costas, por terem sido amarrados com violência e por terem tentado se soltar. A dor maior era na alma, por terem presenciado tanta violência e por terem visto seus afetos sendo mortos.

Na aldeia, os que ficaram permaneceram calados olhando-os irem embora. Quando não os viram mais, choraram. A esposa do líder se esforçou para se equilibrar e ordenou:

— Por favor! Parem de chorar! Escutem! Fiquemos aqui perto uns dos outros. Pelo que entendi, fomos atacados e levaram os homens como prisioneiros. Os esbranquiçados realmente existem. Vamos nos organizar. Nós, os mais velhos,

iremos cuidar dos feridos. As crianças cuidarão umas das outras; vão para minha choupana, fiquem lá. Peguem comida. Vocês — chamou cinco das crianças mais velhas que ficaram —, venham aqui!

Os invasores levaram os garotos acima de doze anos. As mães ficaram desesperadas, e a líder, com autoridade, pediu calma, tinha de ajudar os que ficaram.

— Temos três dos nossos homens caçando na floresta ao leste. Você — apontou para um garoto —, pegue uma lança, um assobio e vá com cuidado para lá. Tente encontrá-los antes de escurecer, quando o sol estiver nesta altura, volte para cá se não os tiver encontrado. Se achá-los, conte o que aconteceu e peça que eles voltem, precisamos deles aqui. Vocês dois vão o mais rápido que puderem à aldeia vizinha abaixo do rio; você, à nossa vizinha de cima. Tuia, vá à aldeia do centro da floresta. Conte o que nos aconteceu e diga que se escondam. Alimentem-se, levem alguns alimentos e água. Vão logo!

— É perigoso — falou uma mulher — as crianças terão de caminhar pela mata. Podem encontrar animais ou talvez invasores. Não quero que meu filho vá, já me levaram o marido e meu filho mais velho.

— Se alguém tivesse nos avisado, teríamos nos escondido. Avisaremos os vizinhos. Se alguém que foi escalado não quiser ir, pode recusar.

Os garotos não recusaram. A mulher pediu para ir com o filho. Pegaram lanças, armas, alguns alimentos e partiram.

A esposa do líder organizou as tarefas. Cuidaram dos feridos, colocaram os mortos numa choupana.

— Faremos um grande buraco e enterraremos todos juntos — determinou a senhora.

A mãe de Mua ajudou com os curativos. Assim que todos tiveram os primeiros socorros, ela falou:

— Amanhã cedinho volto para minha aldeia com minhas netas. Sairei junto com o sol. Para vir, caminhei sem parar, fiz esta viagem em dois dias, mas, com as meninas, talvez o faça em quatro dias. Sei onde acampar para passar a noite. Tenho faca e lança para me defender. Terei de levar a menor no colo e, talvez, em alguns trechos, também a maiorzinha. A bagagem será pesada. Tenho de levar alimentos. Mas vou. Minhas netas têm parentes lá. Ofereço minha casa para quem quiser vir conosco.

Uma moça com dois filhos pequenos quis ir.

— Se me levar, vou — disse ela. — Levaram meu marido e meu irmão, mataram meu pai. Sua aldeia com certeza não será atacada, é de difícil acesso. Meus filhos têm seis e cinco anos, podem caminhar e eu a ajudarei.

— Temos um casal de órfãos — disse a líder. — A mãe morreu há dois meses e o pai foi levado. A menina tem nove anos, e o menino, quatro anos. Pode levá-los?

— Sim. Vamos arrumar o que levar.

À noite, o garoto que fora procurar os três homens que estavam caçando voltou com os caçadores. Os homens planejaram, no dia seguinte, enterrar os mortos.

A sogra de Uba com as netas e os que iam com ela partiram no dia seguinte.

Eles não choraram mais, estavam tão tristes e simplesmente

faziam o que tinha de ser feito.

A mãe de Mua com a mulher e as crianças fizeram o trajeto enfrentando dificuldades, caminharam devagar, mas chegaram. Todos na aldeia entristeceram-se com a notícia. Resolveram dificultar o caminho até a aldeia e fazer umas armadilhas. Aquela aldeia não foi invadida.

A criança que foi à aldeia abaixo do rio encontrou-a destruída, os invasores também os haviam atacado e levado os homens como prisioneiros. Os sobreviventes pegaram seus pertences e foram se juntar aos que restaram da aldeia de Uba. Juntos, entraram na floresta, foram para um local menos confortável, mas de difícil acesso.

Na outra aldeia vizinha, tiveram tempo de se esconder, porém os invasores aprisionaram alguns homens que saíram para caçar e pescar.

Todos ficaram muito traumatizados, não conseguiram entender o porquê de tanta violência de pessoas parecidas com eles, porque tinham olhos, nariz, orelhas, boca, pernas, mãos, diferenciando-se somente na cor da pele.

2

No navio

O grupo de jovens homens caminhou rumo ao rio. Caminho que tantas vezes foi feito por Uba, só que daquela vez ele não reparou em nada.

— O que aconteceu? Para onde vamos? — gritou um dos prisioneiros.

Um branco falou algo que eles não entenderam. Babau repetiu:

— Já falei que vocês serão levados para longe. Vamos de canoas até um local, uma aldeia grande, com moradias diferentes, de onde se vê o grande rio, aquele de que falávamos, do qual não se vê a outra margem. Irão para outras terras trabalhar. Serão escravos!

— Escravos? O que vem a ser isso? — perguntou Uba.

— Pessoas que trabalham para outras, obrigadas — respondeu Babau.

— Traidor! Covarde! Que formigas comam sua língua! — desejou outro preso.

— Ai! Ai! — gemeu um jovem.

Dois dos companheiros que estavam ao seu lado

ampararam-no e viram que ele estava mais ferido do que os outros, a arma que cuspiu fogo o machucara abaixo de seu braço direito e estava sangrando.

— Ele está ferido! — falou um que estava ao lado dele a Babau.

Babau aproximou-se, viu o ferimento. Falou diferente, a língua dos invasores. Pararam. O líder aproximou-se para ver o prisioneiro.

O jovem de dezesseis anos estava enfraquecido, talvez não conseguisse andar mais, perdera muito sangue.

— Por que você não falou que estava ferido? — perguntou Uba. — Talvez eles deixassem você na aldeia.

— Vi em sonho, na noite passada, que a morte vinha me buscar. Quando vi a invasão, senti que iria com a morte para a terra que não escurece. Foi somente depois que me amarraram que senti que estava machucado. Olhei para minha mãe e vi em seu olhar muito sofrimento. Calei-me. Sempre se tem esperança de retorno quando se parte. Não quis tirar a esperança de minha mãezinha. Agora, estou mal.

Soltaram-no e o deixaram deitado no caminho. Puxaram os demais pela corda.

— Não! Não! — gritaram os prisioneiros. — Não o deixem aqui!

O líder falou e Babau repetiu.

— Ele está morrendo e não podemos carregar mortos. É melhor andar.

Os dois da frente pararam, recusando-se a andar. Ouviram o estalar do chicote, aquele trançado de couro, que, por duas

vezes, com muita força, atingiu as costas deles, machucando-os. Ferimentos que sangraram.

— Obedeçam! — gritou Babau. — Se não, serão castigados.

— Por favor! — pediu o jovem ferido. — Estou morrendo. Faça isso na minha terra. A morte me buscará em instantes. Vão, por favor!

Voltaram a caminhar. Uba olhou para o jovem, o conhecia desde que nascera.

O jovem, logo após, teve as funções do seu corpo físico paradas. Desencarnou.

O grupo aproximou-se do rio. Uba viu sua armadilha escondida atrás da pedra. Margeando o rio, andaram por mais duas horas. Viram algumas canoas. Tiraram a corda forte, corrente, de seus pés, mas continuaram com as mãos amarradas atrás das costas e foram acomodados nas canoas, sentando-se no fundo delas. Desceram o rio. Não se atreveram a pular nas águas. Sabiam que seria difícil nadar com as mãos para trás e amarradas; depois, foram ameaçados de serem feridos com a arma de fogo.

Viajaram por três dias, parando à noite, quando deitavam na terra, um ao lado do outro. As mãos a noite eram amarradas à frente ao corpo. Tomavam água do rio e se alimentavam ao amanhecer, à tarde e à noite, recebendo uma pequena porção de alimentos. Entardeceu. No quarto dia, estava quase completamente escuro, quando pararam. Avisaram que haviam chegado. Foram obrigados a descer.

Iluminados por tochas, caminharam por terra batida por uns trezentos metros e entraram num galpão. Para eles, uma

choupana enorme, muito alta com toras de madeira no meio. O local tinha somente uma porta.

— Que lugar é este? Que construção alta! — perguntou um deles depois de bater nas paredes. — É forte! Não se consegue derrubar.

Um dos invasores desamarrou-os. Sentiram-se aliviados por poder movimentar os braços e colocá-los à frente do corpo. Babau entrou no local.

— Estou aqui para explicar a vocês: são prisioneiros! Ficarão com as mãos livres. Mas acorrentados, presos pelos pés e uns aos outros. Aqui é muito seguro, não têm como escapar. Depois, eles têm armas que matam. Ficarão neste local por um tempo. Aqui, neste canto, tem água, alguns alimentos e folhas de remédios. Tomem água, alimentem-se, cuidem de seus ferimentos e depois descansem. Duas tochas ficarão acessas à noite.

Saiu, não respondendo às perguntas que alguns prisioneiros lhe fizeram:

— Não veremos mais nossa aldeia?

— Por que somos prisioneiros? Não estamos em guerra.

— Seremos separados para sempre de nossas famílias?

Quando Babau saiu, Juá falou:

— Prometo, pela terra na qual corre o rio, que me vingarei de Babau até depois da morte nas terras escuras.

— Irá para as terras escuras para se vingar dele? — perguntou um jovem.

— Se morrer e for para a terra da luz, saio e vou atrás de Babau na terra escura, porque ele só poderá ir para lá. Traidor!

— Vamos nos alimentar e cuidar dos ferimentos — aconselhou Dali.

Dali era filho do líder, todos na aldeia sabiam que ele ficaria no lugar de seu pai. Era um bom homem.

Como estavam presos pelos pés, foram para o canto e tomaram água; alguns se alimentaram, e todos lavaram os ferimentos.

Uba lavou o corte na sua cabeça, colocou folhas que costumavam usar para cicatrizar os ferimentos e o fez também no seu rosto, nos joelhos e nos pulsos. Todos estavam feridos nos pulsos, pois, querendo se soltar, as cordas os feriram.

— Vamos descansar. Estamos exaustos — falou Dali. Acomodaram-se no chão, onde havia palhas.

— Vamos pedir proteção à Grande Mãe Terra para nós e para os que ficaram. Que nossos mortos estejam na terra da luz, onde não escurece — rogou Dali.

Escutaram suspiros e choros. Depois, cansados, dormiram.

Uba acordou, deu um pulo e ficou de pé.

— Que sonho! — exclamou. — Não é sonho!

Sentou-se e olhou onde estava; por pequenas frestas, entrava alguma claridade. As tochas se apagaram. Olhou para o grupo, alguns ainda dormiam. Os que estavam acordados estavam como ele, assustados.

— Pensei que acordaria na minha choupana — lamentou Uba —, junto a Mua e minhas filhas. Mua está na terra da luz, e minha sogra irá levar minhas filhas para a aldeia da montanha; com certeza, lá, os invasores não irão.

Uba chorou. Passou em sua mente as cenas da invasão, as

mortes daqueles que amava, da violência dos esbranquiçados.

— Esses homens são piores que os demônios! — exclamou Uba.

— São os próprios! — afirmou Juá. — Além de serem muito feios.

Todos acordaram, estavam tristes, sofriam. A porta se abriu, um homem ficou na entrada com aquela arma mortífera apontada para eles, e uma mulher entrou no galpão com cestos. Colocou alimentos no canto, voltou à porta por algumas vezes, colocou água, as folhas de remédio e depois saiu.

— Vamos nos alimentar — pediu Dali.

O dia passou lentamente. A mulher voltou à tardinha e colocou, como de manhã, as provisões, porém em maior quantidade. Ao anoitecer, escutaram barulhos, gritos, escutaram vozes e entenderam que alguns falavam a língua deles. Levantaram-se e ficaram atentos, escutando. A porta se abriu e, horrorizados, viram outros prisioneiros serem obrigados a entrar.

— Cuidem deles! — Babau falou e saiu.

Os invasores desamarraram as mãos dos novos prisioneiros.

— Vamos ajudá-los — determinou Dali.

Eram seus vizinhos, os moradores da aldeia de baixo. Auxiliaram-nos com os ferimentos, a tomar água e a se alimentar. Um jovem estava muito ferido.

— Ele foi açoitado — contou um outro.

Ajudaram a levá-lo para o canto. Dali cuidou dele.

— Houve muitas mortes — contou um deles. — Fomos atacados, amarrados, obrigados a andar e, no rio, fomos

colocados em canoas e nos trouxeram para cá. Babau falou que, se obedecêssemos, não seríamos castigados, que a encomenda que tinham era de homens jovens e fortes. Seremos vendidos!

O moço que foi açoitado estava muito ferido. Contou que, revoltado por deixar sua aldeia, seus pais e a mulher amada, não queria ir, parou e se recusou a andar. Jogou-se contra um invasor, tentando atingi-lo com a cabeça e ferindo seu queixo, por isso lhe bateram com a trança de couro, o chicote.

Ficaram conversando, contando o que viram e que sentiram, depois foram dormir. Na noite seguinte, outro grupo de prisioneiros chegou. Estes lhes eram desconhecidos, pertenciam a outra aldeia que não era vizinha. Embora falassem diferente, muitas palavras eram parecidas. Esse grupo foi entender o que acontecera ali, no galpão. Somente sabiam que haviam sido atacados, não compreenderam por quê, ninguém lhes explicou, não entendiam o que os brancos falavam. Viram, horrorizados, os mais velhos serem mortos, e eles, amarrados e obrigados a andar. Dali tentou explicar o que acontecia a eles. Porém, nenhum dos prisioneiros entendia o que estava ocorrendo.

Todos estavam feridos nos corpos e bem mais nas almas. Um ajudava o outro, sentiam medo, estavam angustiados pela incerteza. Dali passou a ser líder, por ser coerente, bondoso e prestativo. Receberam alimentos em abundância, ervas para os ferimentos e água fresca. Os ferimentos dos corpos cicatrizavam, mas os da alma, com certeza, demorariam mais tempo.

Seis dias se passaram. À noite, Babau entrou no galpão. Eles gritaram, xingando-o.

— Parem! — pediu Dali. — É melhor escutá-lo.

Ele falou para os prisioneiros:

— Amanhã, logo que o sol nascer, partirão. Entrarão na grande canoa, que se chama “navio” e irão para o grande rio, que se chama “mar”. A viagem demorará muitas luas. O mar é grande mesmo. Ficarão todos juntos num local fechado. Quando chegarem em terra novamente, tudo será diferente. “Branços”, assim se chamam os esbranquiçados, comprarão vocês dos homens do navio; irão para as moradias deles e lá trabalharão. O homem branco me disse isso. Ele pediu para lhes falar que, se forem obedientes, fizerem o que mandarem, serão bem tratados.

Todos ficaram calados, escutando-o. Babau saiu.

Comentaram e concluíram:

— Não temos como fugir. Talvez o melhor seja fazer o que eles querem.

Revoltaram-se: uns choraram, outros rogaram aos deuses pedindo auxílio. Todos sofriam, e muito. Não entendiam. Por que os tiraram de suas aldeias? Mataram muitos? Por que seriam levados para longe?

No outro dia, logo cedo, a porta se abriu, trouxeram alimentos, pediram que se alimentassem. Depois, com gestos, pediram para sair. Foi bom ver o sol. Caminharam calados, todos acorrentados pelos pés. Viram o rio e continuaram andando, admirados, observando o grande rio, o mar. Entraram nas canoas, e os homens armados vigiavam-nos. Subiram no navio. Tudo era novidade, acharam o navio muito grande. Uba olhou a terra. Seu olhar, como o de todos, era de tristeza. Ele sentiu que, naquela vida, não veria mais seu lar.

Foi ordenado que descessem. Viram um buraco e, por uma

escada, foram descendo. Todos os prisioneiros foram para o porão. A escada foi retirada, e a porta, fechada. O local tinha pouca claridade. Ficaram calados, assustados e com medo. Escutaram vozes. De repente, a porta se abriu e jogaram uma pessoa igual a eles de lá de cima. A diferença é que seu corpo estava coberto com aquelas folhas engraçadas que descobriram ser roupas.

— Com certeza — comentou um prisioneiro —, por eles serem muito feios, se cobrem com aquilo que lembram folhas diferentes das que conhecemos.

O prisioneiro caiu de pé, sentou-se e cobriu o rosto com as mãos. Todos olharam curiosos. Dali foi ajudá-lo e, ao segurar seu braço, afastou-se.

— É Babau!

Olharam-no com ódio.

— Mato você! — Juá foi para perto dele.

— Não! — ordenou Dali. — Vamos nos acalmar. Precisamos saber o que aconteceu. Conte-nos, Babau. Não era amigo dos invasores? Não traiu sua raça? Por que está aqui? É para vigiar-nos? Ou irá conosco? Fale!

Babau continuou calado. Juá avançou com as mãos estendidas, com intenção de lhe apertar o pescoço. Dali impediu.

— Pare! Matá-lo não adianta.

Juá afastou-se porque Uba e outros dois o puxaram pela corrente.

— Fale! — ordenou Dali olhando para Babau.

— Estou prisioneiro! Fui enganado! Banido das aldeias, fui para a cidade dos brancos. Lá, o líder me deixou ficar, me deu

roupas, alimentos e afirmou que seria como eles, teria casa e poderia ter esposa, isto se trabalhasse para eles. Eram negociantes, vendiam coisas.

— Essas coisas somos nós! — gritou Juá.

— Deveria levá-los às aldeias da região: eles pegariam homens jovens, pois tinham encomendas para levá-los a outras terras para trabalhar.

— Você os levou e nos traiu — disse um homem.

— Eles iriam de qualquer jeito — defendeu-se Babau.

— Você facilitou — falou Dali. — Sabia a localização das aldeias, mostrou a eles onde poderiam encontrar a mercadoria. Se não fosse pela sua atitude, os brancos teriam de nos procurar e, com certeza, os teríamos visto e fugido. E, quando você não servia mais, porque conhecia somente essas quatro aldeias, foi descartado. Duas aldeias foram invadidas. Por que não as outras duas? Responda!

— Penso — respondeu Babau — que foram avisados. Quando chegaram lá, encontraram tudo vazio, eles se esconderam nas matas.

Babau estava assustado, sentia medo. Ficou de cabeça baixa, não tinha coragem de encará-los.

— Quem trai é traído — disse Juá, que estava enfurecido.

— O que aconteceu depois? — perguntou Dali.

— Esperava a recompensa. Quando foram trazidos para cá, o líder me disse: “Vamos até o navio para você conhecê-lo”. Quando chegamos, olhei tudo, admirado. Vi o líder receber o pagamento, e ele me disse: “Vendi você também. É negro! Não tem mais serventia! Coloquem-no no porão!”. Não deu tempo

nem de falar. Fui agarrado pelos braços e jogado aqui.

— O que faremos com ele? — perguntou um prisioneiro.

— Nada! — respondeu Dali. — Ele terá a mesma sorte que nós. Juá, acalme-se! Babau será castigado. Se matá-lo, ele com certeza irá para a terra da escuridão e aí sofrerá menos. E você, ao matá-lo, estará condenado a ir também para lá. Ele merece algo pior que a morte.

O lugar era apertado e abafado. Depois de umas três horas, um homem desceu no porão e um outro ficou olhando pela porta, do alto, com uma arma apontada. O que entrou abriu os grilhões dos tornozelos dos prisioneiros. Tirou-os de todos. Pegou aquelas correntes e deu para o outro, que as levou. Depois falou compassadamente, palavras soltas, e entenderam:

— Ficarão presos neste local. Um de vocês subirá para ver onde estão, isto para não tentarem fugir — fez gestos —; comerão duas vezes por dia, economizem água. Terão somente, por dia, esta aqui.

Mostrou um barril.

— Quem vai? — perguntou o homem branco.

Esforçaram-se para entender. Olharam para Dali. Ele se aproximou do homem que, por um gesto, ordenou que subisse a escada.

Dali ficou por uns dez minutos lá em cima, depois desceu e contou:

— O rio é mesmo grande. O mar deles é imenso e suas águas têm muito sal. Ninguém consegue beber. Esta canoa grande que eles chamam de navio é enorme, mas parece na água uma casca de semente a boiar. Por todos os lados só se vê água. Pelo que

entendi, por muitas luas, viajaremos nestas águas. Penso que me mostraram para avisá-los que é impossível fugir e para não nos rebelarmos. As duas opções são sentença de morte. Aconselho-os, peço-lhes para que se esforcem para se acalmar, isso para fazermos esta viagem do melhor modo possível.

A maioria dos que estavam no porão começou a ter enjoos. O navio passou a balançar muito. Havia, num canto, preso a uma corda, um barril para ser usado para as necessidades fisiológicas. E era lá que vomitavam. O navio voltou a balançar menos e puderam dormir.

Os dias eram rotineiros. Percebiam que escurecia e clareava. Logo pela manhã, a porta se abria e dois dos prisioneiros levavam para cima o barril com os dejetos, jogavam seu conteúdo no mar, lavavam-no com água salgada, desciam com ele e trocavam o barril vazio por outro com água. Embora o trabalho não fosse agradável, eles se revezavam para ver e sentir o sol. Babau não era escalado.

O jovem que havia levado muitas chicotadas foi também o que mais sentiu os enjoos, emagreceu muito. Numa manhã acordou com febre alta. Dali cuidou dele. Porém o moço não resistiu e foi para a terra da luz. Ele estava sorrindo quando seu corpo parou suas funções.

Quando a porta se abriu para que buscassem água, Dali mostrou o corpo do jovem. O vigia mandou que dois deles pegassem o jovem e o levassem para cima. Dali e Uba o levaram. Na proa, o homem, com gestos, mandou que jogassem o corpo nas águas. Dali olhou para Uba afirmando com a cabeça. Os dois fizeram o que foi ordenado.

De volta ao porão, Dali falou:

— Não importa o que acontece com o corpo depois que ele morre, o importante é o espírito. Nosso amigo foi com certeza bem amparado e encaminhado para um lugar bonito.

Dias depois, duas vezes por semana, grupos de cinco subiam e podiam ficar por uns trinta minutos no sol. Como era um homem branco quem os escalava, Babau também passou a ir.

Quando Uba viu o mar, achou-o lindo. Como poderia haver tanta água? E por que salgada?

Sentiam-se bem ao sol. O astro rei sempre foi por eles venerado. O sol era vida.

Alimentavam-se pouco, estavam sempre com fome. Por vezes sentiam que o navio parava, escutavam vozes, a porta do porão não era aberta. Depois voltavam a navegar. Quando isso ocorria, por três dias recebiam alimentos frescos, frutas e verduras. Alimentavam-se melhor.

Passaram por duas tempestades. Escutaram trovões, viram os clarões dos relâmpagos. Balançavam muito. Numa delas, pensaram que fossem morrer, ser tragados pelas águas. Sentiram que até os homens brancos temeram.

Para passar o tempo, falavam de si, da família, da dor de não saber o que acontecera com os que ficaram, choravam, rezavam, chamavam por ajuda. Também contavam casos, fatos que aconteceram com eles.

— Uma vez — contou um jovem —, fui encarregado de fazer uma armadilha para pegar uma caça. Fiz com atenção, trabalhei por horas. Armei-a. Mas me preocupei: “Será que ficou correta? Pegarei a caça?”. Fui verificar e fui pego pela armadilha.

Fiquei pendurado. Gritei. Assobieei. Escutaram, e dois companheiros vieram me socorrer. Rimos. Machuquei meus tornozelos. Por tempos, riram de mim.

Embora todos estivessem tristes, riram da história. E Dali sabiamente os incentivou a falar de coisas engraçadas. Entendeu que, em todas as situações, rir faz bem. E contou:

— Um dia, minha sogra estava na minha choupana. Ela estava brava comigo porque queria que eu desse mais atenção à filha dela, minha esposa. Estava com a lança na mão, um dos meus filhos esbarrou em mim e, involuntariamente, bati com a lança nela. Minha sogra pegou a lança e a bateu com força na minha cabeça, que fez um corte e sangrou. Na hora ninguém riu. Mas depois e longe de minha sogra, rimos bastante. Escutei: “Dali apanhou da sogra!”.

— Seus sogros foram mortos! — falou um deles.

— Sei. Eu vi — disse Dali. — Minha mãe com certeza liderou os que ficaram. Ela é sábia! Minha esposa ficou com meus três filhos.

— O que pensa que eles fizeram? — perguntou um jovem.

— Sabíamos de um local para morar de difícil acesso na floresta mais fechada. Mamãe conhecia este lugar. Com certeza foram para lá. Os que ficaram sabiam que seria perigoso continuar na mesma aldeia, agora conhecida dos invasores. O melhor é pensar que eles se reuniram, os que restaram das aldeias invadidas, e foram para um lugar diferente e seguro.

Babau foi isolado. Dali dormia perto dele para evitar que alguém o matasse. Ninguém conversava com ele. O alimento era repartido, ele recebia menos. Por umas cinco vezes ele gritou

pelo comandante do navio, exigia que fosse solto, ninguém lhe respondia.

Numa das conversas ele se atreveu e falou:

— Sei que fiz algo errado na minha aldeia.

— Sabemos que o fez — interrompeu um dos prisioneiros.

— Sou da sua aldeia. Você não levou os brancos lá, me prenderam ao me encontrar caçando. Você não trabalhava, não fazia sua parte nas tarefas, era mentiroso, provocava brigas. Foi indelicado com uma moça e o pai dela lhe bateu. O líder reuniu um conselho e decidiram expulsá-lo. Com certeza, em nossa aldeia, eles souberam o que fez. Seus pais e irmãos devem estar envergonhados.

— Eu não toquei na garota, somente tentei conquistá-la — defendeu-se Babau.

— Ela era prometida. Isso é como se fosse casada — falou o outro.

— Não encontrei abrigo nas aldeias vizinhas — queixou-se ele.

— Ninguém quer como morador alguém que não procede bem — opinou Dali.

— Para não viver sozinho, desci o rio e encontrei a aldeia maior, que eles chamam de “cidade”. Para viver lá, alimentar-se, tem de se trabalhar. Comecei a fazer alguns trabalhos. Um homem branco me convidou para trabalhar com ele, me deu roupas, onde morar e bastantes alimentos. Em troca, tinha de levá-los às aldeias que conhecia. Quando fiquei sabendo o que teria de fazer, pensei antes de aceitar e o fiz para me vingar de todos pelo castigo que me deram e também porque ganharia

dinheiro. Eles não usam a troca para ter as coisas. Usam dinheiro, que pode ser de papel, parecido com folhas, cortadas certinhas e com desenhos, ou metal redondo.

— Traidor! Se não fosse Dali para defendê-lo, estaria morto!
— exclamou Juá.

— Não deu certo — lamentou Babau. — Dali tem razão. Quem trai com certeza um dia será traído. Depois que os levei às aldeias e vocês ficaram presos, continuei trabalhando para eles. Quando o navio chegou, e vocês foram para ele, recebi o dinheiro prometido. Meu patrão me convidou para conhecer o navio. Admirei-me em vê-lo. Eles conversaram, o comandante e meu patrão, e vi-o receber o dinheiro pela venda da mercadoria. Aí ele me tomou o dinheiro, dois homens me pegaram e escutei: “Você não serve mais, negro! Não sabe de mais aldeias. Merece ir junto. Estou vendendo você!”. Então me jogaram aqui.

Somente Dali sentiu pena de Babau. Continuaram ignorando-o, mas, às vezes, algum deles o xingava.

— Não devemos — pediu Dali — culpar ninguém pelo que nos acontece de ruim. Atos externos, pessoas, podem, por momentos, desencadear acontecimentos ruins. Mas nada nos ocorre se não merecermos. Tenho me perguntado o porquê de alguns terem morrido no ataque. Será que eles não mereciam passar por este aprendizado? Mereceram morrer na sua terra natal? Por que os três que foram escalados para caçar se livraram do cativeiro? Por que Juá ia caçar e trocou com Tiá? A Grande Mãe sabe o porquê. Se Ela é justa, o que acontece conosco tem razão de ser. Concluí que o melhor é, em todas as ocasiões, tentar ser bom, ajudar, perdoar e confiar. Quando

tivermos aprendido, quando merecermos, a Grande Mãe mandará a morte nos buscar. Aí veremos nossa terra novamente. E talvez possamos escolher para onde nosso espírito irá voltar.

Calaram-se. Todos ficaram pensativos.

Uba, na maioria das vezes que acordava, por momentos, pensava que estava na sua choupana e, quando isso ocorria, chorava. Sentia um aperto no peito. Sentia falta de tudo. Pensava que, se estivesse na sua aldeia, estaria caçando, pescando, cortando árvores para fazer choupanas ou para reformar alguma outra.

“Talvez”, pensou ele, “fosse atrás dos pássaros com penas coloridas para dar a Mua, ela queria tanto!”.

Numa tarde, a porta se abriu e viram um homem que, lá de cima, olhou-os. Conversou com outro. A porta se fechou, e Babau falou:

— Entendi o que falaram. O que nos olhou é o comandante do navio. Ele falou: “Deu certo desta vez. Perdemos até agora somente um deles. O lucro será grande. O melhor é fazer isto: comprar jovens e fortes e não lotar o porão, dar a eles porção certa de alimentos e água. Agindo assim, não se tem perdas. Um amigo meu trouxe, no ano passado, muitos negros e negras; com o porão lotado, morreram muitos e lhe restaram somente dez. Teve prejuízo”.

— Tivemos sorte! — exclamou Dali.

— Ou muito azar! — lamentou Juá. — O que será que nos aguarda? Como será nossa vida? Como sobreviver sentindo tanta falta do que perdemos?

Ficaram pensativos.¹

3

A espera

— Sinto cheiro de terra! — exclamou Dali.

— Também sinto — confirmou Uba. — Com certeza estamos perto da terra firme.

Logo após, a porta se abriu, um homem desceu e, como sempre, outro ficou no vão da entrada com a arma apontada. Ele olhou para Babau, falou devagar e fez gestos.

— Diga a eles que estamos chegando ao nosso destino. Nesta terra eles falam outro idioma, nem você os entenderá. Se forem obedientes, não serão castigados. Encontrarão muitas coisas diferentes. Quando o navio parar, descerão, entrarão em canoas. Irão para um local e depois para os lugares em que morarão. Estarão vigiados.

O homem subiu, e eles olharam para Babau, que continuou calado.

— Fale, homem! — ordenou Dali. — Não minta! Entendemos um pouco.

Babau repetiu.

Eles aguardaram. Estavam ansiosos para voltar a pisar em terra firme, a viagem fora muito cansativa. A espera lhes dava

ansiedade. O que iriam encontrar? O que os aguardaria? Sentiram o navio parar. A porta novamente se abriu, e a ordem foi que subissem de sete em sete.

Uba sentiu-se aliviado por ver o sol e respirar o ar fresco com cheiro de terra. Fez, como os outros, o que lhes fora ordenado: desceu por uma escada, entrou numa canoa e, com os companheiros, remou rumo à margem com dois homens com armas os vigiando.

Não estavam amarrados. Olharam um para o outro, e Uba comentou:

— Como fugir? Tudo nos é desconhecido. Estamos fracos pelo cansaço da viagem e pelos poucos alimentos que recebemos.

Em duas canoas transportaram quatorze prisioneiros, agora escravos, de cada vez. Aproximaram-se da terra, areia, onde o mar fazia ondas, pararam e desceram, molhando os pés. Um homem apontou para onde deveriam ir. Caminharam uns ao lado dos outros. Entraram numa choupana grande, um galpão. Novamente o local tinha somente uma porta e, quando esta se abria, era para entrar mais negros.

Todos os companheiros de viagem de Uba chegaram e se agruparam. Ali encontraram um outro grupo, e, no outro dia, chegaram outros.

Embora não falassem a mesma língua, se entendiam. Eram de tribos diferentes, algumas longe umas das outras.

Quatro mulheres negras entraram no galpão. Estavam vestidas. Elas sabiam se comunicar com eles.

— Vocês me entendem? — falou cada uma delas.

Agruparam-se em volta da que entendiam. Uba e companheiros aproximaram-se de uma delas, que falou compassadamente para que todos a compreendessem.

— Nosso destino nesta terra é cruel! Todos nós, escuros, com pele assim — mostrou o braço —, somos chamados de “negros”, e os claros, de “brancos”. Estes, é o que eles afirmam, são superiores a nós, são nossos donos. Vocês ficarão neste local pouco tempo. Daqui a três sóis, dias, cada vez que o sol nasce e morre é chamado de “dia”, terá um grande leilão. Uma feira em que serão vendidos como animais. Não fujam! Daqui é impossível sair. Primeiro, esta terra é muito grande, chama-se Brasil. Depois, não saberão para onde ir. Com seus donos, terão o que comer. Eles falam outra língua. Aprenderão com o tempo e pela necessidade. Vocês poderão tomar banho. Ali — apontou a mulher para um canto no fundo direito — tem água corrente. Depois, terão de vestir roupas, que são isto que visto. Os brancos não gostam de pessoas nuas. Logo, alimentos serão servidos. Ao serem comprados, serão, com certeza, separados. Normalmente, separam os companheiros dos navios. Nesses leilões, pedimos, imploramos, para não separarem famílias. Esperamos que nos atendam. Roguem à Grande Mãe para irem para bons lugares.

— A Grande Mãe não teve compaixão de nós! — reclamou Juá.

— Aqui eles chamam a Grande Mãe de Pai e o nome é Deus. A mulher os levou no canto para tomar banho. Por um bambu cortado ao meio, jorrava água fresca, que escorria por um buraco no chão. Um por um, ficavam embaixo d’água, esfregavam-se com as mãos. Sentiram-se melhor com o banho. Os que se

banhavam voltavam à frente do galpão e encontravam muitos alimentos, podendo comer à vontade. Eram frutas, verduras, peixes assados e sementes cozidas, que depois souberam ser feijão. Muitos daqueles alimentos lhes eram desconhecidos. Alimentaram-se.

Mais tarde, as mulheres vieram novamente e se agruparam para entendê-las.

— Aqui estão as roupas. Vistam-se! Vou ensiná-los! Prestem atenção!

Ajudou-os. Os homens vestiram calças; alguns, também camisas. As mulheres, calças curtas e um vestido. O tecido era rústico. Estavam desconfortáveis, mas não reclamaram. Sentiam medo, estavam apreensivos e sem saber o que ia lhes acontecer. Para alguns deles, a espera agoniava.

— Mulher, como fala a nossa língua? — perguntou Dali a uma das senhoras, a que se comunicava com eles.

— Meus pais — respondeu ela — vieram, como vocês, no navio. Eles me ensinaram a falar como o faziam no seu lar livre. Isso ocorreu com as outras três. Por saber, fomos encarregadas dessa tarefa e, com o tempo, aprendemos mais. Somos escravas de um senhor que é dono deste galpão e que recebe por alugá-lo e por organizar o leilão. Somos bem tratadas e não somos presas.

— Vocês aceitaram o cativoiro? — indagou Dali.

— Quando não se tem opção, o melhor é aceitar. Temos tentado amenizar a dor dos que aqui ficam.

Puderam conversar, e os grupos se misturaram.

— Sinto-me impotente — lamentou um homem com

lágrimas nos olhos. — Vivíamos todos na minha aldeia em paz. Vieram os invasores, os brancos, mataram alguns, os velhos, amarraram-nos e nos obrigaram a andar; o fizemos por dois dias até chegar ao rio e, em canoas, fomos levados para um local parecido com este; depois, fomos colocados num navio, em que ficamos num porão superlotado e com pouco alimento.

— No meu grupo — interrompeu outro preso —, ficamos amarrados uns aos outros e em árvores por cinco dias esperando para ir para o navio. Estamos vivendo um inferno desde que saímos de nossa aldeia. E essa espera é também angustiante. Cansei de esperar. Primeiro amarrado em árvore, depois no navio, no porão, e agora em terra firme, aqui, para ir a esse leilão.

Concordaram com ele. Todos olharam para o que fora interrompido, convidando-o a continuar contando, e ele o fez.

— Vim com minha mulher e três filhos. Meus dois filhos mais velhos, quando houve a invasão, estavam em outro lugar, haviam ido caçar. Penso que escaparam, talvez tenham se escondido na floresta. Foi tudo muito triste. Um dos meus filhos, que veio conosco, ficou doente, deve ter sido pelo alimento, vomitava e estava com diarreia, teve febre, ficou muito enfraquecido. Um branco o pegou, falou que ia levá-lo para cima. Pensamos que ia receber cuidados e sol. Como não voltou, minha mulher perguntou por ele e recebeu a resposta de que o garoto morrera. Desconfiamos que o jogaram no mar vivo. Afogou-se. Fico pensando se não foi melhor. Menino inocente, com certeza, foi acolhido pela Grande Mãe na terra da luz. Foram dez que contraíram essa doença e jogados ao mar. Aí eles

passaram a nos dar mais água e alimentos, assim como a permitir que fôssemos tomar sol em grupo de quatro.

Todos prestavam atenção, até aqueles que não entendiam tudo o que ele falava.

— O pior — continuou ele a contar — foi que foram muitas as vezes que levaram as mulheres para cima e as estupraram — ele chorou. — Vi minha mulher ser levada e voltar humilhada, machucada no corpo e na alma. Ela ficou grávida. Terá um filho do branco. A impotência diante de tamanha violência me feriu profundamente. Penso que nunca cicatrizará. Penso que nunca vou gostar dos brancos.

— Morreram mais além desses dez que ficaram doentes? — Dali quis saber.

— Uma mocinha, ao ser levada pela segunda vez para cima, num descuido do homem que a segurava, pulou no mar e morreu. Um outro, ao tomar sol, tentou apertar o pescoço de um branco, e outro homem atirou nele com a arma que cospe fogo. Ferido, foi jogado ao mar. Foram dias de muita tristeza.

Um outro contou que uma grande tempestade os surpreendeu e que os brancos tiveram de jogar muitas coisas no mar: barris, móveis e, depois, jogaram treze prisioneiros. Escolheram os que pareciam doentes e mais fracos. Dois deles rogaram para não ir, mas foram levados e jogados no mar, que, enfurecido, os engoliu.

A conclusão de todos, após os comentários, era de que os seres brancos eram muito maus. Dali falou compassadamente para todos ouvirem. Ele sabia muitas palavras de outras tribos. Tentou explicar a todos.

— Talvez, por muitas luas cheias, essas imagens nos atormentarão; o que passamos com certeza foi gravado em nossas almas. A Grande Mãe é justa e sábia. Como nossos ancestrais nos ensinaram, para tudo há explicações. Talvez seja verdade que nossa alma, espírito, veste muitos corpos. Não vamos pensar que estamos sendo castigados por vingança, mas repreendidos para aprender a agir corretamente. Com certeza existem brancos bons, como também outros que nem tanto e que estão semeando a má semente para colher dor mais tarde. Embora não tenhamos visto muitos, existem também negros maus, que cometem atos ruins. Devemos ter cautela e bom senso para continuar vivos. Nunca procurar a morte. Sabemos bem que quem procura a morte é levado para a terra da escuridão. Uma nova maneira de viver nos espera. Lembro-os de que sempre teremos ocasião de sermos bons e, por favor, não se esqueçam de que somos irmãos. Ajudem sempre os companheiros de infortúnio.

Babau, assim que entrou no galpão, separou-se dos companheiros do navio, ficou calado perto de outro grupo. Mas Juá contou a todos, falando ou por gesto, o que ele fizera. Que era um traidor.

— Também no nosso ataque, houve um traidor — contou um homem. — Enquanto caminhávamos amarrados, uma mulher mais velha que fora deixada na aldeia nos seguiu, escondeu-se atrás de uma árvore e pulou em cima do traidor, ferindo-o com uma faca. Um branco atirou nela, que morreu na hora; o traidor foi deixado lá ferido, deve ter morrido horas depois.

Passaram a olhar para Babau com raiva.

— Como nos avisaram, seremos separados — lamentou Juá.

— Tomara que não o façam com as famílias — rogou Dali.

— Quem for com Babau que prometa infernizar sua vida. Ele merece! Arrependo-me de ter obedecido Dali e não o ter matado no navio. Aqui é impossível, homens armados nos vigiam o tempo todo.

— Não façam isso! — pediu Dali. — Não coloquemos raiva em nossas vidas. Teremos com certeza nossas dificuldades, cuidemos de nós, e os aconselho a não ter rixas entre os de nossa raça. A Grande Mãe sabe o que ele fez e o que nós faremos.

Dali juntou o grupo que viajara com ele e rogou:

— Juá, preste atenção! Quando ferimos um animal, ele se torna mais raivoso e perigoso. Quando um ser humano é mau, ele está sempre preparado para agir errado e planejando maldades. Os maus conseguem prejudicar os bons por estes não terem malícia. Porém, eles plantam a erva ruim, e a colheita sempre chega, porque encontrarão alguém pior do que eles e mais espertos. Não tenham a maldade como objetivo. Aconselho-os: se alguém for com Babau, lembre-se apenas de que ele não é confiável e que sabe fazer maldades, que é fingido e bajulador. Com pessoas assim, temos de ter cautela.

Eram vigiados o tempo todo. Eles não se importavam que conversassem, traziam alimentos, podiam tomar banho quando quisessem. As quatro mulheres, duas vezes por dia, entravam no local, explicavam como vestir as roupas, respondiam algumas perguntas e tentavam ensiná-los algumas palavras que os brancos falavam ali naquela terra. A senhora que reuniu o grupo

de Uba falou:

— Esta terra se chama Brasil. Brasil! Somos — apontou para seu braço — negros! Os outros são brancos. Somos escravos! Escravos! Alimentos! Noite! Dia! Castigo! Chicote! Água! Dormir! Acordar!

Prestavam atenção e repetiam. Às vezes, achavam engraçadas certas palavras e, mesmo diante de muitas tristezas, sorriam.

“Negros e brancos”, pensou Uba. “Não somos negros como noite sem lua, talvez marrom-escuros, temos dentes brancos, palmas das mãos e solas dos pés mais claras, os lábios avermelhados e a boca vermelha. Nosso sangue é igual ao dos outros. E eles não são brancos, só se for um branco encardido. Branco para mim é leite. Entendi, o fato é que existe a diferença.”

Todos temiam o leilão. Entenderam que ficariam ao ar livre, seriam amarrados, alguns com os cipós duros, que souberam ser correntes. Ficariam em pé, e os brancos pagariam por eles e os levariam para outros lugares. Alguns viajariam para longe. A mulher explicou que entrariam em carroças parecidas com canoas, só que tinham rodas e eram puxadas por cavalos, que pareciam zebras, mas sem listras.

Com eles estava um grupo de vinte e dois negros que não entendia nada. As mulheres não conseguiram se comunicar com eles. Tentavam ajudá-los somente com gestos.

“Está sendo mais difícil para eles”, pensou Uba. “Não entender nada do que acontece é mais sofrimento. Não conseguem compreender por que foram aprisionados, viajaram

no navio e estão aqui.”

— São muitas as informações! — lamentou Uba aos companheiros. — Tudo muito difícil. E essa espera me inquieta. O que virá depois desse leilão? Será que sentirei falta deste lugar? De vocês, meus amigos?

Era o sentimento de todos: inquietação e medo.

Dali conversou com todos, com alguns em particular, e o fez também com Babau; foi ao canto em que estava, falou com ele e, quando voltou para perto dos companheiros, ao ser indagado sobre o que conversaram, contou:

— Pedi para ele pensar na ação má que cometeu, para ele não enganar mais porque ele sentiu como é ser enganado. Que aprenda com seu erro para não errar mais, que nunca mais traia. Que com certeza nos separaremos, mas nos uniremos a outros e devemos ser bons com nossos irmãos de raça.

— O que ele respondeu? — perguntou Uba.

— Não falou nada. Somente ouviu. É o que aconselho a vocês: ajudem, sempre quando lhes for possível, uns aos outros. Teremos nova separação. A primeira, a pior, foi deixar a família, nossa aldeia; a segunda será nos separarmos, pois criamos um vínculo de amizade no infortúnio. Mas faremos novas amizades, e que estas sejam verdadeiras. Não tentem fugir e, se o fizerem, que haja planejamento, que saibam para onde ir, mas, para isso, têm de conhecer o lugar. Pelo que entendi, os brancos querem ter lucro conosco, mas não hesitarão em nos matar. A vida é sempre preciosa. Se quisermos ir, após a morte do corpo, para a Terra da Luz, não podemos procurar a morte do corpo nem ser maus. Lembrem-se de que no futuro poderemos nascer em pior

situação ou em melhor. Isso depende da nossa maneira de agir. Que a Grande Mãe nos abençoe!²

À noite se despediram. A aflição maior era das famílias que poderiam ser separadas.

— Se nos separarmos — disse um pai aos filhos —, lembrem-se de que será somente a separação de corpos, sentirão meu amor a acompanhá-los. Ninguém pode separar nossas almas se formos bons. A Grande Mãe nos reunirá novamente. Cuidem de si mesmos!

Muitos choraram. Pais e mães temiam mais pelos filhos.

— Às vezes — falou uma mãe —, é preferível ver um filho morto do que se separar e nunca mais saber dele.

“Nessa situação, de fato é preferível”, pensou Uba. “Porque sabemos que nossa vida não será fácil nem a dos filhos. Minhas filhas foram para a aldeia do alto do morro. Minha sogra, mulher forte, as criará. Quero, preciso, pensar nelas bem. Entristeci-me ao ver Mua morta, mas foi preferível do que vê-la sendo estuprada pelos brancos sem poder fazer nada.”

Entendeu que muitos ali tinham mais motivos do que ele para estar tristes e com certeza todos ainda iriam sofrer muito.

“Animais presos sofrem muito. E nós estamos sendo tratados com animais.” Uba suspirou tristemente.

Foram raros os que dormiram naquela noite: uns estavam revoltados, outros rogavam à Grande Mãe para socorrê-los. Escutavam-se choros e lamentos. O fato é que todos sentiam medo do desconhecido, por estarem impotentes e por saberem que suas vidas não valiam nada para aquelas pessoas que os prenderam.

Uba ficou observando o grupo que estava ali: era heterogêneo, porém todos sentiam falta de sua terra, de seu lar e de sua família.

Olhou para o casal com os três filhos. Eles estavam abraçados, talvez pensassem que iriam se separar. Sofriam muito com essa possibilidade. Passavam as mãos uns nos outros, olhavam-se fixamente querendo gravar para sempre em suas mentes as fisionomias dos entes amados. Amigos também se abraçaram desejando que tudo desse certo. Dali abraçou os companheiros um por um, aconselhando-os a ter paciência, aceitação, que aprendessem a ser calmos, trabalhar e obedecer. Ao abraçar Uba, falou:

— Meu amigo e irmão, seja corajoso, enfrente a vida. Aceite o que a Grande Mãe lhe reservou. Lembre-se de que temos sempre oportunidades de ser bons.

Foi novamente aonde Babau estava. Todos ali, por Juá ter contado, sabiam que ele era um traidor. Uba acompanhou Dali e escutou:

— Babau, defendi você, sua vida, e não o que fez. Não erre mais, não traia. Use da sabedoria, da bondade, para viver no cativeiro. Talvez os invasores nos achassem, mas alguém os veria nos procurando e nos esconderíamos. Você facilitou. Errou muito. Plantou a má semente e, pior, o fez no coração de muitos de nós, semeou a revolta, a ira e o desespero. Sua colheita não será fácil. Vá em paz e, para o seu bem, não erre mais.

Dali afastou-se, e Uba o acompanhou. Agruparam-se por aldeias. Um consolava o outro. Uba sentiu dor no peito: era angústia, tristeza, incerteza, além da falta do que ficara longe.

O dia clareou, as mulheres entraram no galpão, pediram que se ajeitassem, alimentassem e explicaram, cada uma para o grupo que conseguia entendê-la. Uba escutou da mulher os que estava ajudando:

— Somos também escravas, nosso trabalho é este: quando chega a carga, cuidar dos prisioneiros. Vou dizer o que acontecerá com vocês: serão presos com correntes, aquele cipó duro de que é impossível se livrar, pelos tornozelos, e amarrados pelos pulsos com as mãos para a frente do corpo. Se tentarem fugir, colocarão uma argola no pescoço, o que é muito pior. Ninguém nunca fugiu daqui. Não faz muito tempo que um jovem pulou da carroça na qual estava sendo transportado e foi ferido com a arma de fogo e deixado onde caiu para morrer. Aconselho-os a obedecer; embora seja difícil, é a melhor opção. Vocês, ao ir ao pátio, verão negros, além de vestidos, andando normalmente. Eles são escravos, mas não estão presos porque aceitaram, como nós, a situação. Vocês sairão do galpão, irão para um espaço aberto, ficarão em pé, e muitos brancos os olharão. Talvez alguns queiram ver seus dentes. Abram a boca e mostrem. Isso é costume deles. Quando comprados, serão levados pelos seus donos à moradia deles. Muitos de vocês irão para fazendas com grandes plantações e criações de animais. Alguns viajarão por dias. Esta terra é muito grande. Pedi, pedimos, minhas amigas e eu, para os mercadores não separarem famílias. Muitas vezes eles nos atendem. Desejo a vocês boa sorte e que tenham bons donos. Vamos formar a fila, as famílias fiquem perto.

Abriram a porta, e dois homens colocaram as correntes nos

seus tornozelos e amarraram os pulsos com cordas.

Uba ficou na frente da fila, estava ansioso pela espera. Um homem colocou as argolas em seus tornozelos, separando os pés por uma corrente de quarenta centímetros. Ele, como os outros, sabia bem que, se forçassem para se soltar, se machucariam e não se soltariam. Esperou. Quando todos foram acorrentados, as mulheres somente pelos pés, andaram devagar. As mulheres que os ajudaram no galpão acompanharam-nos repetindo algumas ordens. Viram um espaço aberto.

— Aqui é a praça do comércio — explicou a mulher. — Devem ficar aqui.

Pararam. Um homem os organizou no espaço: deixou as famílias juntas, os mais velhos do lado direito, e as mulheres, em grupo bem menor, do lado esquerdo. Uba olhou tudo curioso. Alguns homens brancos começaram a chegar.

“Como são feios!”, pensou Uba.

Entendeu o que estava acontecendo, estavam sendo negociados. Perguntavam o preço, pediam abatimento, negociavam. Por vezes, o negociante pedia para abrir a boca. Uba fez isso por três vezes. Envergonhado, humilhado, não quis ver mais. Abaixou a cabeça.

— Filho! Filho!

Escutou uma mulher gritar chorando. O casal foi comprado por uma senhora com os dois filhos menores, porém, o mais velho ficou.

“Que despedida triste!”, pensou Uba. “Lembro-me de que uma vez peguei um macaco filhote e a macaca mãe gritou desesperada. Arrependo-me. Se animais sentem, nós sentimos

mais. Que irresponsabilidade de quem faz isso. Com certeza passarão por dor igual!”

Viu Dali ir embora, seus amigos e companheiros serem vendidos. Juntaram os que ficaram. Ao seu lado, ficou um escravo com argola no pescoço. A mulher lhes deu água. Uba tomou, estava com sede.

— Ele tentou fugir? Está com argola no pescoço — Uba perguntou à mulher.

— Esse escravo é conhecido por aqui. Não presta para nada. O dono dele trouxe para ser vendido, não o quer mais. Nesse caso, vende barato e quem compra sabe que é um escravo difícil. Seu dono é boa pessoa. Com certeza quem o comprar saberá ser cruel com os indolentes. Aquela mocinha que chora causa muita pena, seu dono a está vendendo porque precisa de dinheiro. Pedi para uma senhora bondosa para a comprar. Lá vem ela! Sinhá Chica! É essa a moça! — gritou a mulher.

Uba viu a senhora negociar e levar a mocinha; Uba suspirou aliviado. Viu um senhor branco olhando-os, sentiu que era arrogante, aproximou-se do preso com a argola no pescoço. Deu um sorriso cínico de gelar e o comprou. Uba pensou que o escravo com a argola no pescoço também sentira.

“Talvez ele tenha se arrependido de sua rebeldia”, pensou Uba. “Com certeza não será fácil ter esse dono. Tomara que esse senhor não me compre.”

O senhor afastou-se, puxando o escravo pela corrente. Uba viu Babau ser comprado e colocado junto de um grupo de sete escravos. Um jovem de sua aldeia estava junto.

“Logo todos saberão o que ele fez. Tomara que Babau não

maltrate meu companheiro”, desejou Uba.

Aproximou-se um homem, olhou-o, examinou-o, negociou e o comprou.

Uma das mulheres que cuidaram deles lhe falou baixinho:

— Carne barata é a do negro!

— Eles vão nos comer? Serei alimento? — Uba se assustou.

— Não! — a mulher sorriu. — Uns nos vendem e outros nos compram. E quem nos compra, o que adquire? Pessoas? Não! Animais? Não somos! Então penso que compram carne. E é barato! Vá em paz! Não conheço quem o comprou, só sei que irá para longe.

A mulher se afastou e ele ficou ali parado. Agruparam sete homens e duas mulheres. Não eram da mesma aldeia. Conheceram-se no galpão. Calados, de cabeças baixas, esperaram.³

4

A viagem

O homem branco que os comprou, por gestos, mostrou o galpão. Entenderam que deveriam ir para lá. Entraram no local em que já haviam ficado. Três das mulheres que os haviam ajudado estavam lá. O homem conversou com elas, que vieram para perto deles e explicaram.

— Vieram aqui para se alimentar. Podem pegar o que comer e, enquanto o fazem, vou repetir o que o homem branco falou: logo partirão. Esse senhor que os comprou é um empregado.

— O que é “empregado”? — perguntou Uba.

— É uma pessoa que trabalha para outra, porém recebe um ordenado por isso.

— Escravo é o que trabalha e não recebe nada, não é?

— Só que empregado pode sair do emprego e procurar outro, e escravo não — respondeu a mulher. — Ele comprou cinco para o senhor que trabalha, além das duas mulheres e desse jovem para uma senhora que reside numa pequena vila. Você — mostrou um outro escravo, o mais velho do grupo — ficará logo após, foi adquirido para morar também numa vila. E vocês cinco viajarão por muitos dias. Irão para uma fazenda.

O homem soltou as mãos deles. Alimentaram-se. Ali estavam, além dos nove, outros grupos que também se preparavam para viajar.

Assim que se alimentaram, o homem, com gestos, apontou para fora. Viram uma carroça puxada por dois cavalos. Observaram atentos. Mostraram que era para entrar e sentar. Acomodaram-se. Três homens brancos os acompanhariam. Um à frente dirigia os cavalos. E os outros dois homens montaram em outros dois animais. Partiram. Num ritmo cadenciado, foram se afastando do local onde estiveram. Foi então que viram que havia muitas casas, as choupanas diferentes, como também viram muitas pessoas, brancas e negras, andando por entre as casas.

Os nove estavam assustados e apreensivos. Tudo era novidade, tudo muito diferente.

“Mais uma partida! Ó, Grande Mãe! Tenha piedade de nós!”, rogou Uba.

O aglomerado de casas ficou para trás. Horas depois fizeram uma parada, tomaram água e continuaram. Nenhum deles estava com vontade de conversar, ficaram calados. Era de tardinha, o sol já se escondia no horizonte, quando se aproximaram de outras casas.

— É uma vila. Vamos parar e pernoitar aqui — falou um dos homens que estava montado no cavalo.

Foi então que Uba prestou atenção nos três homens brancos que estavam com eles. O que dirigia a carroça era o mais novo, parecia feliz, estava alegre e às vezes assobiava. O outro, no cavalo, estava preocupado, atento, observava tudo com atenção.

O outro era, com certeza, o chefe, tinha mais idade, porém longe ainda de ser idoso. Parecia educado, estava sempre olhando os escravos. Era o responsável por todos. Escutou os outros dois chamarem-no de Honório.

Pararam, desceram e, mesmo com as correntes nos tornozelos, foi agradável andar. O homem mostrou a eles para entrar numa casa.

Uma tocha clareava o local. Mais por gestos, entenderam o que Honório falou:

— Aqui tem água, esta é para beber, e aquela, se quiserem se banhar; aqui irei colocar alimentos. Ali podem dormir. Amanhã cedo partiremos.

A porta foi fechada. Uba foi para um canto, tirou a roupa, jogou água em seu corpo, depois vestiu-se novamente. Trouxeram alimentos. Comeram.

As duas mulheres ficaram perto uma da outra. Fizeram uma roda, sentaram-se no chão e conversaram. Embora falando línguas diferentes, muitas palavras tinham o mesmo significado e, para se entender, faziam muitos gestos.

— Ela, Catu, tem medo de homens — contou a mulher mais velha. — Desde que saiu de sua aldeia, eles a estupram. Só no galpão que não. Apreensiva, teme que alguns deles venham buscá-la. A coitadinha sofreu, sofre, muito.

Uba a olhou penalizado. Catu era uma moça que, para o gosto dele, era feia. Observando-a, notou que tinha os traços mais delicados, nariz parecido com o dos brancos, assim como também os lábios.

“Talvez os brancos a achem bonita!”, pensou ele.

— Sofri muito! — suspirou Catu. — Não me matei por dois motivos: não tive como e porque prometi à minha mãe. Os invasores atiraram nela na minha frente, minha mãezinha caiu nos meus braços e pediu: “Catu, filha de meu ventre e do coração, não se mate! Vejo nas minhas visões que você já cometeu esse ato ruim. Prometa, filha!”. Respondi: “Sim, mamãe, prometo!”. Ela morreu, e um homem me amarrou, fomos obrigados a andar, o fizemos por dias, viajamos de navio, fomos para o galpão, e estou aqui. Penso aflita: “O que estará sendo reservado para mim? Serei sempre usada pelos homens brancos?”.

Abaixaram a cabeça. Uba e os outros sentiram vontade de consolá-la, dar esperança a ela. Mas o que falar? Um dos jovens perguntou:

— Sua mãe lhe falou mais sobre o que você fez?

— Mamãe me contava que eu era diferente desde que nasci. Que, quando ela me pegou pela primeira vez, arrepiou-se e sentiu tristeza. Aconselhava-me sempre a orar e falava que quando sofremos estamos aprendendo. Quando recebemos uma maldade, sofremos e deveríamos aprender para não fazer com ninguém a ação que nos causou dor.

— Não entendi! — falou o jovem.

— Nem eu, mas cumprirei o que prometi à minha mãe — determinou Catu.

— E você — mostrou a outra mulher —, também foi estuprada?

— Sim, no navio. Estou muito revoltada. Muito! O ódio fez morada no meu coração. No dia em que aconteceu a invasão na

minha aldeia, meu marido e minhas duas filhas tinham ido à outra aldeia para visitar meus sogros. Eu não quis ir por não gostar de minha sogra. No ataque, um dos meus filhos, ao defender a esposa, foi morto, e ela, ferida; foram deixados lá. Meu outro filho foi amarrado e caminhamos juntos por dois dias; depois, o grupo foi dividido e nos separamos. Logo depois, outros prisioneiros se juntaram a nós, foi então que conheci Catu. Caminhamos até o navio. Tinha uma família grande e fiquei sozinha. Não sei deles. Quero muito que meu marido e as duas filhas tenham se escondido. Mas e se eles foram capturados? As duas são jovens e bonitas. Terão tido o mesmo destino de Catu? Vi um filho morto, a nora ferida, suas duas filhinhas chorando perto deles. Com certeza os que ficaram cuidarão delas. Serão, no futuro, aprisionados? E meu outro filho, para onde foi?

— Tenho lutado para não ser dominado pelo ódio — disse o escravo mais velho. — Tanto eu como ela — mostrou a mulher — temos razão para odiar. Somos de aldeias vizinhas. Sou viúvo e estava me preparando para casar novamente. Visitava a aldeia em que ela morava para escolher uma noiva. Conheci uma viúva e estávamos nos entendendo. A aldeia foi atacada. Fui preso e não sei de minha noiva, assim como também não sei se minha aldeia foi atacada. Como estarão meus filhos e netos? Parentes e amigos? Quero muito que eles tenham sido avisados e se escondido. Preciso pensar que isso ocorreu.

— Odeio quem nos vendeu! Traiu sua raça, os seus. Mil vezes maldito!

— Quem é essa pessoa? — perguntou Uba.

— Ele se intitula rei. Vende seus súditos. Possui muito ouro, mora numa choupana imensa, construída como as casas dos brancos. Contaram-me que sua residência é enorme, feita de pedras e outros materiais que não conhecemos. Veste-se como os brancos, com muito luxo. Ele sabe onde estão as aldeias e nos vende aos brancos. Quem me contou foi um homem que trabalha para ele. Todos os que nos atacaram eram negros.

— Como pode? Alguém como nós, vender-nos! — exclamou o homem mais velho.

— Tanto pode como fez. Tínhamos escutado que ele fazia isso. Uns acreditavam, outros não. E ele fez. Aprisionou-nos e nos vendeu, ganhou muito dinheiro. Dinheiro é o objeto que eles, os brancos, usam para adquirir coisas. Quando amarrada, olhei para Inhá, nossa anciã, que sabe de muita coisa. Pedi a ela: “Inhá, use de todos os seus poderes para castigar esse homem que está nos vendendo”. Ela afirmou com a cabeça e respondeu: “Farei com dedicação trabalhos que o castiguem até a quarta geração”. Embora saiba que pessoas como ele, que agem no mal e para o mal, sejam protegidas por outros iguais, acredito que Inhá poderá amaldiçoá-lo. Ele sofrerá!

— Geração? O que filhos, netos, bisnetos etc. têm a ver com que ele faz? — perguntou Uba.

— Normalmente — respondeu a mulher —, a família dele desfruta de seus bens. Talvez até concordem com o que ele faz e pretendam continuar cometendo seus atos maldosos. Mas é ele mesmo quem pagará.

— Como assim? — Uba queria entender.

— Não sei direito — a mulher tentou explicar. — Mas é ele

quem receberá o retorno da crueldade que pratica. Inhá mandará demônios para atormentá-lo. E muitos dos que morreram nos ataques serão chamados para se vingar. Quando eu morrer, quero me vingar dele.

— Irá sofrer para fazê-lo sofrer? — perguntou Uba.

— Não é justo? Penso que sim.

— Não entendo — comentou Uba — o porquê de descendentes sofrerem. Estou sofrendo, e meus pais e avós não foram amaldiçoados, foram pessoas boas.

— Nem os meus foram — falou Catu. — Penso que sou eu mesmo a amaldiçoada. Espero que não seja até a quarta vez.

— Inhá fala que nascemos de novo para anular a maldição — contou a mulher.

“Dali também falava que nasceríamos de novo”, pensou Uba.

— Será então que estamos passando por tudo isso por essa causa? — indagou Uba.

A mulher ficou séria e respondeu, irada:

— O que importa é que ele irá sofrer! Vender quem deveria cuidar... Mil vezes maldito!

— Até a quarta geração! — exclamou o homem mais velho.⁴

— Este homem que os vendeu é negro! — exclamou Uba. — Será que não tem medo dos brancos?

— Onde ele mora é protegido, tem armas de fogo, muitos homens que o guardam. Para seres como nós, encarnados, é difícil entrar em sua fortaleza. Os brancos não o fazem porque, negociando com ele, obtêm lucro. Mas e os espíritos? Estes conseguirão se aproximar dele? Espero que sim. Penso que,

dessa vez, nesta veste de corpo dele, não será escravo. Quando esse ser maldoso partir para a terra da escuridão, o será com certeza.

— Você odeia mais ele do que os brancos — concluiu Uba.

— Isso é verdade! Por enquanto, sinto raiva somente dos brancos que me maltrataram. Poderei odiá-los se não for tratada com bondade.

— Você disse que essa mulher, Inhá, era a conselheira da aldeia, a vidente. Ela não previu o ataque?

— Isso, eu não sei — respondeu a mulher. — Ela ultimamente estava muito triste, orava muito e pedia para orarmos também. Mudamos a aldeia de lugar, fomos mais para dentro da floresta, não tinha rio perto, abrimos poços. Inhá continuou inquieta. Pensando agora, talvez ela tenha previsto e não pôde impedir.

— Ela não poderia ter falado? Avisado? — indagou o homem mais velho.

— Talvez ela tenha previsto somente que algo ruim iria acontecer — opinou Uba. — Não sabia o que era. Na sua visão, sentia que haveria mortes e separações.

— Penso que deve ter sido isso mesmo — concluiu a mulher. — Inhá falava que acontecimentos planejados eram difíceis de ser evitados. Tomara que ela continue fazendo o bem.

“Inhá fazendo o mal para o homem que os vendeu estará fazendo o quê? Que mistério! Penso que ninguém precisa fazer o mal para o maldoso, ele mesmo faz a si mesmo”, pensou Uba.

— Vamos dormir. Quero me esticar. Amanhã sairemos cedinho — disse um dos jovens.

— Nenhum branco veio me buscar! — a mocinha estava aliviada.

Uba demorou para dormir, ouviu seus companheiros risonarem e ficou pensando:

“Poderia ter perguntado para Dali sobre nascer de novo. Agora não poderei fazê-lo. É melhor não pensar nesse assunto. Tenho problemas demais.”

Dormiu. Foi acordado pelo homem branco entrando no cômodo trazendo alimentos. Comeram, beberam água e se prepararam para partir.

Começava a clarear quando entraram na carroça e partiram. Conversavam, comentavam sobre o que viam pelo caminho.

— Esses animais são domáveis, chamam-nos de “cavalos”. O homem o utiliza. Esta terra é parecida com a nossa. Tem muitas árvores e pássaros e por aqui deve ter muitos animais.

Fizeram uma parada, e o homem ordenou que caminhassem. Subiram um morro. Estavam numa região montanhosa. Na carroça estavam o barril de água e alimentos. No alto do morro se sentaram debaixo de uma árvore, alimentaram-se, descansaram por minutos e depois continuaram andando. Ouviram trovões, viram raios, e choveu forte. Entraram na carroça. À tarde chegaram numa localidade em que havia algumas construções. Era uma fazenda. Foram colocados numa casa grande e comprida. Logo chegaram muitos escravos, todos cansados. Secaram-se ao ficar perto de uma fogueira. Uba e os companheiros de viagem ficaram perto uns dos outros. Alimentaram-se. Uba colocou as duas mulheres no meio deles. Os escravos os olhavam curiosos, fizeram algumas

perguntas que não entenderam. Apontaram o local onde deveriam ficar. Não se importaram mais com eles e foram descansar. Pertinho uns dos outros, com as duas entre eles, dormiram. Acordaram cedo. O cheiro do local era desagradável.

— Estamos numa moradia de escravos; pelo que entendi, chama-se “senzala” — disse o companheiro mais velho. — Eles vão sair para trabalhar e nós, graças à Grande Mãe, vamos embora.

Em fila, receberam alimentos. Os escravos moradores foram separados, homens brancos os vigiavam e se afastaram, indo para os lugares em que trabalhariam. Viram os três homens que os conduziam, entraram na carroça e partiram. Os nove suspiraram aliviados.

— Será que ficaremos como eles? Parecem bichos! — suspirou Uba, tristemente.

— Penso que é isso que eles querem, que nos tornemos animais — opinou a mulher.

Como no outro dia, andaram, alimentaram-se e fizeram um pedaço do trajeto na carroça.

— Iremos passar a noite aqui. Faremos uma fogueira. Peguem gravetos, limpem este pedaço! — ordenou Honório, fazendo gestos.

Os homens deixaram os animais presos por cordas. Acenderam a fogueira, alimentaram-se e foi ordenado que deitassem uns do lado dos outros. Uba olhou o céu, estava estrelado como nas noites de sua terra. Escutando o barulho de animais, dormiu. Acordou com os primeiros clarões do sol. Todos acordaram, levantaram-se, alimentaram-se e

caminharam.

Era tardinha quando avistaram um aglomerado de casas.

— É uma vila — mostrou Honório —, vocês três ficarão aqui.

Entraram na cidade e foram para uma casa onde tinha somente uma porta. Encontraram alimentos e comeram.

— Escutei e, pelo que entendi, foi uma mulher que me comprou. Espero que nesta moradia não tenha homens — rogou a mocinha.

— Catu — aconselhou a mulher —, penso que ficaremos juntas. Se isso ocorrer, vou proteger você, se isto me for possível. Tome cuidado para não despertar a cobiça dos brancos. Mulheres ciumentas são perigosas. Quero tentar viver bem ou do melhor modo possível.

— O melhor é aceitar nossa sorte — falou o moço que ia com elas.

A porta se abriu. Honório e um outro homem que lhes era desconhecido entraram.

— Vocês três vão com ele!

Despediram-se com sorrisos. Os três saíram. Ficaram os seis.

— Como é difícil! — exclamou um deles. — Ó, Grande Mãe! Não conversaram. Alimentaram-se e foram dormir.

No outro dia partiram. Na hora do almoço, chegaram a outro aglomerado de casas, porém menor. Alimentaram-se e vieram buscar o escravo mais velho, que chorou ao se despedir dos companheiros.

— Penso que a partir de hoje saberei o que é ser escravo!

Novamente partiram. Como fizeram nos outros dias, andaram por algumas horas e, ao entardecer, pararam.

— Aqui ficaremos esta noite — mostrou Honório. — Não teremos abrigo nos próximos dois dias.

O local era diferente. Uma casa e, na frente, um comércio. Entenderam que era um local onde brancos adquiriam alimentos e objetos. Alimentaram-se de comida quente, gostosa. Ficaram em um cômodo pequeno. Os três brancos dormiriam ali também. Uba prestou atenção na conversa deles.

— Estou preocupado com minha família — disse o que ia no cavalo com Honório. — Minha mulher está para ter neném, e minha filha de quatro anos está doente.

— Se quiser, pago você e poderá ir para sua casa — disse Honório. — Manoel e eu levaremos estes cinco até a Fazenda Morro Alto.

— Aceito e agradeço. Estou de fato preocupado. Partindo daqui amanhã cedo, à tarde estarei em casa.

— Viajaremos ainda por quatro dias — comentou Manoel, que dirigia a carroça. — Voltarei sozinho. Farei isso preocupado.

— Corremos o risco de sermos, a qualquer hora, assaltados. Moro na Fazenda Morro Alto, tenho família lá e gosto do lugar. Se você quiser, falo com o sinhô Genaro, talvez ele o contrate.

— Obrigado — agradeceu Manoel —, não gosto de parar num lugar, aprecio mesmo é estar em movimento, viajando.

— Posso perguntar se alguém pela região irá viajar. Viagens ultimamente estão sendo perigosas e você poderá ir para proteger.

— Isso aceito, vou para qualquer lugar, não tenho família

nem quero ter. Estou sempre armado e atiro bem.

— Embora daqui até a minha casa o caminho seja seguro, estarei atento — falou o que ia para sua casa.

Os cinco escravos prestavam atenção, e Uba, expressando-se mais por gestos, atreveu-se e perguntou:

— De quem têm medo? De invasores? O que eles fazem?

Honório, falando devagar e também por gestos, explicou:

— Não são invasores. São negros, como vocês, que fugiram e se escondem nas montanhas e às vezes assaltam viajantes. Roubam! Sabem o que é “roubo”? É tomar algo de alguém. Eles não costumam fazer mal a negros.⁵

“Roubam”, pensou Uba. “Os brancos nos roubaram. Tiraram de nós nossa liberdade. Roubaram-nos de nossas famílias. Esse não é o pior roubo?”

Os cinco ficaram calados, mas continuaram prestando atenção na conversa deles. Uba olhou para o outro homem e sentiu que ele estava de fato preocupado.

“Todos têm problemas. Ele faz parte de um grupo que trabalha separando famílias e está preocupado com a dele. Como pode? Pelo que senti, ele trabalha para seu sustento. Será que não poderia ter outro emprego? Será ele também responsável por esses acontecimentos?”

Observou novamente os três homens brancos e sentiu que quem obedecia ordens era menos responsável que aqueles que as davam e, com certeza, os mais responsáveis eram os que poderiam impedir aquilo, mas o permitiam.

Os três passaram a falar de suas famílias. A conversa durou somente alguns minutos, estavam cansados. Dormiram.

No outro dia, junto com o sol, que nascia para todos e não fazia distinção se sua luz era para os bons ou não, livres ou escravizados, partiram. O homem preocupado separou-se deles, tomou outro rumo. E fizeram o trajeto, como já tinham feito: caminharam uma parte, e a outra o fizeram na carroça. Conversaram.

— Sinceramente — disse um jovem —, a não ser pelo enjoo e o aperto do porão do navio, que foi muito desagradável, não estou achando tão ruim assim estar aqui.

— Como? — perguntou Uba, admirado.

— Na minha aldeia a vida não era nada fácil. Tínhamos trocado de lugar por três vezes com medo dos invasores. Era muito trabalho. Meu pai era muito enérgico. Meus irmãos e eu trabalhávamos muito. Minha mãe morreu, meu pai casou-se novamente, e minha madrasta é chata. Vivíamos com medo. Fui escalado com um amigo para vigiar, naquele dia, a aldeia. Subimos numa grande árvore. Logo que subimos, era de manhã, vimos os invasores se aproximando. Demos o alerta. Assobiamos. Tínhamos três modos de alertar. Um assobio longo, se eles estivessem mais longe, e curtos e fortes. se estivessem perto. Alertamos com o assobio de perto. Foi uma correria na aldeia. Ao descermos da árvore, meu amigo e eu fomos capturados e, infelizmente, também alguns da aldeia. A maioria fugiu, esconderam-se numa gruta atrás de uma cachoeira, ficariam ali até os invasores irem embora.

— Até os brancos partirem — interrompeu um outro.

— Não, os invasores mesmo. A maioria era de negros vestidos como os brancos e com armas — respondeu o jovem.

— Mataram muitos? — Uba quis saber.

— Não, foram poucos os que morreram. Não sei o que aconteceu com os que conseguiram se esconder na gruta, lá eles têm o que beber, mas não alimentos. Com certeza tiveram de se mudar novamente. Mas como ia dizendo, estou gostando das novidades, de vestir roupas e até agora me deram alimentos. Prefiro pensar que tudo dará certo. Com certeza aprenderei muitas coisas com os brancos.

— Sinto falta de meus pais — lamentou um outro. — Vi minhas duas irmãs moças serem amarradas e fomos separados. Um dos negros invasores quis ficar com elas. Que a Grande Mãe as proteja! Estou me esforçando para não perder a esperança. Espero que minha vida não seja tão difícil.

As histórias dos outros eram parecidas: haviam sido separados das famílias, não sabiam delas, temiam o que iriam encontrar, uns estavam mais esperançosos, outros, mais tristes.

Os dois homens não se importavam que conversassem; na noite seguinte, dormiram ao relento em volta da fogueira. Ninguém os vigiou. Eles continuaram com as correntes nos tornozelos. Logo pela manhã, uma chuva forte os surpreendeu, ficaram muitos molhados. Na última noite da viagem, dormiram numa fazenda.

— Isso é que é fazenda? — perguntou um dos escravos.

— Quanta plantação! — exclamou outro.

Ficaram numa casa.

— Esta propriedade é vizinha da que irão morar. Os donos são amigos. Amanhã à tarde estaremos lá.

Não puderam conhecer o lugar, mas ficaram curiosos.

Dormiram ali.

Cedo continuaram a viagem. Foi à tarde que Honório mostrou:

— Ali está a Fazenda Morro Alto!

Olharam admirados, o lugar era muito bonito. Uba entendeu que a fazenda estava num local alto porque subiram por um bom pedaço e, olhando, via montanhas do lado direito.

O sol iluminava o lugar, mas Uba sentiu tristeza. A localidade devia ter muitas pessoas tristes.

Continuaram caminhando.

5

A fazenda

Entraram na fazenda. Passaram pela porteira. Tudo era novidade para o grupo de cinco escravos que olhavam tudo curiosos. O local era bonito: da porteira, avistava-se, numa construção enorme, uma casa muito bonita, com várias janelas e uma varanda grande. A estrada era bem cuidada dos lados: a grama era bem cortada e, próximo à construção, havia muitos canteiros de flores. Ao se aproximar da casa, Honório falou:

— O sinhô⁶ Genaro já sabe que chegamos. Ele está na varanda. Fiquem calados, ele somente os olhará.

“Com certeza verificará se a mercadoria é ou não boa”, pensou Uba.

— Boa tarde, sinhô Genaro. Aqui estão os negros que comprei.

O senhor somente os olhou, sem prestar muita atenção, e ordenou:

— Honório, leve-os à senzala e peça para Bastião cuidar deles. Vá para casa descansar e rever sua família. Amanhã acertaremos. Se Manoel quiser ir embora, pague-o ou, se ele preferir descansar, leve-o para um dos quartos do galpão.

— Vou descansar, sinhô — falou Manoel.

Atravessaram o pátio. Uba prestou atenção no lugar: nos fundos da casa havia muitas árvores, era um pomar. Viu também canteiros de verduras, uma grande horta; do lado direito, um curral onde ficavam os animais; outro espaço para as aves, o galinheiro; e, à frente, um pátio enorme, que souberam depois que era o local de secagem de café, chamado de “terreiro”. Em frente a esse espaço, um galpão para armazenar cereais. A ligação entre essas espaços era por caminhos bem cuidados e, dos lados, havia árvores ou canteiros de flores.

Caminhando, seguindo em frente, depararam-se com outro pátio, menor, este local não era visto nem da entrada da fazenda nem do espaço da casa-grande, onde o proprietário morava; ali estavam algumas casas, eram moradias dos empregados; depois, outras menores, de algumas famílias de escravos; e uma construção grande, a senzala, moradia dos escravos.

Na frente da construção maior, Honório gritou:

— Bastião! Bastião! Venha aqui!

Um escravo já idoso apareceu na porta, sorriu para eles.

— São escravos que adquiri para a fazenda — explicou Honório. — O sinhô ordenou que você tome conta deles. Ensine-os a falar, o que fazer e como devem se comportar.

Abriu as correntes e as tirou dos tornozelos deles. Uba e os outros se sentiram aliviados. Honório pegou as correntes, foi guardá-las e depois foi para sua casa.

Bastião os olhou sorrindo. Pessoa agradável, que tentou confortá-los e ajudá-los.

— Eu — colocou a mão no peito — sou Bastião! Meu nome!

O seu?

— Uba!

— Muito estranho. Vou mudar. Você será João.⁷

Bastião fez o mesmo com os outros, trocou os nomes que lhe pareceram estranhos. Depois, mostrou onde poderiam tomar banho. Nos fundos da construção, havia pequenas estruturas feitas de madeiras, latrinas, cujo nome se diferenciava dependendo do lugar e do tempo. Ali chamavam-nas de “casinha”. Uma fossa onde defecavam. Havia várias e algumas mais próximas da senzala.

— Estas são usadas pelas mulheres — explicou Bastião.

Levou-os às que eram destinadas aos homens e os ensinou a usar.

— Ali — mostrou o escravo destinado a orientá-los —, uma pequena corrente d’água, podem pegar água e se banhar.

Uba/João viu que o filete corrente de água fora feito pelos homens, era uma canalização de um pequeno rio que atravessava a propriedade a metros dali.

Bastião os chamou e entraram no grande galpão, a senzala. Tinha um portão grande, janelas altas e com grades. No centro, um local redondo de pedras, onde se acendia uma fogueira.

Admiraram-se. Era parecido com o local em que pernoitaram uma noite na viagem. Porém, ali estava limpo. No fundo, à direita, havia grandes panelas, um fogão enorme. Dos lados, havia palhas, locais de dormir.

— Tomem banho — pediu Bastião —, vou pegar roupas limpas para vocês. Dormirão, por enquanto, perto de mim. As mulheres estão chegando, elas farão a comida.

Cinco mulheres entraram na senzala. Bastião os apresentou.

— Essa porta — mostrou Bastião — que está no fundo é de um cômodo onde ficam presos os que se rebelam.

Com o tempo, João entendeu que alguns escravos, considerados pelo senhor, bons, trabalhadores e que não causavam problemas, recebiam como prêmio casinhas para morar com a família.

Também havia, ao lado da senzala, duas construções menores. Uma para as mulheres grávidas ou com nenéns e outra para as crianças até dez anos. Normalmente, começavam a trabalhar aos oito anos. Na senzala, ficavam os trabalhadores, ali tinham seu espaço e onde dormir. No cômodo do fundo, pequeno, dormiam trancados aqueles que tentaram fugir ou que por algum motivo eram castigados.

Bastião explicou que o portão da senzala era fechado à noite, porém ele e mais duas pessoas poderiam abri-lo.

O velho escravo começou a ensiná-los a falar a nova língua. Mostrava algo e repetia. À tardinha, chegaram os escravos do trabalho. Foram apresentados. Sorriram. Eles conversaram. Embora cansados, riam e falavam muito. Uns foram se banhar, outros tentaram falar com eles. Na rotina em que viviam, se interessavam pelos acontecimentos da fazenda, e a chegada de escravos era sempre novidade.

Alimentaram-se. Acenderam a fogueira, sentaram-se em volta. Os escravos que moravam nas casas também vieram vê-los.

Um homem branco, empregado, um feitor chamado Amaro, entrou na senzala, ordenou que três deles entrassem no outro

cômodo e, assim que o fizeram, fechou a porta e saiu. Os escravos se calaram e foram para seus cantos para dormir.

Bem cedo, o sol ainda não havia despontado no horizonte, as mulheres acenderam o fogão e preparavam a primeira refeição do dia. João acordou e ficou observando. A fogueira estava se apagando, mas ainda clareava o local.

Uma das mulheres, no horário de acordar de todos, bateu com uma colher grande de madeira numa panela fazendo barulho, e todos acordaram. Bastião abriu o portão, saíram para ir às latrinas e se alimentaram. Amaro veio e abriu a porta do cômodo.

— Bastião — ordenou Amaro —, você fica com os cinco novatos. Irá ensiná-los por dois dias a trabalhar.

O grupo de trabalhadores saiu, caminharam conversando e foram carpir o cafezal.

Bastião primeiro tentou ensiná-los a falar. Os cinco já entendiam muitas coisas. As mulheres no galpão tinham ensinado algumas palavras como também aprenderam outras na viagem.

— Pés... Mãos...

Mostrou as suas, elas eram grossas e calosas. Comparou as suas mãos com as deles. Desde a viagem de navio, por caminharem pouco descalços e não trabalhar, suas mãos e pés estavam com as peles finas. Bastião colocou nas mãos dos novatos uma proteção feita de folhas.

— Proteção! Pisem com cuidado. Olhem onde pisam, isso até terem esta proteção natural.

Levou-os ao pátio à frente da senzala.

— Enxada! — mostrou Bastião um dos instrumentos agrícolas.

Com paciência, mostrou como a usava.

O jovem que estava esperançoso e que recebeu o nome de Simão pôs-se a carpir com rapidez.

— Não! — alertou Bastião. — É neste ritmo. Trabalhará de sol a sol. Pegue assim! Faça isto! É esta planta que se tem de carpir.

Logo aprenderam. João se cansou.

“Ó, Grande Mãe, será este o meu trabalho?”

— Faremos outra coisa? — perguntou Simão.

— O trabalho depende da época do ano — respondeu Bastião. — Este que estou ensinando é o que estamos fazendo nesta época.

— E os animais, quem cuida deles? — perguntou Simão ao ver os cavalos no pátio ao lado.

— São os escravos mais velhos ou os que provaram ser de confiança.

Honório veio vê-los.

— Como estão? Descansaram?

— Estamos aprendendo a trabalhar — respondeu Simão.

O empregado se afastou.

— Vamos trabalhar — ordenou Bastião. — Vocês não podem parar. Quando forem com o grupo para o cafezal, terão hora para tomar água, alimentar-se e períodos de descanso. Aconselho-os a obedecer o feitor, não tentar fugir. Sem conhecer a região, não irão longe e, ao serem capturados, serão severamente castigados. Quando um branco se referir a você,

olhe-o, depois abaixe a cabeça e responda ao ser indagado, começando sempre com “sinhô”. Quando o capataz Honório fez uma pergunta, você, Simão, deveria ter respondido: “Sim, sinhô, descansamos e estamos aprendendo a trabalhar”. Vou treiná-los. Vamos imaginar o sinhô Genaro chegando aqui e fazendo uma pergunta como: “Negro, você viu Honório?”. Olho, abaixo a cabeça e respondo: “Sim, sinhô, ele passou por aqui e foi para lá”. Mostro a direção. Entenderam?

Bastião falava e fazia gestos. Entenderam o essencial, que deveriam sempre abaixar a cabeça, responder usando o tratamento “sinhô”, “sinhá”.

João logo se cansou, sua vontade era parar de carpir. Lembrou-se com tristeza do modo como viviam em sua aldeia.

“Não vou aguentar trabalhar tanto assim.”

Foi um alívio quando pararam para tomar água e, depois, para se alimentar. O sol estava forte e Bastião os conduziu para trabalhar entre as árvores.

À tarde, o velho escravo ordenou que parassem. As proteções das mãos tinham ruído. Sentiram dor nas mãos, pés e nas costas pela posição curvada do trabalho. Lavaram-se e foram descansar na senzala.

— Como o trabalho é pesado! — reclamou Simão.

Concordaram com ele e foram descansar. O grupo mais antigo chegou conversando; embora cansados, riam e, ao verem os novatos deitados, comentaram:

— Se estão cansados com o trabalho leve por aqui, se cansarão muito mais ao irem para os cafezais!

— Não terão moleza! A vida é dura!

— Logo entenderão o que é ser escravo!

Bastião os defendeu. Os novatos perceberam que todos ali o respeitavam.

— Não se esqueçam de que eles deixaram seus lares, famílias, moradias, o local onde viviam livres, foram presos, maltratados, não entendem ainda direito o que falamos. Na viagem até aqui, que durou muitos dias, as peles de suas mãos perderam os calos. Passaram por muitas necessidades, fome e humilhações. Vamos, por favor, ajudá-los.

Escutaram calados e muitos passaram a ser mais gentis com eles. Fizeram algumas perguntas.

— Você tinha família?

— Foi muito ruim viajar no navio?

Responderam. Embora ainda não falassem muitas palavras, se entenderam, e a maioria dos escravos da senzala se apiedou.

Cansados, dormiram. No outro dia, Bastião fez a mesma coisa, e carpiram os arredores dos pátios e à tarde foram para o pomar.

— Aqui estarão na sombra das árvores. Precisam se adaptar ao clima e ao trabalho.

Os cinco recém-chegados admiraram-se ao ver as árvores frutíferas.

Amaro veio vê-los e dessa vez fizeram o que fora recomendado.

— É isso, Bastião, ensine-os a se comportar.

— Feitor Amaro — pediu Bastião —, peço-lhe deixá-los mais uns dias comigo. Eles têm dificuldades para entender ordens, para falar. Depois, pelo muito tempo que ficaram sem

fazer nada, as peles de seus pés e mãos estão finas. Desacostumaram-se de ficar no sol. Por favor, para que não fiquem doentes, suas mãos não fiquem em carne viva, deixem eles se acostumarem mais. E tanto o pátio como o pomar necessitam de limpeza.

— Tudo bem, Bastião: hoje é quinta-feira, fique com eles amanhã e no sábado. Na segunda-feira, eles irão para os cafezais.

— Obrigado, feitor!

João entendeu que Bastião era realmente uma pessoa boa em quem podia confiar.

Assim, aprendendo a falar e a trabalhar, chegaram ao domingo. Todos os escravos, nesse dia da semana, naquela fazenda, trabalhavam por meio dia. Depois podiam pescar, andar pela propriedade, descansar, reunir-se para cantar e conversar.

— Isso é agradável! — exclamou Simão.

— Na minha aldeia fazíamos isso todos os dias! — João suspirou.

Na segunda-feira, antes de eles irem para o cafezal, Bastião fez a proteção para as mãos dos novatos, que já estavam machucadas. João cansou-se só de caminhar até o local onde trabalharia.

— Isto — mostrou Criolo, um escravo — é pé de café. Deste grão é que se faz aquela bebida que tomamos de manhã. É boa para nos despertar. Vou ensiná-los a trabalhar.

Os cinco olharam a plantação, era enorme, subia um morro e ia até o outro lado. Tudo bem cuidado, as plantas vistosas. O feitor os ficou olhando.

— Ficaremos trabalhando o dia todo? — perguntou Simão.

— Sim, ficaremos, por isso é bom prestar atenção em duas coisas: primeiro, fazer ritmado; segundo, se o capataz estiver olhando, não parar. Se ele não estiver, vão mais devagar, mas não parem, pois ele mede o espaço limpo. Vamos, façam assim.

— Não vou aguentar! — queixou-se João.

— Você se acostuma.

À tarde estavam exaustos, e Criolo intercedeu por eles.

— Feitor Amaro, deixem-nos descansar. As mãos deles estão feridas.

Ele deixou que parassem de trabalhar e ficassem embaixo de um pé de café. Estavam exaustos. Os outros companheiros, à tarde, no retorno à sede da fazenda, levaram para eles suas enxadas. Ao chegarem à senzala, Bastião os ajudou a se banharem, colocou em seus pés e mãos ervas cicatrizantes. Deu-lhes para beber um chá que ele preparara.

— Isto os ajudará!

De fato melhoraram. Alimentaram-se e, mesmo com os outros conversando, foram descansar e dormiram.

No outro dia, foram novamente ao cafezal. Na primeira semana, pararam mais cedo, receberam ajuda, Bastião cuidou deles. De seus pés, foram tirados espinhos, mas as solas já começavam a ficar com a pele grossa. As mãos precisavam de cuidados, e Bastião passava ervas, fazia a proteção e à noite lhes dava o chá. Passaram a entender melhor o que eles falavam e também a se comunicar.

Descansar à tarde no domingo foi muito agradável. Adaptaram-se também à alimentação. Não passavam fome, mas

não comiam com exagero. João pensava sempre:

“Comeria mais se pudesse. Que saudade da alimentação de minha aldeia!”

Na segunda semana, passaram a trabalhar o dia todo. E foram se acostumando. João era o que mais estava achando ruim trabalhar.

“Será”, pensou ele, “que sempre irá ser assim? Minha vida aqui será desse modo?”

Acabou por perguntar para Bastião, que respondeu:

— Sim, essa será sua maneira de viver. Você foi comprado para isso.

— Que infelicidade! — lamentou João.

— Poderia ser pior! Muito pior! Os negros, nesta terra, valem somente pelo trabalho. Se não trabalhar, não serve e pode ser descartado. Nada que, estando ruim, não possa piorar!

Numa tarde de domingo, reuniram-se no pátio e cantaram. Muitos escravos entristeceram-se, e os novatos choraram.

— Isso é saudade! — exclamou Bastião.

Era a primeira vez que escutavam essa palavra e foi lhes explicado:

— “Saudade” é a falta do que amamos. É lembrar das pessoas que não estão ao nosso lado. É desejar estar em lugares e com afetos novamente. É querer revê-los. É estarmos pesarosos por estarmos ausentes.

— Sinto saudades! — repetiu João.

De fato, acostumaram-se com o trabalho. Embora ainda sempre um de seus companheiros, principalmente Criolo, os ajudasse.

— Agora, vocês têm de se virar sozinhos. Ajudamo-os, mas estão aptos a trabalhar.

As mãos estavam, como os pés, calosas, mas sentiram dores nas costas e cansaços.

João estava sempre resmungando. Pensava, se lamentando:

“Reclamava de minhas tarefas na aldeia. Comparando com o trabalho que agora faço, afirmo que lá não fazia nada.”

O feitor Amaro estava atento a ele. Sempre montado num cavalo, armado tanto com arma de fogo como com facas, trazia sempre um chicote na sela de sua montaria. João tentava fazer o que fora recomendado; se era visto pelo feitor, fazia melhor o trabalho e ficava atento para o seu espaço de carpir não ficar muito menor do que o dos outros.

Julgando não estar sendo visto, parou de trabalhar. De repente, escutou e sentiu ao mesmo tempo.

— Trabalhe, negro!

O feitor Amaro o chicoteou, e o couro trançado estalou em suas costas. Assustado, olhou para o feitor, e a segunda chicotada pegou parte em suas costas, parte em seu braço e no rosto do lado direito.

— Trabalhe! Se não, levará outras!

João voltou ao trabalho. Sentiu-se humilhado, doeu em seu íntimo, porém a dor física das duas chicotadas doeu mais. Sentiu o sangue escorrer de sua orelha, de seu rosto. Olhou o vergão em seu braço. Sentiu arderem suas costas. Lágrimas escorreram pelo rosto.

No intervalo para tomar água, Criolo lavou o rosto de João.

— É isso o que acontece quando não trabalhamos conforme

nos é ordenado.

Quando chegaram à senzala, todos ficaram sabendo, e Bastião colocou ervas nos seus ferimentos.

“Agora estou entendendo que, por mais que esteja ruim, sempre pode ficar pior. Prefiro trabalhar, ser chicoteado é muito ruim”, pensou João tristemente.

6

A senzala

Ficavam na senzala à noite. A construção era grande e espaçosa, era alta, construída com paredes reforçadas com tijolos. Sua forma era retangular, tinha espaço para todos, não ficavam amontoados. Tinha somente uma porta e esta era de madeira muito resistente.

Continuaram dormindo perto de Bastião e João compreendeu o porquê; na fazenda, havia muitos escravos, a maioria homens. Quase todas as mulheres tinham companheiros, elas trabalhavam na casa-grande e na senzala: eram cozinheiras, arrumadeiras, lavadeiras, faziam serviços leves e iam para o cafezal somente em época de colheita. Havia brigas por elas, e algumas queriam ficar sozinhas, não queriam procriar, não queriam ter filhos para serem escravos. Então havia, na senzala, atos sexuais entre eles. Bastião explicou para os cinco e afirmou:

— Não deixo ter estupros. Ninguém força ninguém.

João entendeu também o porquê de Criolo o estar ajudando, estava interessado nele. Aborreceu-se. Na primeira oportunidade, quando ele foi ajudá-lo a carpir, João lhe pediu:

— Não, Criolo. Não, por favor! Não quero!

— Não mesmo? — perguntou Criolo.

— Não!

— Tudo bem!

Criolo afastou-se. João sentiu-se aliviado, e este companheiro de escravidão passou a ignorá-lo.

João resolveu trabalhar, tentar fazer direito suas tarefas e ficar mais calado, não lamentar tanto. Porém, o acabava fazendo, o trabalho o cansava, achava-o monótono.

Na senzala, tentava escutar mais do que falar. Ali reunidos, conversavam, riam, falavam mal de alguém, surgiam discussões, por vezes trocavam socos, e, quando isto ocorria, Bastião interferia.

Os três que estavam de castigo foram libertados, e Bastião mandou Tomás, um deles, dormir num canto.

— Tomás — contou Bastião para os novatos — está sempre arrumando brigas. Gosta de discutir, sabe lutar, é valentão. Estava de castigo porque xingou Bárbara, uma escrava cozinheira da casa-grande. Faz tempo que os dois se desentendem. Bárbara tem filhos, e Tomás brigou com um deles por causa de Rosa, uma escrava bonita que serve a sinhá. Brigaram feio, e Tomás matou o outro com um golpe. O sinhô Genaro ficou sabendo, mas, como os dois brigaram, ele ficou somente de castigo. Esse moço é trabalhador, talvez por isso não tenha sido vendido. Bárbara não esquece e, sempre que o vê, xinga-o. Dessa vez ele respondeu e ficou de castigo.

— E a Rosa? A moça por quem brigaram? — João quis saber.

— Vive com um empregado branco numa das casas. Ele a

comprou e Rosa não é mais escrava da fazenda.

— Pode-se comprar escravos? — perguntou Simão.

— Você não foi comprado? Pode. Se tem dinheiro, compra. Quando isso ocorre, o escravo muda de dono. Pode ocorrer de o dono dar carta de alforria, dar liberdade ao escravo, aí ele se torna livre — respondeu Bastião.

— Rosa então é livre? — João interessou-se em saber.

— Pertence ao empregado — explicou Bastião. — Ele a trata como esposa, e têm três filhos. Uma mulher que está sempre por aqui é a Filó, moça bonita que fica com todos que a querem. No momento está para ter neném. Ela tem cinco filhos e não sabe quem são os pais deles.

Aproximaram-se dos dois alguns companheiros para escutá-los.

— Você nunca quis ter companheira? — perguntou João.

— Sim, já quis — respondeu Bastião suspirando. — Uma vez gostei de uma garota que pertencia à sinhazinha, a filha do sinhô Genaro. Ela casou, foi embora, e minha amada foi junto. Choramos muito na despedida. Nunca mais a vi. Dois anos depois, a sinhazinha veio visitar os pais, e minha amada não veio. Bárbara me contou que escutou a sinhazinha dizer à mãe que ela morreu no parto. Nunca fiquei sabendo se ela teve este filho porque quis ou por ter se relacionado com alguém ou se foi obrigada. Não quis disputar com companheiros para ter mulher. Pensei muito e decidi não ter filhos para serem escravos. Preferi amar a todos sem me prender a alguém.

— Filhos de escravos são escravos? — perguntou João.

— Sim — respondeu Bastião. — A vaca dá cria, tem o

bezerro, cuida dele, e este não é dela, é do sinhô. Conosco também é assim: a mulher negra engravida, tem a criança, amamenta, cuida dela, mas é como animal, a cria pertence ao sinhô.

— Que triste! — lamentou João.

— Com a maioria de nós isso ocorreu — contou Criolo. — Somos escravos porque nossos pais eram. Nasci nesta fazenda, nunca saí daqui, não conheço outro lugar. Não sei quem é meu pai. Minha mãe teve dezoito filhos e morreu no último parto.

“Como pode isto acontecer? Uma pessoa pertencer deste modo a outra”, pensou João.

— Nesta terra não há líder, chefe, para impedir essa barbaridade? — perguntou Simão.

— Aqui quem manda são os donos das fazendas — respondeu Dito.

— Já escutei — contou Bastião — que na cidade que o sinhô Leôncio mora, filho do nosso sinhô, Rio de Janeiro, tem um chefe que manda em todos, ele permite que se tenham escravos.

— Se ele, o chefe, permite, não tem jeito, seremos sempre escravos! — lamentou Simão.

— Não depois de mortos! — exclamou João. — Se não procurarmos a morte e fizermos o bem, quando morrermos, iremos para a terra da luz, e lá não se têm escravos.

— Não entendo por que eu nasci negro e sou escravo. Por que outros nascem brancos? — indagou Dito.

— Pode ser que nasçamos muitas vezes, ora de um modo ora de outro — respondeu João.

— Isso não acontece — disse Criolo.

— Se pensarmos, analisarmos, pode ser que isso ocorra — opinou Bastião. — Por que Deus iria criar-nos somente para sermos escravos?

— Não se esqueça que Deus é dos brancos! — rebateu Chico.

— E quem nos criou? Outro Deus? — perguntou Bastião.

— Não sei! — exclamaram vários deles.

— É melhor irmos dormir! — determinou o velho escravo.

Foram para seus cantos.

Eles gostavam de escutar os cinco novatos: suas histórias, como viviam, do navio, do mar... E assuntos se repetiam.

João decidiu ficar sozinho como Bastião, não queria ter filhos escravos.

Numa noite, quando acabaram de se acomodar, dormiam em cima de esteiras feitas de folhas trançadas e alguns colocavam capim seco embaixo, João viu um fogo, uma tocha acesa mudando de lugar, indo de um lado ao outro. Ele levantou a cabeça para olhar melhor, e outros também o fizeram. Porém, não viu o pau e nem ninguém, viu somente o fogo.

— O que é isso? — Simão perguntou.

— Não sei! Que brincadeira esquisita — comentou um outro.

— Durmam! — pediu Bastião. — Amanhã eu explico.

O fogo sumiu. Cansados, dormiram.

No outro dia, assim que uma das mulheres, estas eram mais velhas, bateu com a colher na panela, João perguntou ao Bastião:

— Que fogo era aquele? Como alguém fez aquilo?

Os homens riram.

— É o capataz Souza — respondeu Dito.

— Que capataz é esse? — perguntou Simão. — Não o conheço.

— Já morreu faz tempo — explicou Criolo. — É assombração.

— O que é isso? — indagou João.

— Uma pessoa que morre, não tem sossego e fica assombrando os vivos: no caso, nós — respondeu Dito.

— Vamos levantar, se não, atrasarão — aconselhou Bastião.

— À noite, conto a vocês a história desse fogo que anda.

Curiosos, aguardaram a noite e, quando retornaram à senzala, se reuniram em volta de Bastião, e mesmo aqueles que tinham escutado muitas vezes a história queriam escutá-la novamente. O velho escravo narrou:

— Conta-se que o pai do nosso sinhô era muito mau. Isso é verdade, porque os mais velhos aqui contam muitos casos que ocorreram nesta época, eu me recordo de alguns, e temos no fundo do galpão vários instrumentos de tortura que foram usados por aqui. Quando o antigo proprietário morreu, a fazenda, que era muito maior, foi dividida em três partes, entre os três filhos homens. O sinhô Genaro ficou com esta parte. Os escravos também foram divididos, e os três herdeiros não separaram famílias. A sede da antiga fazenda era nesta parte. O sinhô Genaro veio morar aqui com a esposa, Sinhana ou Sinhá Ana, que é muito boa. Ela convenceu o marido a tratar melhor os escravos.

— Usou para isso uma comparação — interrompeu Dito. — Comparou-nos com animais.

— Isso ocorreu — concordou Bastião. — Penso que Sinhana

usou de sua bondade e inteligência para nos ajudar.

— Você, Bastião — opinou Criolo —, está sempre defendendo as atitudes das pessoas, sempre encontra algo de bom nelas!

— O que importa é que melhorou muito a vida dos escravos — disse Chico.

— Mas o que foi que ela fez? — perguntou Simão.

— Sinhana — respondeu Bastião — fez o marido entender que, se ele tratasse com mais alimentos as vacas, elas dariam mais leite; se cuidasse bem dos cafezais, eles davam mais frutos; então deveria melhorar a qualidade de vida dos escravos e, com isso, eles trabalhariam e viveriam mais.

— Isso ocorreu? — João estava curioso.

— Tornamo-nos mais fortes e estamos vivendo mais — confirmou o escravo amigo.

— Mas e a luz que vimos ontem? — perguntou Simão. — O que tem a ver com a nossa sinhá?

— Nada — Bastião tentou explicar. — Com ela, nada. Como disse, a vida dos escravos desta fazenda antigamente não era fácil. Havia muitos castigos, e os negros morriam até de frio.

— Frio? O que é isso? — indagou João.

— Vocês chegaram aqui no verão, que faz calor e chove muito. O inverno é seco, chove menos, e o ar é frio. Entenderam?

— Não! — exclamaram os novatos.

— Não tem como explicar — falou Criolo. — Se tentar, não irá conseguir contar a história da tocha que anda. Quando fizer frio, eles entenderão.

— O sinhô — continuou Bastião —, como disse, tratava de

forma desumana os escravos. Tinha, como empregado, o capataz Souza, apelidado pelos escravos de Docapeta, que vigiava e castigava os negros. Ele nos chamava de “pretos”. Uma noite, ele, que obrigava uma juvenzinha escrava a ficar com ele, tirou-a da senzala, esqueceu-se de trancar o portão, e dez escravos fugiram. Docapeta não percebeu quando trouxe a garota de volta. A fuga somente foi notada no outro dia cedo. O sinhô ficou irado, discutiu com Docapeta, este o agrediu, e outro empregado atirou no capataz, que morreu. Conta-se que, quando estava morrendo, o sinhô disse: “Inútil! Que você passe a vigiar meus negros depois de morto!”. E Docapeta tem feito isso. Muitos de nós veem essa luz andando pela senzala, parece uma tocha acesa.

— Isso ocorre todas as noites? — Simão estava com muito medo.

— Não, só de vez em quando — disse Tonho.

— E a outra versão? Conte! — pediu Simão. Bastião não se fez de rogado e continuou contando:

— O que de fato ocorreu foi a fuga, e esses fugitivos não foram capturados, ninguém mais soube deles. E também é fato que houve a discussão e que Docapeta foi assassinado. Ele não tinha família. O sinhô mandou enterrá-lo, e ninguém falou mais sobre isso. Nestas fazendas, a lei é do proprietário. Como houve morte, o Sinhô demorou um pouco para mandar capitães do mato, pessoas pagas para ir atrás de escravos fujões, e eles sumiram por essas matas. A verdade é que esse capataz era mau. Os escravos ficaram aliviados por ele ter morrido. A outra versão foi que o sinhô mandou o empregado atirar nele quando soube da fuga. Com a arma apontada para sua cabeça, o capataz rogou

por sua vida e pediu: “Não me mate! Prometo nunca mais descuidar do meu serviço! Vigiarei esses pretos para sempre!”. Foi morto, mas tem cumprido a promessa.

— Se ele fosse boa pessoa, isso não ocorreria — opinou Dito.

— Com certeza não — afirmou Bastião —, morreu e ficou vagando por ter sido mau. Conta-se que Docapeta fez muitas maldades.

— Eu nunca vi nada — falou Nhô. — Quem vê já tentou me mostrar. Fico olhando e não vejo nada.

— Nem todos veem — explicou Bastião. — Somente veem aqueles que têm o dom de ver.

— Não quero ver mais — afirmou Simão.

Foram dormir, e João decidiu não abrir mais os olhos quando todos estivessem deitados.

Bárbara, na outra noite, trouxe notícias da casa-grande.

— Sinhana está piorando. Tomasa tem ficado com a doente o tempo todo, está dormindo na casa-grande. Embora serena, a sinhá sente muitas dores.

Entristeceram-se. Bastião contou aos novatos.

— Sinhana, quando veio para cá, era recém-casada, e, aos poucos e com jeitinho, melhorou a vida dos escravos.

— Pediu para nos tratar como animais — Criolo riu.

— Somos melhor tratados do que nossos pais e avós — falou Bastião.

— Morriam muitos escravos — contou Bárbara —, eram fracos e doentes. Passaram a ser mais sadios pela alimentação ter melhorado. Os instrumentos de tortura foram guardados, as

crianças passaram a ter saúde e cresceram mais. E, quando as filhas dos senhores casaram, Isabel, que reside longe, numa cidade grande, ao visitar os pais, deu sugestões como: separar as mães com nenéns por eles chorarem e os trabalhadores não dormirem bem; as crianças ficarem separadas dos adultos; dar-nos folgas para descanso.

— Isabel e a mãe são ótimas pessoas! — exclamou Nhô.

De vez em quando um escravo que trabalhava na sede vinha na senzala para rever amigos e contar as novidades. Mas ultimamente não estava vindo muito porque Sinhana, por estar enferma, aumentou o trabalho na casa-grande.

— As duas filhas do sinhô, Joaquina e Maria, estão para chegar, vêm visitar a mãe doente — contou Bárbara.

— E o sinhozinho? — perguntou Dito.

— O sinhô Leôncio ainda está na cidade onde estudou, no Rio de Janeiro. É longe daqui. Casou-se contra a vontade do pai e afirmou que não volta mais, não gosta de fazenda e quer morar na cidade.

Os escravos, assim que Bárbara foi embora, foram descansar, estavam tristes pelo estado de saúde da sinhá ter piorado.

João começou a prestar atenção nas pessoas. Ali eram todos escravos, e o grupo era heterogêneo. Tinha pessoas boas, uns conformados, outros revoltados, e até maus. O modo de vida deles era rotineiro. Por divergirem em suas opiniões, havia discussões e às vezes troca de socos. Bastião tentava acalmá-los, e nem o sinhô ou os feitores ficavam sabendo.

— Parem! — gritava Bastião. — Temos de estar sempre

unidos, respeitar uns ao outros. Por que brigar?

Muitos deles invejavam os que trabalhavam na casa-grande. Diziam que eles estavam sempre mais limpos, com roupas melhores, que se alimentavam mais e com alimentos diferentes e que o serviço era mais leve.

João percebeu que eram poucos os que invejavam os brancos, a maioria sentia inveja dos companheiros. Parecia que os brancos se distanciavam de seus modos de vida. Numa noite, foi abordado o assunto sobre o que fariam se fossem brancos.

— Depende do branco que seria — opinou Dito —; se fosse empregado, iria mudar de emprego para conhecer muitos lugares.

— Eu também iria fazer isso — afirmou Simão —, conhecer lugares, morar numa cidade como aquela em que ficamos quando chegamos, muito grande, com várias casas.

— Se eu fosse sinhô, talvez tivesse muitas escravas para dormir comigo — falou Criolo.

Vários opinaram:

— Iria comer sempre muito, mas muito mesmo.

— Andaria somente a cavalo.

— Chicotearia uns preguiçosos por aqui.

— Daria mais dias de descanso.

— Alguém — interferiu Bastião — lembrou-se de que poderia dar liberdade para todos os escravos?

— Eu pensei — defendeu-se Dito —, mas, se libertasse todos os escravos, como iria ter dinheiro? Como ser rico se não tiver quem trabalhe?

— Tendo empregados — respondeu Nhô.

De repente, começou uma discussão entre dois grupos. O primeiro achava que um sinhô bom seria aquele que libertasse todos os escravos; o outro, que somente deveria tratá-los melhor.

— O capataz está chegando! — avisou um jovem.

Todos se calaram, pararam de discutir, foram para seus cantos e se acomodaram para dormir.

João decidiu não tomar partido em discussões. Não gostava da vida que fora obrigado a viver, de ficar na senzala. Havia uma latrina num canto que somente era usada em caso de necessidade, mas mesmo assim o cheiro era desagradável. Muitos não gostavam de se banhar, suavam, uns roncavam ou tinham maus hábitos, havia os grosseiros e briguentos. Realmente ali não era um local agradável. João nunca mais teve privacidade.

Os outros quatro saíram de perto de Bastião, foi cada um para um canto, mas João continuou, gostava de escutá-lo.

— João — disse Bastião numa noite —, está escutando a chuva? Chove torrencialmente. Estava fazendo um calor abafado; após a tempestade, o ar fica agradável. Sei que não gosta de estar aqui. Penso que sempre estamos onde necessitamos estar. Uma coisa afirmo: quando amamos, tudo se torna mais fácil. Não conheço, como você, outra forma de viver. Nasci aqui, nunca saí da fazenda, sempre dormi na senzala, talvez seja para mim mais fácil amá-la. Por que você não para de reclamar e tenta amar? Gostar da enxada, amar as pessoas, o local que o abriga da tempestade lá fora.

João não respondeu e pensou que, se estivesse ao relento e

com fome, seria pior.

“Talvez eu deva tentar. Vou começar parando de reclamar.”

Não era fácil, mas João tentou não reclamar e, quando o fazia, se chateava. Foram muitas as vezes que ele parava de falar no meio de uma reclamação.

Três garotos saíram do abrigo das crianças e vieram para a senzala. Bastião os colocou para dormir ao lado dele.

— Cuidarei desses jovens — determinou aquele escravo bondoso — até se adaptarem e terem condições de se virarem sozinhos. Aqui será o lar deles, como é o nosso.

— Lar? — João admirou-se.

— Sim, provisório, como todos os lugares, mas é, no momento, nosso lar — respondeu o velho escravo.

— Provisório? Pensa em sair daqui? — João ficou curioso.

— Não passamos pela terra? Nascemos e morremos? Quando morrer, meu lar será outro.

João decepcionou-se, queria outro lar naquela vida mesmo e não depois de morrer.

“Como somos diferentes!”, pensou João. “Mesmo sendo todos escravos, uns tentam ajudar, como Bastião; em outros não se pode confiar, e alguns são maldosos. Eu me encontro na condição de escolher o que quero ser aqui dentro da senzala.”

Numa noite, Tomás, ao receber sua comida e achando que Dito recebera mais, xingou e empurrou Dito, e os dois passaram a se socar. Tomás levaria a melhor, era forte e sabia lutar. Bastião entrou no meio dos dois e levou um soco no peito do escravo valentão, caindo desmaiado. Cinco seguraram o brigão que, ao ver o velho escravo caído, se acalmou. As mulheres

correram para ajudar Dito e Bastião, que acordou logo e exclamou:

— Estou bem, obrigado!

— Vou contar ao feitor Amaro — falou Dito.

— Não, não vamos — decidiu o velho escravo —; se o capataz souber, ele voltará ao castigo. Tomás, por que fez isso?

— Não quis atingi-lo — defendeu-se o agressor. — Você que entrou no meio. Você já foi chicoteado no meu lugar. Respeito-o. Mas não deveria se intrometer. Não tem direito de mandar em todos nós só porque é bonzinho. Estou irritado!

— Tolere-se, meu amigo! — pediu Bastião. — Se você não se aceita, tudo se torna mais difícil e, agindo assim, inferniza a vida de todos nós aqui na senzala. Vamos tentar ser amigos uns dos outros.

Tomás se afastou, e um dos garotos falou baixinho para Bastião.

— Estou com medo dele, que está me olhando muito.

— Fique sempre perto de mim — pediu o escravo que ajudava todos. — Vou conversar com ele, fique aqui.

Bastião foi aonde o escravo briguento estava, sentou-se ao seu lado, falou com ele e, pela expressão do rosto de Tomás, ele não gostou do que ouvira. De repente, ele pegou no braço do escravo que o estava aconselhando e torceu. Muitos moradores da senzala se aproximaram e começaram a bater no agressor. Houve gritos, o feitor Amaro entrou na senzala e deu um tiro para cima. Com o barulho, calaram-se e se afastaram dos dois.

— O que houve?! — Amaro perguntou aos gritos.

Bastião, com a ajuda de Dito, levantou-se e falou:

— Nada! Uma discussão somente.

Tomás estava sangrando no rosto, braços e pernas, levara muitos socos e pontapés. Levantou-se também.

— Brigando de novo?! O que aconteceu aqui?! — indagou Amaro a Criolo.

— Não sei direito. Tomás e Dito discutiram por causa da comida. Bastião os apartou e depois veio conversar com ele, que torceu o braço do nosso amigo, e viemos socorrê-lo.

— Tomás! Não aprende?! Está sempre brigando! Vou falar para o sinhô Genaro vendê-lo. Bastião, conte você o que aconteceu?

João, que observava tudo, ficou quieto perto dos três jovens, iria defender o amigo, mas não foi necessário. Pensou que o velho escravo iria inventar uma desculpa para livrar o briguento do castigo, mas ele não o fez.

— Feitor Amaro — disse Bastião —, foi isso mesmo o que aconteceu. Estávamos na fila para pegar comida, Tomás achou que Dito recebeu mais e o agrediu. Separei os dois porque Dito com certeza seria surrado. Resolvi conversar com ele, aconselhá-lo, mas ele pegou meu braço e torceu, não consegui impedir os outros de me defenderem.

— Está machucado? — perguntou o feitor. — Vou pedir para as mulheres fazerem curativos no seu braço. E você, briguento, vá para o cômodo e sem jantar.

Tomás andou com dificuldade, ninguém o ajudou, entrou no cômodo; Amaro fechou a porta.

— Todos têm medo dele, que é vingativo e traiçoeiro — falou Bastião ao feitor.

Amaro concordou com a cabeça e saiu.

As mulheres enfaixaram o braço do escravo machucado.

— Assustei-me! — disse João a ele. — Nunca vi tanta violência. Iam matá-lo!

— Veja como são perigosos atos impensados!

O velho escravo levantou-se e falou alto:

— Muito obrigado a todos que me defenderam. Porém, agiram errado. Sim, erraram em agir com violência. Que tristeza seria se o tivessem matado.

— Seria um alívio! — exclamou Dito. — Sabemos que ele não é confiável! Todos o tememos. Um de nós sozinho, ou dois, pode ser que até três, não dá conta dele, mas juntos demos. Ele mereceu! Agora, teremos de estar atentos; se não eu ou alguém aqui será morto por ele.

— Por favor! — pediu Bastião. — Não briguem! Respeitemos uns aos outros. Por Deus! Temos tantos infortúnios! Para que nos infelicitemos mais ainda? Não forcem ninguém a fazer o que não quer. Respeitem os jovens.

— Faremos isso! — afirmaram muitos deles.

Deitaram-se, e João viu Bastião chorar.

— Está sentindo dor? — perguntou João, falando baixinho, querendo ajudar. — Quer mais chá? Pego para você.

— O chá tira a dor do corpo, mas não da alma — respondeu o velho escravo. — Durma, amanhã você terá de ir para o cafezal. Estou triste pela violência que presenciei.

No outro dia, pela manhã, o capataz abriu a senzala e informou:

— Tomás ficará preso.

— Não irá lhe dar água ou comida? — perguntou Bastião.

— Conte para Honório o que houve ontem à noite aqui, ele irá falar com o sinhô. Será Honório quem tomará as providências.

— Ele está machucado — falou Bastião. O feitor balançou os ombros e deu ordens.

— Vamos, pretos! Ao trabalho!

Saíram e foram para o cafezal. Todos estavam curiosos para saber o que ia acontecer com o escravo preso. Ao chegarem à tarde, viram o cômodo aberto, e Bastião contou:

— O sinhô mandou Tomás para a fazenda Limoeiro; de lá, irá trabalhar na mina. Venderam-no.

Bastião estava triste e aconselhou:

— O trabalho na mina é ingrato. Muitos morrem depois de um tempo naquele lugar. Que isso nos sirva de alerta. Por favor, não briguem mais!

A maioria se sentiu aliviada com o afastamento do brigão. João sentiu medo. Pela primeira vez teve receio de ficar na senzala.

— Ter medo dos brancos que, no momento, estão como superiores a nós é uma coisa, mas ter medo de outro escravo é outra, eles são meus semelhantes e os mais próximos.

— Acalme seu coração, João — pediu seu amigo. — Com certeza, isso não ocorrerá mais. Tomás procurou o que ocorreu com ele. Não poderia deixá-lo fazer o que planejava, forçar o garoto. Meu braço irá sarar. Tenho de estar forte para continuar tentando deixar todos aqui do melhor modo possível. Aprenda comigo!

— Vou me esforçar!
Decidiu aprender com Bastião.

7

A visita

Honório deu ordens ao Bastião e ele à noite as transmitiu:

— Amanhã não irão para o cafezal — falou os nomes —, ficarão aqui para limparmos o galpão.

— Não quero ir — disse Chico. — Não gosto de ir lá. Por que limparemos?

— Vocês ouviram — respondeu Bastião —, tanto de Bárbara como de Pituxo, que as filhas do sinhô se queixaram das assombrações. Honório me deu a ordem: “Você com dez negros, limpem o galpão e que ele fique limpíssimo, pois o padre virá à fazenda para visitar Sinhana e para rezar no galpão para os espíritos que estão lá não assombrarem mais as sinhazinhas”. Ordenou também que, entre estes dez, estivessem os que foram adquiridos recentemente. Infelizmente, Chico, você também foi escalado.

— Padre? Quem é essa pessoa? — perguntou Simão.

— Uma pessoa querida. Por isso está sendo tudo muito bem preparado para recebê-lo. Os trabalhos estão sendo muitos na casa-grande. A visita é importante!

— Padre é aquele que veste saia? — perguntou Nhô.

— Sim, é esse mesmo — respondeu Bastião.

— Assombração?! Como a da tocha? — perguntou Simão. — A tocha do capataz Docapeta também vai à casa-grande? Tenho medo!

Sentaram-se em volta do velho escravo, pediram para ele falar das assombrações, e ele o fez.

— Aqui na senzala, vemos somente a tocha, e ela nunca fez nada a ninguém. Como já contei, aqui, antigamente, a vida dos escravos era muito difícil. Houve muitos abusos e maldades. Infelizmente, muitos dos maltratados não perdoaram e, pior, quiseram se vingar. Atualmente, temos no pátio somente o tronco. Vocês que vieram no navio ainda não viram este castigo. Quando o escravo faz algo errado, pode ser amarrado no tronco e é chicoteado. Normalmente é o sinhô que determinada quantas chibatadas serão. Quando isso ocorre, todos nós somos obrigados a assistir. Não podemos esquecer desse castigo. Aqui, graças à Sinhana, são poucos os castigos; para as faltas leves, usa-se o cômodo ou ficar sem jantar, ou, como aconteceu com João, levar no local em que estão algumas chicotadas.

Há alguns anos atrás, todos os escravos ficavam na senzala, que não tinha estas janelas; alguns instrumentos de tortura ficavam naquele canto, e outros, no pátio. Foram muitos os que morreram durante ou após as torturas. Quando o sinhô Genaro passou a ser o proprietário da fazenda, ele mandou levar todos esses instrumentos para o fundo do galpão, e eles lá ficaram.

— Graças à Grande Mãe! — Simão suspirou.

— Graças a Deus! — exclamou Dito.

— O que as assombrações têm a ver com esses instrumentos

ou com o galpão? — perguntou Simão.

— Muitos — continuou Bastião com sua narrativa — já ouviram ou viram esses espíritos, mas quem sempre os vê é Tomasa. São vultos que saem do fundo do galpão e vão para a casa-grande.

— Nunca vieram aqui na senzala? — perguntou João.

— Não! Nunca vieram! — Bastião suspirou, aliviado. — Penso que é por dois motivos: primeiro, o sinhô Julião, pai do sinhô Genaro, não gostava de vir à senzala; segundo, que os escravos que não o perdoaram não deixam ele nos assustar.

— Assombrações são mortos? Todos eles já morreram? — indagou Simão, que estava com muito medo.

— Os corpos de carne e ossos morreram, mas não seus espíritos — respondeu Bastião tranquilamente. — Não fiquem receosos, esses mortos nunca fizeram nada conosco e não irão fazer.

— Não quero vê-los nem ouvi-los — afirmou Chico.

— Parem com esse medo! — pediu o velho escravo. — Vocês têm medo de mim? Tinham medo do seu avô? Não. Pois, então, por que ter medo deles só porque seus corpos carnis morreram? Amamos pelo espírito, pelo menos todos deveriam amar desse modo.

— O que as assombrações fazem? — João quis saber.

— Conosco nada! — afirmou Nhô.

— Mas e se eles não gostarem de nos ver lá? — Simão estava preocupado.

— Eles entendem que estamos cumprindo ordens — falou Nhô —, que estamos sendo obrigados a limpá-lo. Já fui lá três

vezes com Bastião e nada vi ou ouvi.

— É isso mesmo — concordou o velho escravo. — Quando chego lá, falo alto: “Irmãos, viemos trabalhar. Deram ordens para limpar tudo aqui”. E fazemos nosso trabalho sem problemas.

— Que alívio! — exclamou Simão.

— Isso ocorre — falou Chico —; porém, o tempo todo que fico lá arrepio-me, abro muito a boca, sinto uma sensação desagradável e parece que tem alguém me olhando; depois, tenho dor de cabeça.

— Quando o sinhô Julião morreu — Bastião explicou — todos ficaram aliviados, os três filhos homens dele dividiram as terras após discussões, penso que ninguém se lembrou de orar por ele. Ele era viúvo quando morreu, foi mau esposo e pai, casou as filhas por interesse, e elas nunca mais voltaram à fazenda. O grupo de ex-escravos desencarnados aguardava a ocasião para se vingar. Como nosso espírito sobrevive após a morte do corpo físico, eles o prenderam e o castigam.

— Isso faz anos! Por que tanto tempo assim? — perguntou Nhô.

— A vingança parece com alguém faminto que nunca se sacia — respondeu Bastião. — O sinhô que foi maldoso vai às vezes à casa-grande em busca de socorro. Ele geme e, por estar acorrentado, arrasta as correntes e faz barulho.

— Todos escutam? — perguntou Nhô.

— Não. Sinhana fala que nunca escutou. Não se sabe se o sinhô Genaro escuta. Sinhá Joaquina, a filha, diz escutar, e o marido de Maria, a outra filha, afirma que também ouve. Muitos

escravos já viram e escutaram.

— O que eles veem? — perguntou Simão.

— Vultos — respondeu Chico.

— Vamos dormir — determinou o escravo bondoso —, não fiquem com medo, amanhã deixaremos tudo por lá limpinho.

No outro dia, os escravos que foram para o cafezal desejaram boa sorte para os que ficaram para limpar o galpão.

Honório veio buscá-los e abriu o portão do galpão. Ao entrar, Bastião falou em tom alto para quê haviam ido e pediu licença. Após, organizou o trabalho.

— Vamos tirar as teias de aranhas. Com esta vassoura, limparemos as vigas do telhado e as paredes. Limparemos também os instrumentos, vamos tirar tudo do lugar para varrer.

Ficaram perto uns dos outros. Dentro do galpão, a claridade era escassa; embora o portão estivesse aberto, o ar tinha odor de mofo.

— Venham todos aqui — chamou Bastião. — Vou contar a vocês para que serviam esses objetos. Este chicote tem bolas na ponta, é terrível ser açoitado por ele, estas bolas duras cortam as carnes.

— O que é isso? Uma máscara? — perguntou Simão.

— É, de ferro. — O velho escravo pegou e mostrou. — Colocavam no rosto do escravo; com ela, o castigado não conseguia falar, somente tomar água por este buraco. Minha mãe falava que esse castigo era mais para as mulheres, por falarem e se queixarem demais.

— E isso, o que é? — João estava curioso.

— É para colocar no pescoço. É de madeira, é pesado,

normalmente se prendiam dois escravos. Usavam para transportá-los. Com este aqui os escravos ficavam presos pelos pés, ficavam deitados, dormiam assim, em posição muito desconfortável. Estas argolas de ferro se colocavam nos pescoços e, nesta argolinha, prendiam a correntes. Estas são para os tornozelos e pulsos.

— Que horror! — exclamou Simão. — Essas dos tornozelos e pulsos já conhecemos; para viajar, ficamos presos pelos tornozelos e, em alguns momentos, também pelos pulsos.

— Em muitas fazendas, tudo isso ainda é usado — disse Chico.

— Observem, novatos, esses instrumentos e entendam que escravos não têm proteção. Atualmente, aqui na Fazenda Morro Alto, não são usados, porém, já foram e não se tem garantia de que não serão usados novamente.

— Tudo isso que nos contou aconteceu não faz muito tempo. Por que não tem na fazenda escravos dessa época? — perguntou João.

— Não vivemos muito — Bastião suspirou. — Tenho quarenta anos e sou considerado idoso. Agora estamos vivendo mais. Naquela época, era muito difícil um escravo completar quarenta anos. Má alimentação, maus tratos, castigos desumanos e muito trabalho: os escravos não viviam muito.

— Os brancos vivem mais ou menos isso — falou Chico.

— Eles vivem mais, como agora nós também — afirmou Bastião.

— Por isso — ironizou Chico — que afirmo que Sinhana entendeu isso. Os escravos sendo melhor tratados, eles obtêm

mais lucro.

— Chico — Bastião falou compassadamente —, tenho a certeza de que essa não foi a intenção de nossa senhá. Essa bondosa senhora quis que tivéssemos uma vida melhor. Não veja maldade em tudo. Ver a bondade é melhor e mais bonito.

Ao pegar umas correntes, ouviram um barulho e algo passar correndo.

— Acuda-nos, Deus!

— Aí! Bastião!

Todos se assustaram, aproximaram-se de Bastião, arrepiaram-se, tremeram de medo.

— É rato! Ratos! — avisou Chico.

Viram os bichinhos. Aliviados, riram.

— Que susto! — exclamou Simão.

— Vamos matar os ratos — ordenou Bastião.

Mataram cinco.

— João — ordenou o velho escravo —, pegue-os com a pá, vá lá fora e os enterre.

Ele cumpriu a ordem.

“De fato, ficar aqui fora é mais agradável”, pensou João.

Colocou os ratos no chão e foi fazer um buraco.

— Preto! O que está fazendo? — perguntou o capataz Honório.

João levou um susto tão grande que a pá caiu de sua mão. Honório riu.

— Pensou que fosse assombração?

— Não, sinhô capataz, é que matamos ratos e os estou enterrando — respondeu João.

— Peça para Bastião matar todos os ratos que encontrar — ordenou o capataz.

Honório se afastou, ele não entrava no galpão, tinha medo.

Não encontraram mais ratos, e nada mais aconteceu. Pararam para almoçar e, quando tudo ficou limpinho, Bastião deu por encerrado o trabalho.

— Acabamos e, como o capataz Honório determinou, estamos de folga o resto do dia. Tomasa está vindo aqui para orar. Convido-os, quem quiser ficar espere-a comigo.

João e Nhô ficaram. João estava curioso, interessava-se pelas assombrações. Logo Tomasa chegou, ela era considerada uma mulher que estava ficando idosa e era como o irmão, uma pessoa agradável. Cumprimentou-os.

— Sinhana — contou Tomasa — me pediu para vir aqui falar com os espíritos dos ex-escravos para eles irem embora. Vamos entrar.

Os quatro entraram. Tomasa parou no centro do galpão, que era retangular, com telhado alto e paredes reforçadas.

— Deixaram aqui tudo limpo! — exclamou a escrava olhando tudo. — Vou contar à sinhá, que ficará contente. Vamos ficar perto uns do outro, fazer um círculo. Vou falar e, vocês, fiquem calados. — Após uma ligeira pausa, Tomasa falou em voz alta: — Irmãos de infortúnios! Tudo passa na vida! O importante é esquecer tudo de ruim que nos acontece. Somos escravos porque, nesta terra, os negros servem os brancos, embora ainda não entendamos a razão. A morte do corpo de carne e ossos é libertação. Liberdade para nós. Não fiquem presos ao ódio e ao desejo de vingança. Já os castigaram demais. Deixem o sinhô

Julião e o capataz Leonino seguirem seus caminhos e vocês devem seguir os seus. Pedi para Pai José, um ex-escravo muito bondoso, que está sempre nos ajudando com remédios e no alívio dos doentes, para vir aqui comigo e levá-los embora. Para irem, terem sossego, estarem bem, é necessário perdoar.

Sentiram uma brisa.

— Por favor — rogou Tomasa —, vão embora!

Ficaram calados por alguns segundos.

— Vamos nós também, sairemos daqui — falou ela.

Saíram do galpão. Bastião fechou o portão.

— Será que eles foram embora? — perguntou Nhô.

— Alguns sim, outros não — respondeu Tomasa. — Espero que as orações do padre os convençam.

— Como está a sinhá? — Bastião quis saber.

— Muito fraca e sente dores — respondeu a escrava —, mas sábia como sempre. Hoje cedo ela me deu uma preciosa lição. Sinhana me pediu para pegar uma roupa no baú. Abri e a achei facilmente, estava tudo muito arrumado. Comentei: “Tudo está em ordem”. Sinhana me disse: “Temos sempre, quando cuidamos”. Sorri e falei: “Não tenho muito para colocar em ordem”. “Tomasa”, disse Sinhana, “se cuidarmos de nossas roupas, as teremos por mais tempo, assim é com tudo o que é material; porém não é somente isso que temos para cuidar, são também as pessoas, afetos, para que estes continuem gostando de nós”. “Nem isso tenho, não tive companheiro nem filhos”, respondi em tom de lamento. “Como não?!”, Sinhana exclamou. “Você tem amigos, pessoas que a respeitam e a querem bem. Tem o dom de cuidar de doentes. Isso não lhe é valioso?” “Tem

razão, sinhá, isso para mim é importante.” “Então cuide para ter sempre.”

— Sinhana realmente é sabia! — concordou Bastião.

Tomasa se despediu e voltou à casa-grande.

— O que era aquela brisa? — João quis saber.

— Deve ser o Pai José, o espírito bondoso que ajuda minha irmã — respondeu Bastião. — Vou agora levar a chave do galpão para o capataz Honório.

Nhô foi para a senzala. João ficou embaixo de uma árvore, deitou à sua sombra e ficou lembrando de sua aldeia. Lá ele fazia muito isto, deitava-se embaixo de árvores e ficava observando o céu e os pássaros.

— João — Bastião se aproximou —, levei a chave. Vou sentar aqui um pouquinho. Está fresco. Atrapalho?

— Não, estava lembrando que fazia sempre isso na minha aldeia.

— É muito bom ter lembranças agradáveis.

— Mesmo se nos recordarmos de coisas que perdemos? — perguntou João.

— É bom ter do que se recordar, memorizar acontecimentos agradáveis, mesmo se não podemos mais desfrutar do que recordamos. É preferível ter do que se lembrar, mesmo sentindo saudades, do que não ter. Boas lembranças significam que vivemos bons momentos. Isso nos dá força para continuar vivendo.

— A saudade dói — lamentou João.

— Não deixe isso ocorrer. Sentem saudade aqueles que amam. Faça desse sentimento algo suave, deve...

— Amá-la! Se amar a saudade, ela não machuca! — exclamou João.

— Vou para a senzala — o velho escravo sorriu.

João ficou sozinho. Recordou-se com detalhes de sua aldeia e das pessoas. Desejou a cada um que lembrava que estivesse bem. Pela primeira vez não chorou ao recordar e concluiu: “Meu velho amigo tem razão. É melhor sentir saudades, ter boas recordações do que não tê-las ou nunca ter amado”.

À noite, reuniram-se, contaram como foi a limpeza e gargalharam com o episódio dos ratos. Honório entrou na senzala. Todos se calaram e ele disse:

— Amanhã o padre chegará. Ele virá com uma escolta e com o Sombra. Muitos aqui conhecem o negro alforriado do sacerdote. Ele se chama José, mas não se importa que o chamem pelo apelido. Tenho um recado do sinhô. O Sombra, todas as vezes que vem à fazenda, anda por todos os lados. É para tratá-lo bem, não como se trata um sinhô, mas não sejam grosseiros com ele. O sinhô não quer reclamações. Amanhã trabalharão menos. Depois de amanhã, farão somente o trabalho inadiável, como tratar dos animais. As mulheres ajudarão na casa-grande; por isso, Bastião se encarregará de escalar quem o ajudará na cozinha da senzala. Vocês devem limpar este lugar. É improvável, porém, se o padre quiser visitá-los, deverá encontrar tudo limpo. O Sombra provavelmente virá aqui. Depois de amanhã, antes do almoço, o padre irá ao galpão. Vocês devem ir ao pátio e esperá-lo. Se ele rezar, vocês deverão orar também; os que não sabem tentem aprender ou mexam os lábios fingindo fazê-lo. No pátio devem ficar calados e comportados. Depois

voltarão à senzala para almoçar, comerão melhor e mais. Sinhana mandou servir doces a vocês. Passarão o resto da tarde na senzala ou por aqui, não se aproximem da casa-grande. No outro dia, o padre irá embora, e tudo voltará ao normal, à rotina. Um aviso importante: o sinhô ordenou para se comportarem e não brigarem. Se houver brigas, os briguentos serão castigados e, se a desavença for séria, irão para o tronco assim que o padre for embora. Nós, os empregados, estaremos atentos a vocês. Espero que aproveitem a folga, a comida e se comportem. Tudo deve dar certo no período que a visita estiver por aqui. Entenderam?

— Sim, sinhô capataz — responderam em coro.

Honório saiu da senzala e Bastião pediu:

— Por favor, companheiros, vamos aproveitar a novidade, a folga extra, os alimentos, agir como nos foi recomendado, não fazer nada que possa chatear o sinhô e nos comprometer o sucesso dessa visita. Sabemos que nossa sinhá gosta do padre, está contente com sua visita e, porque nós a amamos, vamos nos comportar. Depois, ele irá ao galpão e esperamos que os espíritos que estão lá vão embora e aquele local não fique mais assombrado. E o mais importante: não façam nada que não devem. Não briguem! Sabemos que o sinhô Genaro cumpre o que fala. Não façam por merecer o castigo ou ser chicoteado.

— O pior é tratar bem o chato do Sombra! — lamentou Criolo. — O preto é metido, vem aqui para nos esnoabar. Pensa que é muito importante.

— Não esqueçam — aconselhou Bastião — que todos têm problemas. Sombra é alforriado, mas continua sendo tratado

como escravo. Na visita passada, por ele ter derramado o açúcar, o padre lhe deu cinco cintadas. Ele já sofreu muito. Talvez Sombra se sinta bem parecendo estar em situação melhor que nós. Normalmente, pessoas que fazem isso não estão bem. Aquele que é não precisa mostrar. Vamos ignorar suas ironias; ao ouvi-las, sorriam somente.

— Bastião tem razão — concordou Criolo. — Se, ao sermos provocados pelo Sombra, reagirmos, seremos nós a ser castigados e, se ele souber disso, aí, sim, que achará bom.

— Vamos nos comportar — prometeram todos.

No outro dia, voltaram mais cedo do trabalho, limparam a senzala, fizeram o jantar e tiveram mais alimentos. Todos ajudaram, estavam acabando de limpar o espaço em que cozinham quando Sombra entrou na senzala. João observou-o: ele era jovem, magro, alto e se vestia como os brancos.

— Olá! Boa noite, senzalados! Como estão?

— Boa noite! — responderam.

— Estamos bem, obrigado — informou Bastião. — E você, como está? E o senhor padre? Ele está bem de saúde?

— Está muito bem, e eu também. Vocês estão sendo castigados? Tem alguém no cômodo? Quem foi chicoteado?

João ia contar que recebeu três chicotadas, mas Bastião respondeu rápido:

— Não temos ninguém de castigo, o cômodo está vazio, e ninguém foi chicoteado.

— E nem recebemos cintadas — falou Chico.

— Conte-nos — interrompeu o velho escravo — como está a cidade.

— Vocês nunca viram uma, não têm como saber. Mas vou contar.

Bastião colocou um banco em frente à fogueira, Sombra se sentou e contou novidades de outras fazendas que visitara com o padre, fatos ocorridos na cidade e muitas vantagens que sentiram ser mentiras. Quando algum deles ia contestar, Bastião interferia.

— Sombra — disse o escravo bondoso —, está sendo muito agradável sua visita e nossa conversa, porém lembro-o de que temos horário para dormir.

— Eu não tenho horário. Mas entendo-os, são senzalados. Amanhã eu volto. Boa noite!

— Boa noite! — responderam.

— Sombra, cuidado ao passar pelo pátio. O padre ainda não expulsou as assombrações do galpão — lembrou Chico.

Ele parou. Seguraram-se para não rir ao ver Sombra com medo.

— As almas penadas assustam mesmo? — perguntou o alforriado.

— Muito! Têm sido um verdadeiro horror — respondeu Criolo.

— Talvez eu deva dormir aqui para saber como é passar a noite na senzala.

— É muito desconfortável! — exclamou Chico.

— Levo você até a casa-grande — determinou Bastião.

— Mas é lá que as assombrações gostam de ir — lembrou Chico.

— Com o padre na casa, as assombrações não irão —

afirmou Bastião, olhando sério para os companheiros.

— De fato — concordou Sombra —, aqui é muito desconfortável, e eu não estou acostumado. Aceito sua oferta, Bastião, não porque esteja com medo, é porque posso me perder por aí, não conheço o caminho.

— Vamos!

Bastião foi saindo, queria evitar que houvesse mais comentários. Quando viram que os dois se distanciaram, riram bastante. Imitaram o Sombra. Divertiram-se.

Os dois caminharam calados. O velho escravo levou Sombra até a porta do porão, onde alguns empregados e escravos dormiam. Esperou ele fechar a porta e voltou.

“Comportamo-nos, graças a Deus!”, Bastião pensou aliviado. Na senzala, encontrou alguns escravos acordados que continuavam rindo.

— Além de não responder às provocações, divertimo-nos. Continuemos assim — aconselhou Bastião, rindo.

No outro dia, fizeram o planejado, foram ao pátio, João estava muito curioso. O padre veio acompanhado de Tomasa, Bárbara, Genaro e do capataz.

— Por que ele se veste assim? — perguntou João a Bastião, que estava ao seu lado.

— É a roupa dele. Padre é o líder religioso deles. Penso que se veste desse modo para que todos saibam que ele é sacerdote. Fiquemos calados.

O padre passou por eles e entrou no galpão. Ficaram olhando, pois o portão estava aberto. O sacerdote orou. Jogou água, foi em todos os cantos. Depois voltou ao pátio e disse:

— Abençoo vocês, escravos da Fazenda Morro Alto! Que Deus, Cristo, os abençoe! Vamos orar! Ave Maria...

Rezou por minutos, depois jogou água neles.

— Vão em paz! — finalizou o padre.

Afastou-se, foi para a casa-grande. Sombra ficou o tempo todo ao lado dele carregando o vaso d'água e um livro, foi com ele.

— Podem voltar à senzala! — ordenou Honório.

Voltaram conversando.

— Bastião, por que o padre joga água? — perguntou João.

— Tomasa me contou que ele ora sobre a água, que fica benta e tem poderes.

— Acredita nisso?

— Sim, acredito — respondeu Bastião. — Água canaliza energias. Podemos potencializá-la se quisermos, desejando que ela nos faça bem.

— Deus tem pai? — Simão quis saber.

— Como?! Por que pergunta isso? — Bastião admirou-se.

— Porque na oração — falou Simão — eles rogam à Santa Maria, dizendo que ela é mãe de Deus. Se Ele tem mãe, deve então ter pai. Terá avô? Família?

— O que sei é que Maria foi mãe de Jesus. Ele, Jesus, chamava Deus de Pai e ensinou que todos nós fomos criados por Deus, portanto somos seus filhos. Por causa de um mistério, eles dizem que Jesus é Deus.

— Como podem acreditar num mistério, em algo que não se entende? — perguntou João.

— Isso eu não sei! — exclamou Bastião. — Penso que Jesus

foi uma pessoa muito boa que tentou ensinar. Ele foi filho de Maria.

— Será que Jesus ama a nós também? — indagou Simão.

— Com certeza ama a nós todos — o velho escravo suspirou.

— Como sabe disso tudo? — Simão estava curioso.

— Tomasa escuta as conversas dos senhores e do padre. Ela me conta porque gosto de aprender.

À noite, Sombra foi à senzala.

— Você não terá receio de retornar à casa-grande? — perguntou Chico.

— As assombrações foram embora — afirmou o alforriado.

Bastião, com o olhar, pediu calma a todos. Sombra começou a contar vantagens.

— A comida tanto no almoço como no jantar estava deliciosa! No almoço teve leitão assado. Já comeram? Não! Foi o que pensei. Na senzala não chegam esses alimentos. E o doce...

— Sombra! — Honório entrou na senzala. — O senhor vigário o está chamando. Pediu para ir rápido.

— Boa noite! Vou atender meu patrão. Se der, volto.

Saiu.

— Feche o portão mais cedo, Bastião — pediu Chico. — Não suporto esse negro. Vamos à casinha e depois dormir. Se o Sombra voltar, encontrará a senzala fechada.

Assim fizeram. Ao se deitarem, João indagou a Bastião.

— Será mesmo que as assombrações foram embora?

— Tomasa pediu aos nossos irmãos de raça para ir, perdoar e viver de outro modo. Quanto ao sinhô e ao capataz, tomara que

o padre os tenha socorrido. Também é tempo de eles rogarem perdão, terem realmente se arrependido e aprender para serem boas pessoas.

— Eles poderiam também levar o Docapeta — desejou João.

— Vamos dormir — aconselhou Bastião. — Se continuarmos conversando, atrapalharemos os companheiros. Boa noite!

— Boa noite!

João ficou pensando em tudo que ouvira e vira durante o dia.

“Quantos mistérios!”, pensou. “Queria entender melhor a religião dos brancos. A de minha aldeia é simples e fácil. Os que agem com maldade recebem castigos, e os bons, dádivas. Quando se morre já se sabe para onde vão as pessoas, para a terra da luz ou da escuridão. Parece que aqui espíritos podem ficar vagando. O melhor é ser bom!”

A senzala estava silenciosa. João adormeceu.

8

Desencarnes

Voltaram à rotina, porém as conversas eram sobre a visita, riam dos acontecimentos e do medo do Sombra.

As filhas dos senhores chegaram, João as viu somente de longe, elas vieram com os maridos e filhos. Por Tomasa, souberam que a sinhá estava contente com as visitas.

— Elas vieram para passar o Natal com os pais — comentou Tomasa.

À noite, os cinco quiseram saber o que era Natal. Bastião explicou:

— É o dia em que se comemora o nascimento de Jesus.

— Para nós, é um dia em que nos tratam melhor — comentou Chico. — Trabalhamos como no domingo e nos dão mais alimentos.

— A sinhá ora na capela — contou Nhô.

— Nunca fui à capela. Como é ela? — Simão quis saber.

— É um cômodo pequeno — respondeu Criolo —, perto da casa-grande; nos fundos, ficam os cemitérios: do lado direito, o dos senhores; do lado esquerdo e maior, o dos pretos. A vila fica distante para levar alguém lá para enterrar.

— Tem santos e santas na capela — disse Nhô.

— O que é isso?— Simão ficou curioso.

— São imagens feitas de madeira ou barro que representam pessoas que são importantes para a religião que seguem. Os senhores se ajoelham em frente às imagens e oram, suplicam graças — Bastião tentou explicar.

— Jesus fica sabendo que aqui comemoram o aniversário dele? — perguntou Simão.

Riram.

— O que falei de engraçado? — quis Simão saber.

— Jesus já morreu há muito tempo! — exclamou Chico. — Comemoram até sua morte. Mataram-no.

— Isso que é engraçado — Simão admirou-se. — Mataram Jesus e depois comemoram. Por que isso?

— Vou explicar — intrometeu-se Bastião —, falarei o que entendo. Eles não comemoram a morte dele, lembram-na com orações. Jesus foi uma boa pessoa, nasceu para ensinar e, como às vezes acontece, incomodou algumas pessoas que não quiseram ouvi-lo, então mataram-no.

— Foram algumas pessoas, não a maioria, entendi — disse Simão. — O que ele ensinou de tão importante assim?

— Ouvi uma vez do padre — respondeu Bastião —, e Tomasa diz que Jesus ensinou que devemos amar muito e a todos. Amar a nós mesmos e, com o mesmo amor, a todas as pessoas. Fazer ao outro o que gostaríamos que nos fizessem.

— Muito bonito esse ensinamento! Eles fazem isso? — perguntou João.

— O que você acha? — Chico ironizou. — Não seja tolo! Eles

oram, cultuam imagens, comemoram o aniversário de Jesus, ficam tristes na época de sua morte. Mas não seguem seus ensinamentos. Para mim, até a sinhá, que se diz bondosa, não o faz. Será que a senhora já se colocou no lugar de uma escrava? Eles fazem aos outros, no caso nós, o que gostariam que lhes fizessem? O que você, Bastião, me diz disto?

— Penso que fazer atos externos seja mais fácil — suspirou o velho escravo.

— O bom é que na semana seguinte comemora-se o Ano-Novo — comentou Dito.

— Explique isso — pediu João.

— O calendário é assim — explicou Bastião —: a semana tem sete dias, isso vocês já sabem porque trabalhamos menos no domingo. Quatro semanas mais dois ou três dias formam o mês, e o ano tem doze meses. Tudo tem nome: os dias da semana, os meses. Estamos em dezembro e, no dia vinte e cinco, é o Natal. Este mês acaba no dia trinta e um, e primeiro de janeiro é o Ano-Novo. Pituxo nos disse que o ano será 1800.

— Nossa! Quanto é isso? — indagou João.

— Muito! No morro da direita, existem muitos pés de cafés, penso que deve ser isso, umas mil e oitocentas plantas — comentou Zé.

— São muitos anos mesmo — confirmou Bastião. — Tomasa escutou que começaram a contar os anos depois que Jesus nasceu e que antes já tinha muitos.

— Sempre morrendo gente — falou Simão. — Como cabem tantas pessoas na terra da luz ou da escuridão?

— Eles podem ir e vir; ora lá, ora cá — opinou João.

— O que será que a sinhá nos dará para comer? — indagou Dito.

— Tomara que seja algo bom — desejou Criolo.

— O ano deles não é marcado pelas fases da lua? — perguntou João.

— Não, não sei como é marcado, mas não é pelas fases da lua — respondeu Bastião.

— Pelo calendário deles, eu tenho menos anos de vida — falou João. — Marcamos, na minha aldeia, o tempo pelas fases da lua. Nasci na lua crescente; na décima segunda vez da lua nessa fase, eu completava mais um ano.

— Os brancos não se importam com a idade de um escravo — disse Criolo. — O que interessa para os senhores é ter escravos jovens para trabalhar.

João à noite, deitado no seu canto, ficou pensando em Jesus: “Gostaria de conhecer mais sobre o que Jesus ensinou. Espero que um dia tenha essa oportunidade. Amar a todos! Interessante! Será que é mais fácil para nós, escravos, amarmos aos brancos ou eles a nós? Pensar no que o outro tem de fazer não é certo, o correto é pensar no que tenho de fazer, o que me cabe, amar não somente os negros, mas também os brancos, por mais que seja difícil”.

O Natal transcorreu em paz. Na casa-grande, as crianças os alegraram; os escravos trabalharam menos e se alimentaram melhor. E no Ano-Novo também. Todos tinham esperança de que o ano que se iniciava fosse melhor do que os anteriores.

Na fazenda, a lavoura de importância era o café, porque o fazendeiro vendia a produção, era sua renda. Tinha, para o

consumo, plantações de feijão, milho e arroz. O milho completava a alimentação dos animais; na propriedade, tinha um pequeno rebanho de gado e muitos cavalos, estes eram meio de transporte. A lavoura de arroz era longe da sede e, quando trabalhavam nela, iam de charrete. O proprietário da fazenda comprava, na vila próxima, açúcar, sal e farinha, o resto era produzido na propriedade. O excesso de produção era dado aos escravos como alimentação extra, como frutas, ovos e leite.

Logo após as festas, as famílias das filhas dos senhores foram embora. A sinhá piorou. Tomasa comentou:

— Sinhá esforçou-se muito para parecer melhor, não gemeu ou se queixou, isso para tranquilizar as filhas.

Um dos garotos que haviam vindo para a senzala ficou doente, queixou-se de dores e vomitou bastante. Tomasa veio vê-lo.

— Vou levá-lo para junto das mulheres, ele não está bem. Deixarei ervas para fazer chás. Tenho de voltar para perto da sinhá, que piorou muito.

O garoto foi piorando, gemia de dores, nem o chá parava no estômago. João foi vê-lo e ficou impressionado.

“Meu Deus! Ó, Grande Mãe, ajude esse garoto!”, rogou.

O garoto morreu de madrugada. A mãe dele chorou sentida.

— Ele teve nó nas tripas⁸ — comentou Bastião.

Honório mandou que o enterrassem logo após o almoço. Bastião e Dito fizeram um buraco, colocaram o corpo físico do jovem na cova e jogaram terra em cima.

João observou tudo, era domingo, e entendeu que ninguém além da mãe se comovera com a morte do jovem nem foi ver

enterrarem-no. Seu corpo não foi nem embrulhado. Ao comentar isso, escutou de Bastião:

— Não podemos nos privar do que pode ser útil. Roupas aqui são importantes, principalmente no inverno. Ele foi enterrado somente com a calça. Por que se espanta? Não nascemos nus? Ele não irá precisar disso para onde foi.

— Não ficaram tristes; a não ser a mãe, ninguém chorou — suspirou João.

— A morte de um escravo é assim mesmo, não tem importância. Porém, sabemos que esse garoto será liberto e estará melhor. É isso que devemos desejar a ele.

Dois dias depois, o neném da Filó nasceu morto. Também foi enterrado no cemitério, na parte dos negros e sem roupa.

— O que aconteceu? Por que a criança morreu? — perguntou João a Bastião.

— É sempre Tomasa quem ajuda as mulheres no parto, porém ela não pôde sair da casa-grande, o sinhô determinou que minha irmã não saísse de perto da sinhá. Mas a criança não morreu por isso. Filó é mãe de muitos, sempre os teve com facilidade, este não deu. Algo aconteceu, e o neném morreu.

— Talvez ele não quisesse ser escravo! — exclamou João.

Bastião riu.

Depois de três dias, a Sinhá morreu. Tocou o sino. Os escravos voltaram do cafezal. Avisaram os vizinhos. A casa-grande se encheu de visitas. Todas as escravas foram ajudar. Honório entrou na senzala e ordenou:

— Após o jantar, vocês irão ao pátio para cantar em homenagem à sinhá, foi o sinhô Genaro quem mandou. Cantem

aquelas canções tristes. Depois vão dormir. Nada de abusos; quem não se comportar, o castigo será severo.

A maioria dos escravos gostava da sinhá e se entristeceu com sua morte. Alguns escravos não se importavam.

— Vamos, por favor — pediu Bastião —, nos comportar. Depois, essa é uma grande perda. Vamos pedir por ela, que Sinhana possa estar bem num bom lugar.

— Estará, com certeza, com o Deus dos brancos — ironizou Chico.

— Se você, Chico, não se comoveu com a morte da sinhá, entristeça-se por você. — Bastião estava sério. — Ela impedia que fôssemos maltratados. O que acontecerá conosco? Com certeza o sinhô se casará novamente e como será a nova sinhá?

— O sinhô Genaro entendeu que nos tratando melhor obtém mais lucro, espero que ele continue pensando assim — desejou Criolo.

— Bastião, você está com medo? — perguntou João.

— Quem já viu e sentiu uma forma de viver muito pior sente medo de vivê-la novamente. Estou pesaroso com o falecimento de Sinhana.

João entristeceu-se com os cantos, as mulheres reuniram-se a eles e lamentaram a morte da bondosa sinhá.

Já era tarde quando foram dormir. No outro dia, fizeram somente o serviço essencial.

— Vocês poderão ir ao pátio em frente à capela no horário do sepultamento e se comportem — falou Honório aos escravos.

Quando o capataz saiu, Bastião falou:

— Irmãos, eu imploro, peço-lhes, por favor, obedeçam as

ordens do capataz. Os que não quiserem ir, fiquem na senzala. Mas será bom irmos, demonstrar nossa gratidão à sinhá; depois, podemos ser exemplo para outros fazendeiros que maltratam seus escravos. Vamos limpos, assistir a tudo com respeito e calados. Lembro-os de que os funcionários da fazenda, principalmente Honório, estarão atentos a nós. Se alguém demonstrar alegria, rir, com certeza será castigado. E pode ser que prejudique a todos. Chico, se for, comporte-se.

— Não é revoltante? — perguntou Chico. — Filó perdeu seu filhinho, o garoto morreu e nenhum branco se importou. Por que tanta diferença na morte? A sinhá é diferente de nós? Seu corpo não irá apodrecer como o nosso?

— Chico, cuidado com o modo de falar — pediu o velho escravo. — Aceite essa diferença. Você tem razão, os corpos sofrem o mesmo processo na decomposição. O importante é ir para a outra vida sem ter feito maldades.

— Se você, Chico, for ao pátio, comporte-se. Se não, fique e não nos prejudique — pediu Dito.

Os escravos almoçaram, se limparam, arrumaram-se e foram para a frente da capela. Ficaram em silêncio, cabeças baixas. Muitos vizinhos estavam presentes. Oraram e o corpo físico da sinhá foi enterrado.

— Vocês podem voltar para a senzala — ordenou Honório.

— Podemos cantar de novo? Poderemos chorar pela sinhá? — perguntou Bastião.

— Vou perguntar ao sinhô Genaro; depois vou à senzala para dizer se ele permitiu.

Retornaram calados à senzala. Chico estava revoltado, a

expressão de seu rosto era de ira, mas ele se comportou.

— Vou dormir — falou Chico —; se forem cantar, não o façam até tarde.

Honório, uma hora depois, foi à senzala para comunicar que o sinhô permitira que cantassem.

Reuniram-se no pátio, as visitas foram embora, e as mulheres vieram também. Cantaram. As canções tristes fizeram muitos chorarem.

No outro dia, Honório e Amaro entraram na senzala.

— Hoje irão todos juntos para o cafezal, não irão para as outras lavouras, farão isso por uns dias. Vou viajar, avisar as filhas do sinhô que Sinhana faleceu.

Simão deu uns passos, aproximou-se de Honório e rogou:

— Por favor, posso ir? Sou trabalhador, posso ser útil.

O capataz pensou por instantes e respondeu:

— Vou levá-lo. Mas, se não se comportar, irá para o tronco.

— Irei me comportar! — Simão ficou contente.

Honório escolheu mais três negros para irem com ele, o restante foi com Amaro para a lavoura.

— Bastião — disse o capataz —, vou deixá-lo encarregado de manter os escravos comportados. Cuide da senzala.

Não foi só Honório que viajou; o feitor Januário também.

À noite, Pituxo veio à senzala e contou as novidades.

— O sinhô ficou horas escrevendo cartas. Honório e Januário saíram com os quatro negros, irão juntos à vila, depois se separarão. O feitor Januário e dois escravos irão para o lugar onde mora Joaquina levar uma carta do Sinhô para ela dando notícias do falecimento de Sinhana. O capataz Honório irá até os

mensageiros e pagará para eles levarem as cartas para os parentes da sinhá, irmãos e sobrinhos. Também o fará com a missiva para o filho, essa carta irá até uma cidade portuária e de lá para o Rio de Janeiro. O filho somente saberá da morte da mãe depois de semanas. Depois eles irão à residência de Maria informá-la do que aconteceu na fazenda. Em seguida, se encontrarão na vila para voltar juntos à fazenda.

— Como está o sinhô? Está triste com o falecimento da esposa? — perguntou Criolo.

— Parece normal, penso que, como já era esperado e vendo a sinhá sofrer tanto, conformou-se — respondeu Pituxo.

Na tarde de domingo, João foi com Bastião ao local onde sepultaram a sinhá.

— Aqui estão sepultados os membros da família, os pais do sinhô Genaro, dois irmãos dele, três filhos da sinhá que morreram nenéns e o filho que faleceu aos seis anos. Sinhá sofreu muito com a morte desse filho que adoeceu e ficou acamado por três semanas. O sinhô lamenta até hoje porque pensa que ele era o filho que tomaria conta da fazenda.

— Todos morrem! — exclamou João.

— Nascem e morrem, é a vida!

— Como será que a sinhá está?

— Tomasa me contou que o Pai José lhe deu notícias. Sinhana está bem — respondeu Bastião.

— Na terra da luz!

O filho de oito anos de Januário adoeceu, estava passando mal. A esposa dele não queria chamar Tomasa para vê-lo, ela era orgulhosa, não olhava para os escravos, não conversava com

nenhum. Foi Amaro que, ao ver o garoto enfermo, chamou Tomasa. O menino fez um ferimento na perna, acima do joelho, e infeccionou. A perna inchou, fez vergões vermelhos, teve febre alta. Tomasa pouco pôde fazer. O garoto morreu. Januário estava ausente. Enterraram-no nos fundos do cemitério, nem junto dos senhores nem na parte dos escravos.

— Mais uma morte! — lamentou Nhô.

— Em todas as fazendas tem cemitério? — perguntou João.

— Nas fazendas perto de vilas, cidades — respondeu Nhô —, os corpos mortos são levados para lá. Na que estamos, Fazenda Morro Alto, é longe, e o transporte do corpo se torna difícil. Por isso enterramos quem morre aqui atrás da capela.

Eles voltaram da vila, o capataz, o feitor e os quatro escravos, e trouxeram provisões: sal, açúcar, farinha e tecidos grossos.

Januário chorou quando soube da notícia de que seu filho havia morrido, foi orar onde o filho fora enterrado.

— Ainda sofremos — falou Bastião — com a separação causada pela morte do corpo físico. Sofrem o branco e o negro. A morte é para todos.

À noite, Simão e os outros três contaram as novidades da viagem.

— Foi muito bom! — Simão estava contente. — Gostei de sair. Dessa vez, pude ver melhor a vila. Muito bonita. Comportei-me, fiquei atento, ajudei bastante, e o capataz Honório não teve queixas de mim, espero que me leve outras vezes. Encontrei-me com o Sombra, o capataz foi à igreja, entregou uma carta para o padre e um maço de dinheiro para o

vigário rezar pela alma da sinhá. A casa da sinhá Maria é bonita, ela mora numa fazenda perto da vila. Somente o capataz Honório entrou na casa, ele comentou que a sinhazinha chorou muito. Lá nos trataram bem, almoçamos, e a comida estava gostosa. Tudo na viagem deu certo, porém percebi que os funcionários da fazenda receiam viajar, eles temem ser atacados por ladrões ou por negros fugitivos.

Comentaram o que viram, foi assunto de várias noites.

Tomasa pôde sair mais vezes da casa-grande, às vezes ia à senzalinha ficar com as crianças ou ia com as mulheres à senzala, reuniam-se todos em volta da fogueira para conversar. Tomasa contava histórias interessantes e estava sempre ajudando a todos. As queixas eram muitas: “Estou tendo dores de cabeça”; “meu estômago dói”; “tenho dores nas costas”. Estas eram as mais frequentes. Tomasa fazia chás, passava as mãos no local das dores, aliviando-as.

Pituxo também ia à noite à senzala, fazia graças, imitava pessoas, alegrava-os.

— O Sombra anda assim!

Imitava como ele falava. Gargalhavam.

O mais interessante era que Pituxo imitava o padre com perfeição, assim como fazia com o sinhô.

— Parece que você, Pituxo, já foi branco — comentou João.

— Sei que é impossível, mas às vezes sinto isto, que já fui branco — concordou Pituxo.

— O sinhô sabe que você o imita? — perguntou Chico.

— Não! — respondeu o imitador. — Faço isso somente aqui.

— Ele pode não gostar — disse Chico.

Dois dias depois, Pituxo entrou na senzala e contou:

— Ontem o sinhô Genaro me perguntou: “É verdade, preto, que você me imita?”. Respondi: “É difícil imitar o sinhô, que é elegante, somente tento imitar o seu andar”. “Por que faz isso?”, indagou o sinhô. “Porque o admiro.” O sinhô riu e ordenou: “Imite-me para eu ver”. Eu o fiz, não como faço aqui, um pouco mais desajeitado. O sinhô riu de novo.

— Você se saiu bem — elogiou Dito.

— Foi Tomasa quem me orientou — contou Pituxo. — Uma vez ela me disse: “Você imita os brancos, diverte-nos, talvez o sinhô venha a saber; se isso ocorrer, para não ser castigado, faça isto: fale que o admira e, se ele pedir para imitá-lo, faça não como costuma, mas sim desajeitado”.

— Como o sinhô ficou sabendo que você o imita? — perguntou Criolo.

— Foi alguém aqui de dentro? — Dito quis saber.

— Vi o feitor Amaro conversar com o sinhô, fiquei atento e escutei o nome de Chico. Foi após essa conversa que o sinhô me chamou — respondeu Pituxo.

Todos olharam para Chico, que nada falou.

— Você não deveria ter feito isso! — exclamou Zé.

— Fez por inveja! — opinou Criolo.

Chico continuou calado.

— O que importa — falou Pituxo — é que o sinhô não achou ruim e riu. Porém, não é bom ter alguém aqui em quem não se pode confiar. Então, cuidado com o que falamos, principalmente perto dele.

João pensou que Chico iria brigar, mas ele continuou calado.

Os companheiros o olharam, desaprovando o que ele fizera, e combinaram que iriam se precaver.

Na outra noite, Chico estava nervoso e falou alto para todos ouvirem:

— Minha mãe ficou brava comigo. Foram pedir para ela me aconselhar porque não estou me comportando bem. Que sou invejoso. Tenho inveja mesmo dos que servem na casa-grande, eles são mais bem tratados. Comentei somente com o feitor Amaro o que Pituxo faz aqui.

— Não pensou nas consequências, Pituxo poderia ser castigado — disse Bastião.

— Não queria isso; somente que Pituxo viesse para a senzala trabalhar na lavoura — Chico tentou se defender.

— Isso não ocorreria — afirmou o velho escravo. — Pituxo faz um trabalho que se difere muito do nosso. Ele está na casa-grande desde menino, era companheiro de brincadeira do sinhô Leôncio. Ajuda o sinhô a se vestir, serve o café, arruma a roupa dele, limpa suas botas. Esse serviço é demorado para se aprender, ninguém aqui sabe fazê-lo. Pode-se aprender, mas tem que haver quem o ensine. Fui eu quem falou para sua mãe, disse a Bárbara para aconselhá-lo porque você está briguento, não tem se comportado. Você não contou ao feitor Amaro o que Pituxo faz aqui? Não deveria achar ruim por ter recebido a mesma ação de volta. Porém, existe diferença: você contou pensando em prejudicar alguém; eu contei e o fiz à sua mãe, que o ama, para beneficiá-lo. Isso porque não está agindo corretamente e, se continuar, poderá ser você o castigado.

— Queria ter ido viajar e não fui — queixou-se Chico.

— O capataz Honório não o escolheu, talvez seja por isto: se os companheiros seus não confiam em você, ele pensa que também não deve confiar. Foram viajar aqueles que não dão problemas. Atenda à sua mãe, acate seus conselhos. — Olhando para todos, Bastião implorou: — Vocês, meus companheiros, eu lhes peço: vamos nos comportar, nossa defensora não está mais aqui.

Pituxo resolveu não imitar mais o sinhô nem os funcionários da fazenda. Contava fatos engraçados e imitava os escravos e as escravas. Chico se isolou; quando alguém ia contar algo mais sério, pedia para ele sair de perto.

O trabalho continuava da mesma forma. João ainda sentia cansaço, estava sempre com dores nas costas e se esforçava para não reclamar. Não gostava de trabalhar, porém tinha receio de ser chicoteado. O feitor Amaro estava sempre atento a ele e, normalmente, seu pedaço carpido era menor do que o dos outros. Isso o deixava chateado e, por mais que se esforçasse, não conseguia trabalhar como seus companheiros.

Tomasa os visitou na senzala, e Criolo, curioso, a indagou:

— Você sabe das assombrações? Elas foram embora? Não assustam mais?

— Pai José — respondeu Tomasa — me disse que todos os ex-escravos foram embora, o capataz também, porém o sinhô Julião não quis sair daqui.

— Não entendo — falou Criolo —: antes aqueles que não o perdoaram o castigavam; não os tendo mais perto dele, o sinhô continua aqui.

— Esse castigo — continuou Tomasa elucidando — só

aconteceu e o sinhô o sofreu por anos por não ter se arrependido, por continuar pensando que estava certo e que, se possível, faria tudo de novo. Orgulhoso, não pediu perdão. Necessita, o sinhô Julião, mudar sua forma de agir; não só ele, mas todos nós, porque enquanto não fizermos essa mudança, os atos ruins continuam a ser feitos, continuam os males, com ou sem corpo físico. Minha preocupação é que ele influencie o filho, o sinhô Genaro, a nos maltratar; essa influência se tornou mais fácil sem a presença de Sinhana. Sinhô Julião não gosta de negros e não aceita conversar com o Pai José; esse bondoso espírito pediu ajuda e tem vindo à fazenda um bom espírito, que vestiu a roupagem branca, para conversar com ele. Ele pode ou não escutá-lo, porque escutamos e atendemos a quem queremos. Sinhô Julião tem ficado na casa-grande, não geme mais nem arrasta correntes.

— Isso é assustador! — exclamou Criolo. Todos concordaram com ele.

Quando Tomasa saiu, João notou Bastião preocupado. Ao ser indagado, respondeu:

— Sinto mudanças, o sinhô não ficará muito tempo viúvo. Ele sempre foi influenciável, Sinhana o influenciava para o bem. E a nova sinhá, o que fará?

João também se preocupou.

9

O castigo

O tempo começou a esfriar, a temperatura mudou. À noite passaram a fechar a metade das janelas. Com um bambu comprido, empurravam as partes de madeira, fechando-as. Na senzala, havia oito janelas grandes, quatro de cada lado.

— Fecharemos duas de cada lado; quando esfriar mais, fecharemos todas — informou Dito.

João, pela primeira vez, sentiu frio e, pelo que eles falavam, estava somente começando a época da friagem.

Honório foi viajar, levou novamente Simão e, quando voltaram, este contou:

— O sinhô Genaro quer casar. Escreveu para o padre perguntando por candidatas a noivas. O padre nos pediu para esperar pela resposta, ficamos hospedados numa casa-grande onde se paga por isso. Capataz Honório ficou num quarto dentro da casa, e eu dormi num cômodo no quintal. Fiquei sem fazer nada e pude andar pela cidade. Conversei com outros escravos e com o Sombra. Ri muito dele, que continua contando vantagens. O padre chamou o capataz Honório para conversar e, quando ele voltou da igreja, falou: “Vamos embora, tenho a resposta para o

sinhô, o padre escreveu uma carta informando sobre três pretendentes e como será feito o dote”.

— Paga-se pela noiva? — perguntou Dito.

— Negocia-se — respondeu Simão. — Esses casamentos são negociados; pelo que entendi, às vezes é o pai da noiva que dá dinheiro ao noivo. O padre descreveu as moças. Quando chegamos à fazenda, o capataz Honório falou: “Você está de folga o resto do dia e amanhã. Talvez tenhamos de voltar e vou levá-lo novamente”.

— Com certeza o sinhô Genaro irá escolher a noiva. Deus nos ajude para que escolha uma pessoa boa — desejou Bastião.

Dois dias depois, Honório, à noite, entrou na senzala e falou:

— Amanhã cedo viajaremos; você, Simão, irá conosco e também Dito. Acompanharemos o sinhô Genaro à vila, Januário irá junto, contratamos Miguel e mais dois capitães do mato, pistoleiros, para nos proteger. Bastião, cuide para que tudo dê certo. Amaro ficará responsável pela fazenda.

Quando Honório saiu, comentaram:

— O sinhô com certeza voltará noivo.

— Quem será a noiva?

— Será que ficarão muito tempo ausentes? Logo faremos a colheita do café.

— Amigos! — falou Bastião. — Vamos fazer de tudo para não contrariar o feitor Amaro, sabemos que ele é rígido e que sente prazer em castigar.

Comentaram por horas as novidades e dormiram mais tarde.

No outro dia, viajaram, e todos tentaram obedecer o feitor

Amaro, que ficou mais arrogante e exigente. Seis dias depois, Januário e Dito voltaram. À noite, Dito contou as novidades.

— Na vila, o Sinhô resolveu conhecer as pretendentes na missa do domingo. Ficaram com ele o capataz Honório, Simão e, para ajudá-lo a se vestir, o Pituxo. Vi a cidade, lugar bonito. Não gostei dos pistoleiros, dos capitães do mato que viajaram protegendo o sinhô. Eles transmitem algo de ruim, desagradável. Acompanharam-nos e ficaram para trazer o sinhô de volta à fazenda.

— A maioria das pessoas parece ser o que realmente é — opinou Bastião.

— Não entendi — falou Criolo.

— Nossa vibração — explicou o velho escravo —, energia, é boa ou não conforme nossos atos. Penso que esses homens, pela sua profissão, de perseguir negros, tenham cometido muitas ações maldosas, e isto fica neles, como um lodo, e as pessoas mais sensíveis sentem. Podem enganar, fingir ser o que não são, porém não podem mudar sua energia.

— Pessoas boas irradiam algo agradável — deduziu Dito —; em pessoas que fazem maldades, a energia é desagradável. É isso?

— Sim — respondeu Bastião. — Quem sabe sentir a energia de outra pessoa não é enganado.

— Senti medo desses homens — confessou Dito. — Durante a viagem, fiquei o mais longe deles possível. Percebi que o capataz Honório também não gostou deles e me disse que aquela escolta era necessária pelos muitos ataques que estão ocorrendo na região.

Cinco dias depois, o sinhô Genaro regressou; os pistoleiros descansaram naquela noite na fazenda e foram embora no outro dia. Simão tinha muitas novidades.

— Fiquei, como da outra vez, na hospedaria. Conversando com Sombra e escutando conversas, fiquei sabendo que o sinhô Genaro, na missa, viu as três candidatas. A primeira foi logo descartada; é uma viúva que, embora jovem, tem três filhos. Penso que o sinhô não quer criar os filhos de outro homem. A segunda é uma moça considerada solteirona, mora na vila, e a terceira é uma jovem, menina, tem quinze anos e é muito bonita. Foi esta que o sinhô escolheu. O pai dela tem uma pequena propriedade perto da vila e está arruinado. O sinhô afirmou que, após o casamento, paga as dívidas dele. No domingo, após o almoço, o padre foi com o sinhô na casa dos pais dela; fui junto com o capataz Honório. Não escutamos as negociações, ficamos no pátio. O sinhô ficou contente com a visita. Escutamos, na volta da vila, a conversa deles, e o sinhô ordenou: “Senhor Vigário, acerte tudo, quero um casamento bonito”.

— A mocinha foi vendida! — suspirou Bastião. — Será que aceitou? Casará contra a vontade?

— Pelo que escutei — contou Simão —, ela não achou ruim. Fez algumas exigências, como: não quer trabalhar, gosta de cavalgar e quer fazê-lo pela fazenda, quer roupas e joias. O sinhô disse que isto não é problema, que fará o que ela quer. Marcaram a data do casamento para o dia trinta. O sinhô quer casar antes do início da colheita.

Honório foi à vila e novamente levou Simão e Dito. Foi

entregar cartas do sinhô para as filhas e o filho, informando-os do casamento. Foram também comprar vários objetos para a casa.

E, como sempre, Simão e Dito, ao voltarem, por dias, contaram como foi a viagem e as novidades.

— O capataz Honório comprou muitas coisas — contou Dito. — A charrete veio lotada, revezamo-nos para dirigir a charrete; ora eu o fazia, ora Simão. Viajamos também a cavalo. O capataz Honório fez a viagem a cavalo, ele estava armado e atento.

Bastião aproximou-se de João e falou em tom baixo:

— Logo mais Tomasa virá aqui para conversar com você, vamos esperá-la na frente do portão, a conversa é particular.

João gostava de conversar com Tomasa, somente não gostou por ser fora da senzala, as noites estavam frias. Acompanhou o amigo, e logo Tomasa chegou.

— Vou ser rápida porque vejo que está com frio, — observou Tomasa. — João, meu irmão me contou de seus comentários sobre o nosso espírito voltar a viver em corpos carnis diferentes. Poderia me falar sobre isso?

João pensou por instantes e respondeu:

— Não havia prestado atenção nesses comentários quando estava na minha aldeia, penso que esse assunto era restrito a algumas pessoas somente. Preso, esperando para viajar, no navio e depois num galpão, tive por companhia Dali, filho do líder do lugar em que morava e que estava certo de que substituiria o pai. Dali é uma pessoa boa e foi ele quem me falou sobre isso. Arrependo-me por não ter indagado mais; naquele

momento estava preocupado com as minhas dificuldades. Dali falava que nosso espírito, quando o corpo de carne e ossos morre, sobrevive. O espírito vive por uns tempos na terra da luz ou da escuridão e depois volta para continuar vivendo num outro corpo que se forma na barriga da mãe. Podemos ir e voltar muitas vezes. E, quando fazemos maldades, na outra volta, podemos sofrer para aprender a ser boas pessoas.

— Isso faz sentido! — exclamou Tomasa. — Isto é maravilhoso! Explica as diferenças que existem no mundo.

— Tomasa, você irá falar sobre esse assunto com as outras pessoas? — perguntou Bastião.

— Não — respondeu ela —, penso que não é aconselhável. Se escravos souberem disso, poderão até programar o que irão fazer ao renascer, irão querer provavelmente ser senhores. Os senhores não acreditarão, repelirão a ideia de que poderão vir a ser negros e escravos. Penso que esses ensinamentos ainda sejam para poucos ou para espíritos com mais entendimento.

— É somente isso que sei sobre essa volta do espírito — falou João.

— Ajudou bastante! — exclamou Tomasa. — Agradeço-o. Penso que isso deve ser verdade. Após saber disso é que entendo porque existem homens livres e outros, escravos. Se tivéssemos somente uma oportunidade de viver no corpo carnal, essas diversidades seriam injustas. Deus age com justiça? Ele é justo? Penso que sim. Então tem de haver explicações para essas diferenças, e nossas voltas em corpos físicos é a melhor explicação que já ouvi. Foi bom falar com você; estou, após ouvi-lo, mais fervorosa e aliviada por compreender que Deus nos ama

igualmente. Boa noite!

Tomasa voltou para a casa-grande, e os dois, para a senzala.

Na noite seguinte, Pituxo veio visitá-los, e João perguntou:

— Você que viaja sempre com o sinhô e escuta muito as conversas deles, explique por que ele tem medo de ataques.

— Muitos escravos conseguem fugir — Pituxo respondeu —, porém a vida desses fujões continua difícil. Se estamos aqui na fazenda vivendo mais ou menos, é melhor permanecer. Os fujões se agrupam nas montanhas, matas e fazem moradias, esses lugares se chamam quilombos. Não é fácil viver nesses locais, têm que continuar trabalhando, têm que plantar para comer.

— Eles comem somente o que plantam? — perguntou Nhô.

— Penso que não — respondeu Pituxo —, eles caçam e pescam. Têm que fazer abrigos, construir cabanas. Acostumados com sal e açúcar, não os têm e sentem falta; também não possuem roupas. Aí, para viver melhor, roubam, principalmente viajantes. Libertam escravos e os convidam a ir com eles. Nada é fácil, nem como escravos nem vivendo nos quilombos. A vantagem é que não se vai para o tronco. Mas eles não têm como sustentar preguiçosos, e estes, pelo que ouvi dizer, são banidos. Ninguém quer conviver com vagabundos.

— Faz tempo que você não conta a história dos ataques, os que vieram de navio ainda não escutaram — pediu Nhô.

Pituxo não se fez de rogado, ele dramatizava a narrativa, às vezes levantava, fazia gestos, mudava o tom de voz, o que fazia todos ficarem atentos.

— Faz anos que isso ocorreu. Os senhores ainda comentam esse fato, penso que talvez seja para não se descuidarem e serem atacados. Não longe daqui, nesta parte do Brasil que é muito montanhosa, estão sempre fugindo negros e formando agrupamentos como vocês sabem. Nessa época, havia vários quilombos nas montanhas, lugares difíceis tanto de ir como de encontrar. Os fazendeiros contrataram um bando de homens brancos armados, com fama de serem caçadores de negros, para recuperar escravos fugitivos ou eliminá-los, evitando que estes os roubassem e desmotivando a fuga dos cativos. Eles roubavam lavouras, animais e libertavam muitos escravos quando entravam nas fazendas. Esses homens foram a muitos quilombos e houve um terrível massacre. O bando armado invadia esses agrupamentos e matava homens, mulheres e crianças. Como iriam receber por negros mortos, eles cortavam as orelhas e levavam como provas dos assassinatos. Muitos quilombolas escaparam. Quando o bando de assassinos foi embora, após receber o pagamento, os escravos se reuniram e resolveram se vingar, desceram as montanhas, atacaram algumas fazendas, humilharam feitores e senhores, fazendo-os de cavalos. Muitas pessoas morreram.

Pituxo calou-se. Ficaram todos por alguns segundos calados.

— Tanta desgraça! — exclamou Simão.

— Não deveriam — opinou Bastião —, violência atrai violência, mas é isso que ocorre. Escravos maltratados fogem; para sobreviver, roubam e até matam. Os brancos reagem normalmente com violência e, quando os negros conseguem,

revidam.

— O ideal seria não haver escravos, e ninguém oprimir o outro — João suspirou.

— E depois, o que aconteceu? — perguntou Simão.

— Os fazendeiros — respondeu Pituxo — se armaram, contrataram mais empregados, alguns passaram a tratar melhor os escravos para que estes não fugissem. Ainda bem que nesta fazenda não se contrataram pistoleiros. Os quilombolas também resolveram não se exceder nos ataques, não vir às fazendas e aí roubam viajantes.

— Por isso o sinhô viaja com escolta — concluiu Criolo. — Se esses negros fugitivos virem os jagunços, os capitães do mato acompanhando os viajantes, não atacam porque sabem que estão em desvantagem.

João ficou impressionado com a história que escutou e demorou a dormir.

No outro dia, ao chegarem do trabalho, ficaram sabendo que Isaías, um jovem escravo, ia ser castigado.

— Temos ordem para assistir — avisou Bastião.

Foram para o pátio, onde Isaías estava preso no tronco, amarrado pelos pulsos, com os braços erguidos, rosto encostado na madeira. Todos os escravos em silêncio ficaram perto uns dos outros para ver o castigo. Januário, com o chicote na mão, falou alto:

— O sinhô Genaro mandou que Isaías fosse castigado com quinze chibatadas.

Ergueu o braço e o chicote balançou, para, em seguida, estalar nas costas de Isaías. João se assustou, seu corpo

estremeceu, muitos se sentiram como ele, pareciam estar sendo também chicoteados. João tonteou, ficou tenso, tremia, indignado, teve vontade de gritar.

— Calma, João! — pediu Dito. — Não reaja, se não será também castigado. Não podemos defendê-lo. É inútil!

João fechou os olhos, escutou o barulho das chicotadas e, na quarta, Isaías gemeu.

“Que horror!”, pensou João. “É difícil acreditar que presencio isso. Meu Deus! Proteja-nos, ó Grande Mãe!”

Na oitava, Januário fez uma pausa e falou alto:

— Estou na metade do castigo. Alguém quer receber as outras sete no lugar dele?

Bastião deu três passos, aproximou-se do capataz, tranquilamente tirou a camisa, foi para o outro lado do tronco, ficou de frente para Isaías, levantou os braços, segurou as mãos do castigado. Nada falou.

Januário foi do outro lado e chicoteou o velho escravo, porém as chicotadas foram de leve, não colocou força, como fez com Isaías.

— Uma, duas...

Na sétima parou e ordenou:

— Levem os dois para a senzala!

João e Dito correram para amparar Bastião; outros três desamarraram Isaías e foram calados para a senzala.

A mãe de Isaías, escrava da casa-grande, chorava muito, acompanhou o filho. Tomasa já os esperava na senzala, com chá e um preparado de folhas. As costas de ambos sangravam. Após os dois beberem o chá, Tomasa foi limpar as costas de seu

irmão, e Filó, de Isaías. Foi então que João reparou que nas costas do velho escravo tinha muitas cicatrizes. Ninguém conversava, escutavam somente o choro da escrava mãe.

— Se Bastião não se oferecesse para receber as sete chicotadas que faltavam, eu iria — falou a mãe. — Nenhum dos feitores é capaz de chicoteá-lo com força.

As duas mulheres limpavam os ferimentos, passaram outras ervas.

— Mais tarde farei outro chá e renovaremos os curativos — determinou Tomasa.

— Vamos ficar sem jantar — disse Criolo.

— Por quê? — Simão quis saber.

— É sempre assim — respondeu Chico —, um é castigado e todos recebem uma parte do castigo. Isso para que fiquemos atentos uns aos outros e contra aquele que agiu errado.

— Não devemos ficar contra o castigado — opinou Dito. — Ficaremos, homens e mulheres, sem o jantar, ainda bem que é somente hoje. Trabalhamos o dia todo, e meu estômago dói. Vamos dormir mais cedo e driblaremos a fome.

— Isso é pura maldade! — revidou Chico. — O que temos com o que Isaías fez? Nada! Isso é de fato uma tentativa de nos colocar uns contra os outros. Estou sem jantar por causa dele. Afinal, o que você fez, Isaías? Chegamos da lavoura e fomos ordenados para ir ao pátio. Estamos curiosos. O que você fez?

Isaías estava calado, humilhado e sentindo dores. Todas as oito chicotadas sangravam, fizeram vergões. Quando sua mãe o abraçava seus olhos enchiam de lágrimas. Todos olharam para ele, que contou:

— Estava no pátio, refazendo a cerca do lado dos fundos. O capataz Januário deixou seu cavalo na cerca. Aquele cavalo alazão, bonito, e estava arreado. Não pensei; num impulso, montei no cavalo e galopei. Escutei um assobio, o cavalo não me obedeceu mais e voltou para perto do feitor. “Desce, preto! Ladrão! Ia fugir?”, gritou. Pegou-me pela camisa e me puxou, caí no chão. Ele nem me olhou, pegou a rédea e se afastou com o cavalo, foi à procura do sinhô. Logo, os dois retornaram, e o sinhô me olhou e perguntou: “O que você ia fazer?”. Fiquei sem saber o que responder. Gaguejando o fiz: “Sinhô, perdoe-me! Quis somente cavalgar um pouquinho. Nunca montei num cavalo. Queria muito. Pensei que ninguém fosse me ver, ia dar somente uma voltinha”. O feitor interferiu: “Não ia fugir?”. “Não, sinhô, não ia.” O sinhô pensou um segundo e ordenou: “Quinze chibatadas, e que eles fiquem sem jantar. Amarre-o no tronco. O castigo será quando todos voltarem da lavoura”.

Isaías estava de cabeça baixa.

— De fato, era uma boa oportunidade de fugir — disse Chico. — Mas não se pode fugir sem planejar. Para onde iria? Como escapar dos capitães do mato?

— Não pensei nisso, vi o cavalo e quis montá-lo. Se o cavalo não tivesse voltado, teria ido embora — falou Isaías.

— O cavalo do capataz Januário — disse Criolo — é de fato um belo animal, bem cuidado e obedece a seu dono. Pelo jeito, não gosta que outra pessoa monte nele. E você, não sabendo para onde ir, seria facilmente capturado, e aí o castigo seria muito pior, isso se os capitães do mato não o matassem. Normalmente eles matam com crueldade.

— O sinhô também ordenou que eu fosse para a lavoura, não devo ficar mais trabalhando na sede — Isaías chorou.

— Doem muito as chicotadas? — perguntou Simão.

— O que você acha? Claro que doem! Estão doendo muito — lamentou Isaías.

— Bastião, você também está sentindo dor? — indagou Simão.

— Um pouco — respondeu o velho escravo.

— Muito obrigado. Estou agradecido — falou Isaías, olhando para aquele que recebera parte do castigo em seu lugar.

— Isso acontece em todos os lugares, alguém receber metade do castigo para o outro? — João quis saber.

— Não sei, penso que não — respondeu Tomasa. — Aqui, foi Sinhana quem fez isso pela primeira vez. Vi somente um castigo em que o sinhô ordenou vinte chibatadas e disse que ninguém poderia receber por ele.

— Nossa! Quem é ele e o que esse escravo fez de tão errado?

— Ele era jovem, apaixonou-se pela sinhazinha Joaquina — contou Dito. — Um dia aproximou-se dela e passou a mão em seus cabelos. A sinhá se assustou, gritou, e um capataz e o sinhô Genaro correram para acudi-la. Aí ele recebeu o castigo.

— Quem é ele? — perguntou João curioso.

— Foi vendido — respondeu Bastião. — Ele, com o castigo, ficou muito machucado, cuidamos dele. Esse escravo se defendeu, disse que apenas passou a mão nos cabelos da sinhá por achá-los bonitos. Porém, ele continuou a olhá-la. Nós o aconselhamos, mas ele dizia que era atraído pela sinhazinha, achava-a linda, os cabelos longos e lisos o atraíam, e não

conseguia ficar sem olhá-la. Nós passamos a vigiá-lo, evitando que se excedesse. Penso que o sinhô resolveu vendê-lo para evitar que algo desagradável ocorresse. Levaram-no para a feira, onde vocês foram comprados, venderam-no e adquiriram outros dois. O feitor Januário nos contou que, ao vendê-lo, disseram que ele era bom, trabalhador e que estava sendo vendido porque o fazendeiro tinha escravos em excesso. Nunca mais soubemos dele.

— Que coisa! Como gostar de uma sinhá? — exclamou João, que ainda achava os brancos pessoas feias.

“Qual será o porquê dessa obsessão? Teria motivos? Seriam laços de outras vidas?”, pensou João.

Tomasa deu chás novamente para os dois, refez os curativos, e todos foram dormir.

Na noite seguinte, os dois estavam melhores. João indagou a Bastião:

— Amigo, vi suas costas, ela está repleta de cicatrizes. O que aconteceu?

— Bastião, por várias vezes, recebeu chicotadas pelos outros — contou Dito.

— Mas estas cicatrizes não foram por essas trocas — respondeu Bastião. — Já levei chicotadas por outros, não foram muitas nem que me machucassem tanto. Ontem, como viram, elas foram de leve; se me feriram, é porque minha pele com cicatrizes é mais fina e se fere facilmente. Essas marcas são antigas.

— Por favor, conte-nos o que aconteceu? — pediu João.

— Fui criado na casa-grande — Bastião falou com

tranquilidade e compassado —, era moleque de brincadeiras dos sinhozinhos. Afirmando a vocês que, principalmente naquela época, era muito ruim servir à casa-grande, bem pior do que trabalhar na lavoura. Era alvo de gozações, apanhava muito dos sinhozinhos. Estava com quatorze anos quando o castigo aconteceu. Um dos sinhozinhos, sinhô Eleocácio, irmão do sinhô Genaro, foi o causador. Ele atualmente mora na fazenda do outro lado, os dois irmãos não costumam se visitar porque brigaram na partilha de bens. Sem motivo, ele me acusou de roubo, afirmou ao pai que eu tinha pegado uma faca dele. Roubo sempre foram punidos com rigor. O sinhô Julião mandou me prender no tronco e receber trinta chibatadas com o chicote com bolinhas nas pontas. Olhei suplicando para o sinhozinho Eleocácio, que riu. Pedi clemência, jurei inocência, nada adiantou. Minha mãe ficou desesperada. Naquela época não tinha como receber o castigo pelo outro. Sabiam que eu iria morrer no castigo, e dilacerado. À tardinha, com todos assistindo, começou o castigo; após a terceira chicotada, o capataz que me batia perguntou onde escondera a faca. Respondia que não sabia, pois não a havia pegado. Na décima segunda, o sinhô mandou parar porque o filho havia encontrado a faca e que eu não a roubara. Fiquei muito machucado. Foi então que Tomasa, que era menina, cuidou de mim. Fiquei dias acamado. Quando melhorei, pedi por piedade para ir trabalhar na lavoura. O capataz deixou. Dias depois, o sinhozinho, a cavalo, aproximou-se de nós, que voltávamos da lavoura; ele olhou para mim, riu e indagou: “E aí, preto Bastião, gostou do castigo?” Abaixei a cabeça e respondi: “Não, sinhô,

não gostei”. “Quer voltar para a casa-grande?”, perguntou ele. Temi pela resposta e pedi ajuda a Deus. Respondi: “Carpir é a lição que mereço”. Ele gargalhou e se afastou. Evitava vê-lo como se evita ver o demônio. Até hoje não sei por que ele fez aquilo. Um dia, o sinhô Genaro, quando já casado, me perguntou se eu, naquele dia, pegara a faca. Respondi que não. O sinhô falou: “Este Eleocácio é realmente uma peste”.

Bastião encerrou sua narrativa. Não houve comentários. Foram dormir.

10

Os senhores

Estava esfriando e, como não tinham muito trabalho, os escravos refizeram suas esteiras; fizeram com couro de animais alguns coletes, que foram dados para aqueles que não tinham; e ganharam roupas mais grossas.

— Vamos deixar nossos cabelos mais cheios. Eles esquentam a cabeça — falou Nhô.

Bárbara ou alguma das mulheres cortava os cabelos de todos. Costumavam fazer isso nas tardes de domingo. Com uma faca afiada aparava-os. No inverno costumava cortá-los menos, deixando-os mais volumosos.

A atividade na casa-grande foi intensa. O sinhô Genaro, querendo agradar a jovem noiva, embelezou os jardins, o pomar, refez as cercas, limpou a casa-grande.

— O sinhô — contou Tomasa — mandou Bárbara e eu tirarmos tudo o que era de Sinhana do quarto do casal, guardar nos baús e deixá-los no quarto em que estão objetos que são usados de vez em quando. As joias eram poucas, a sinhá era muito simples, ele as guardou. Trocou o colchão, usará lençóis novos. Ordenou que, quando retornar, após o casamento, quer

flores pela casa.

No dia vinte e cinco, Pituxo foi à senzala se despedir. Iriam no outro dia cedo à vila para o casamento. Bárbara e Dinha iriam também para fazer companhia à nova sinhá na viagem de retorno. Os pistoleiros chegaram à tarde, iriam pernoitar na fazenda, eram quatro. Honório e Januário iriam também.

Partiram assim que o sol despontou. À noite, quando vieram da lavoura, comentaram:

— O sinhô foi na carruagem grande. — contou Bastião. — Embora ele tenha afirmado que na ida viajaria também a cavalo. Na outra carruagem, a simples, foram as duas escravas. O capataz Honório levou Simão, Dito e dois filhos do Januário que provavelmente irão trabalhar na fazenda.

Os serviçais da casa-grande tinham pouco o que fazer, iam à senzala e conversavam muito.

Estava marcada para o dia oito a chegada do casal. Tudo estava em ordem, muito limpo, a casa enfeitada. Os escravos vieram mais cedo da lavoura, se limparam e foram ao pátio esperar pelos senhores.

Eles chegaram. Dois pistoleiros vinham à frente; em seguida, a carruagem simples, os escravos a cavalo, a carruagem grande com os senhores, os empregados e atrás os outros pistoleiros. Desceram. Todos estavam cansados. Genaro deu a mão para uma jovem; de fato, parecia ser uma menina, que desceu da carruagem, olhou tudo admirada e abanou a mão cumprimentando empregados e escravos. O casal entrou na casa. Alguns escravos foram tratar dos cavalos, e os outros foram para a senzala conversando. Os pistoleiros foram para o galpão; os

empregados, para suas casas; e os escravos que viajaram receberam folga para descansar.

Os escravos comentaram:

— A sinhá é ainda uma menina!

— É muito bonita!

— O sinhô está feliz!

Amaro entrou na senzala e ordenou:

— Amanhã farão somente o serviço essencial, terão alimentos a mais e doces. O sinhô quer que à tarde e à noite cantem canções alegres. Quer festa!

Ficaram contentes. De fato, o almoço e o jantar foram fartos, cantaram e se alegraram.

Na noite seguinte, Bárbara veio vê-los e contou:

— A viagem foi agradável, sair da rotina é bom, pela primeira vez saí da fazenda. A vila é interessante, casas perto umas da outras, tem muitos caminhos, que eles chamam de ruas onde as pessoas andam. Achei tudo tão bonito! Ficamos numa casa, hospedaria, e pela primeira vez dormi numa cama. Dinha e eu ficamos num quarto dentro da casa porque foi a primeira vez em que lá se hospedaram escravas. Os empregados ficaram também dentro da casa, e os escravos, no alojamento nos fundos. Não fizemos nada, embora a viagem tenha sido cansativa; na vila descansamos.

— E o casamento? Você pôde ir à igreja? — perguntou Filó, que estava curiosa.

— Escravos não podem entrar na igreja, me falaram que isso acontece somente com ordem do padre. Os comentários é de que foi um casamento muito bonito. Nós, os escravos e os

empregados, ficamos no pátio em frente à igreja. Um pátio que eles chamam de praça ou jardim. Vimos a noiva descer da carruagem, ela estava linda. A sinhá Serafina é muito bonita e alegre. A noiva parecia feliz. A cerimônia demorou; quando terminou, os noivos saíram de braços dados e foram para uma outra hospedaria maior e melhor.

— O que vocês comeram na hospedaria? — perguntou Chico.

— Serviram-nos café da manhã, almoço e jantar. A comida era agradável. O melhor é que pudemos andar pela cidade. Pituxo foi o único que ia pela manhã à hospedaria do sinhô e voltava à tarde. Os pistoleiros ficaram em suas casas, residem os quatro na vila. Na volta, ajudamos a sinhá, às vezes íamos na carruagem com ela para o sinhô viajar à cavalo. Nós a auxiliamos em tudo.

— Como ela é? — Bastião quis saber.

— Podemos nos alegrar e sossegar nossos corações, a sinhá é alegre, canta, ri, conversa... quis saber como é a vida na fazenda. Foi educada conosco. Falou para nós: “Meu marido e eu vamos viajar, ele ainda não sabe, mas vamos, quero ir de navio à Europa”.

— Europa? O que é isso? — perguntou Nhô.

— Não é isso, deve ser um lugar, não sei bem, mas é importante — respondeu Bastião.

Bárbara também comentou das pessoas que viu, de suas roupas.

— A sinhá Maria, a única filha do sinhô que foi ao casamento, estava bonita, mas triste. Penso que ficou sentida

por seu pai ter se casado tão depressa. A sinhá Joaquina está para ganhar outro filho e não foi.

Tudo voltou ao normal, mas sempre que ia alguém que servia a casa-grande à senzala, contava as novidades:

— O sinhô está realmente contente com o casamento — comentou Pituxo.

— A sinhá Serafina — contou Bárbara — reuniu todos os que servem na casa-grande e ordenou que continuássemos trabalhando como fazíamos antes, ela não quer mudanças. Às vezes ela dá ordens como: “Quero chá à noite”, “para o almoço, façam doce de abóbora”. Ela anda pela casa, já mexeu em todos os lugares. Espera o sinhô com um sorriso.

Tomasa estava quieta, escutava os comentários e às vezes sorria. João perguntou a ela se estava gostando da sinhá.

— Sim, ela é uma flor colhida antes do tempo. Parece estar brincando de ser sinhá. A vida me ensinou a desconfiar, não sei por que ao olhá-la sinto um aperto no peito. Ela me parece um passarinho preso que ainda não percebeu que está na prisão.

— O sinhô trata a sinhá bem? — quis João saber.

— Sim — respondeu Tomasa —, o sinhô está feliz e a trata bem. Minhas cismas devem ser coisas de velha. Tomara que tudo continue assim.

— A sinhá ordenou uma única coisa — contou Bárbara. — Disse que gosta de dormir de manhã. O sinhô levanta cedo e ela quer ficar no leito até mais tarde. Ela não quer ninguém na área dos quartos até que se levante. A porta que vai para os quartos deve ser fechada, e proibiu que se vá do lado de fora dos quartos, porque acorda com barulho. O serviço desse lado da casa deve

ser feito somente quando ela acordar e se levantar.

O casal saiu algumas vezes à tarde de charrete passeando pela fazenda. Serafina olhava tudo curiosa, ficava atenta às explicações do marido. Dias depois, passaram a sair a cavalo. Serafina cavalgava muito bem. Ela andava pela fazenda; ia ao pomar; levava com ela uma escrava, às vezes as meninas; pegava frutas, ia ao curral e ao galinheiro.

No inverno, os escravos sentiam muito frio. A senzala dos meninos foi fechada, os garotos maiores foram para a senzala, dormiam em volta do fogão; as crianças menores foram para a senzala das mulheres. As fogueiras acesas eram maiores e amontoavam, colocavam as esteiras perto umas das outras, as janelas foram fechadas, isto para conseguirem se aquecer e dormir.

A colheita do café começou, a maioria dos escravos foi para o cafezal, inclusive as crianças maiores. Os que serviam a casa-grande passaram a fazer também o trabalho da sede, isto para ter mais pessoas na colheita. João achou o trabalho mais fácil e talvez por isso o fez melhor e recebeu um elogio.

— Até que enfim está fazendo direito um trabalho! — falou o feitor Amaro.

João viu a nova sinhá numa manhã em que o casal, a cavalo, foi olhar a colheita. Pararam perto de onde ele estava, e Serafina pediu:

— Dê-me alguns frutos para experimentar.

O escravo pegou de seu cesto os frutos mais bonitos e ofereceu à sinhá, que os colocou na boca.

— Muito gostosos! Os frutos estão bonitos! — exclamou a

sinhá com voz harmoniosa.

O casal se afastou.

“Até que essa branca é bonita!”, pensou João. “Talvez seja porque não é arrogante.”

Os escravos estavam conversando pouco na senzala, todos estavam trabalhando demais, cansados, alimentavam-se e iam dormir. Mas João notou que Bastião estava preocupado e lhe indagou:

— O que acontece, amigo? Está cansado?

— O trabalho aumenta muito na colheita. Tenho ajudado olhando as crianças e cozinhando na senzala. Está tudo bem. A colheita será farta.

O que incomodava era o frio. A temperatura era baixa à noite, na madrugada o frio era intenso. Tudo deu certo na colheita e quando o sinhô deu por encerrada a colheita, determinou dois dias de folga, fariam somente o trabalho essencial, poderiam fazer festas e teriam alimentos extras. Foi agradável, todos se divertiram, depois voltaram à rotina; Bastião contou que o irmão do sinhô Genaro o visitaria.

— A sinhá convidou os irmãos do sinhô para visitá-los. Ela gosta de visitas. O sinhô pensou que seus irmãos não fossem aceitar, mas confirmaram.

O irmão do sinhô que tinha a fazenda que faz divisa ao norte veio com a esposa pela manhã para irem embora à tarde. Serafina os agradeceu tanto que pernoitaram por duas noites. O casal ficou contente com a visita.

— A sinhá convidou o sinhô Eleocácio e, por cartas, também fez convites ao filho do sinhô e para as filhas — contou Tomasa.

Eleocácio veio com a esposa e um filho solteiro. Foram bem recebidos e ficaram hospedados na fazenda por quatro dias.

— A sinhá Serafina — contou Bárbara — conquistou a esposa do sinhô Eleocácio; gentil, conversou muito com a cunhada, pediu conselhos, cantou para alegrá-los. O sinhô Genaro está orgulhoso da esposa. Eles irão visitá-los, retribuir as visitas; neste final de semana irão à casa de um dos irmãos do sinhô; no outro, à do sinhô Eleocácio.

Passaram a visitar vizinhos, familiares e a receber visitas. O trabalho voltou à rotina; João não gostava de carpir, esforçava-se para fazer do melhor modo possível seu trabalho. A temperatura começou a ficar agradável, fazia calor durante o dia, esfriava à noite. Os meninos voltaram para a senzalinha, duas janelas foram abertas, esparramaram-se mais pela senzala.

Eleocácio e o filho Ambrózio vieram à fazenda. O irmão de Genaro queria que o filho aprendesse com o tio o processo de secagem do café, técnica ensinada pelo esposo de Isabel. Ambrózio ficou hospedado na casa-grande, andava a cavalo com o tio pela fazenda, às vezes Serafina os acompanhava. Ele foi a todos os lugares: nas senzalas, nas plantações... Interessado, fazia perguntas e agradava o tio.

João viu Tomasa conversando com Bastião em particular, notou que os dois estavam preocupados.

— Sinhá levanta sempre depois do sinhô, às vezes o sobrinho também dorme até mais tarde — comentou Bárbara.

Numa tarde, Januário e dois empregados estavam procurando uma vaca. Aproximou-se de João e mais dois escravos que carpiam o cafezal e ordenou:

— Uma vaca está para dar cria, às vezes ela se esconde, é perigoso porque bichos podem comer o bezerro. Estamos procurando-a. Vocês três, larguem o trabalho para nos ajudar a procurar. Já falei com Amaro. Você, vá por ali; você, por este lado; João desce o vale; nós continuaremos pelo cafezal. Quem encontrá-la, não faça nada, não a assuste, volte aqui, nós nos reuniremos e aí iremos pegá-la.

João gostou de parar de carpir, foi cumprir a ordem, era sempre agradável mudar de tarefa, sair da rotina. Aonde foi, era difícil passar a cavalo, o vale era pequeno, ficava entre dois morros baixos, a vegetação era rasteira e tinha muitas pedras. Andando sem fazer barulho e devagar, viu movimento perto de umas árvores. Abaixou-se, iria se aproximar para ver se era o animal que procurava; se fosse, não queria assustá-lo. Escutou barulho do outro lado e viu Ambrózio, o sobrinho do sinhô Genaro, parado perto de uma árvore; seu cavalo estava preso num galho, parecia esperar alguém. Ia se afastar se arrastando para não ser visto, quando viu a sinhá Serafina chegar, descer do cavalo e abraçar Ambrózio.

“Como será que a traição é sentida nesta terra?”, pensou João. “Deve ser doído também. É melhor sair daqui, ver do outro lado se a vaca está lá e não contar a ninguém que vi os dois. Em todos os lugares, é o fraco quem paga.”

Arrastou-se. Ao perceber que não seria visto pelos dois amantes, levantou-se. Aí viu o sinhô Genaro a cavalo trotando devagar, passava pelo estreito caminho acima do vale e parecia procurar alguma coisa.

“Será que o sinhô está procurando a vaca?”, pensou João.

“Não, isso é serviço de empregados e escravos. Procura a esposa? Ai! Se ele encontrar os dois, o que fará?”

Abaixou-se novamente, arrastou-se e foi para onde estava. Falou num tom que pensou que os dois escutariam:

— Sinhá, seu marido está vindo para cá a cavalo.

Escutou barulho, os dois se levantaram. Arrastando-se, João entrou no meio do capim alto, procurou ficar bem escondido e quieto. A sinhá passou a cavalo, subiu pelo estreito caminho e logo avistou o marido. João escutou:

— Serafina, por que veio aqui? Este lugar é de difícil acesso.

— Queria conhecê-lo. Que bom encontrá-lo. Volta para casa comigo?

O casal se afastou. Escutou um barulho, percebeu que Ambrósio voltava por outro caminho, o mesmo por onde viera. Aproximou-se do local onde pensou ter visto a vaca, realmente era ela e estava com o bezerrinho. Sem fazer barulho, voltou rápido para o cafezal. Deu a notícia de que vira o animal.

— Nossa! — comentou Juvenal. — Você se arrastou, sujou e se arranhou. Monte neste cavalo. Irá nos mostrar onde está.

João gostou muito de montar no cavalo. Acompanhou os empregados, mostrou onde a vaca estava e ajudou a tirá-la de lá com o bezerrinho.

À noite, contou o fato como se fosse uma grande aventura; para ele foi, porém nada falou do que viu.

Três dias depois, fazia pouco tempo que chegaram ao cafezal, um escravo veio galopando e trazia outros três cavalos com ele.

— Feitor Amaro! — gritou Truim. — Trago uma ordem.

Conversou com o feitor que, depois de ouvi-lo, falou em tom alto:

— Atenção! Todos os escravos, aproximem-se! Simão, Dito e Nhô, montem nos cavalos e vão para a sede com Truim. Rápido!

Assim que os quatro partiram, Amaro falou para todos:

— Vamos voltar para a sede. Aconteceu uma tragédia.

— Pegou fogo em algum lugar? Na senzala? No galpão? Na casa-grande? — perguntou Chico.

— Não pegou fogo em lugar nenhum — respondeu Amaro. — Por que você acha que é fogo?

— Pensei. Somente nos chama se é para um trabalho extra disse Chico.

— É melhor saberem — falou o feitor. — O sinhô Genaro matou a sinhá e o sinhô Ambrózio. Ele surpreendeu os dois juntos e os assassinou.

— Precisava matá-los? — perguntou Criolo. — Era só expulsar os dois.

— Não façam comentários — ordenou Amaro. — Vocês não têm que achar nada. Vamos voltar. Irão para a senzala e fiquem quietos.

Voltaram para a sede e entraram na senzala. Embora curiosos, resolveram aguardar ordens. Bastião não estava. Ouviram movimentação; de repente, pareceu tudo ter voltado ao normal.

Bastião voltou à senzala na hora do almoço. Sentaram-se todos à sua volta, os escravos da senzala, as mulheres e as crianças maiores. O velho escravo estava triste. Contou:

— O sinhô saiu cedo da ala dos quartos, como faz todos os dias, tomou café e ficou na varanda calado e triste. De repente, entrou na casa, foi à ala dos quartos, e escutaram dois tiros. As escravas não sabiam o que fazer; Bárbara correu e chamou o capataz Honório. Quando este chegou, o sinhô saiu da ala dos dormitórios com a garrucha na mão e falou: “Honório, tome as providências, matei Serafina e Ambrózio”. Sentou-se numa poltrona na sala. Tomasa e mais duas escravas correram para os quartos.

— Matou-os? Branco matando branco! Que horror! A sinhá Serafina era tão jovem e bonita! — lamentou Zé.

— Continue contando — pediu Chico. — Estamos curiosos. O que aconteceu na casa-grande?

— Quando os quatro escravos chegaram do cafezal, o capataz pediu que descessem dos cavalos e falou: “O sinhô Genaro matou a sinhá Serafina e o sinhô Ambrózio porque os dois o estavam traindo, pegou-os no quarto juntos na cama. É isso que terão de falar. Nhô, vá à fazenda do sinhô Eleocácio e lhe dê a notícia, peça a eles que venham buscar o corpo do moço. Vá a cavalo, galope; na volta, pode vir devagar. Se indagado, responda somente o que sabe. Vá!”. Nhô saiu depressa. O capataz Honório continuou dando ordens: “Dito, vá pelo caminho da vila, pare em todas as fazendas e dê a notícia, fale que a sinhá será levada à vila, e o sinhô Ambrózio foi para a fazenda do pai. Simão, você irá direto à vila, pare somente o necessário, vá rápido. Seja que horário for, quando chegar à vila, vá a casa do padre e lhe dê a notícia, peça a ele para avisar a todos e à família da sinhá. Vocês dois, peguem algumas

provisões. Levarão estas cartas, é autorização para viajarem, apresentem se forem barrados, isto é a prova de que cumprem ordens. Simão, hospede-se no lugar de costume e peça para cuidarem do cavalo. Juvenal irá depois e ele pagará as despesas. Você, Truim, irá à fazenda do irmão do sinhô na divisa ao norte e lhe dará a notícia”. Rápidos, cumpriram as ordens.

— Por que o capataz Honório não mandou empregados levarem essas notícias? — perguntou Zé.

— É simples — respondeu Chico. — O sinhô Eleocácio, ao receber a notícia, é bem capaz de matar o portador.

— Penso que capataz Honório quer todos os empregados aqui, caso a fazenda precise de proteção — falou Bastião. — Ele pediu para todos empregados ficarem armados e atentos e continuou a dar ordens: mandou chamar Criolo e mais três escravos para que se preparassem para ir à vila pegar a charrete que transporta mercadorias e a carruagem simples. Ordenou que Bárbara, Tomasa e Dinha fossem ao quarto limpar o cadáver do sinhô Ambrózio, vestissem-no e que o deixassem no quarto ao lado, que colocassem tudo o que era dele no seu baú. O corpo do sinhô Ambrózio deveria ficar lá até alguém de sua casa buscá-lo. Depois, que fizessem a mesma coisa com o corpo da sinhá. Aí o sinhô Genaro interferiu: “Coloquem nela um vestido velho. Levem outra roupa para trocá-la assim que estiverem chegando à vila. Arrumem-na do melhor modo possível. Levem-na à igreja e a deixem lá, os pais dela e o padre que tomem as providências. Coloquem no baú dela somente as roupas velhas e nenhuma joia”.

— Quanto rancor! — exclamou João.

— O capataz Honório — continuou Bastião contando — foi quem organizou tudo. Pediu para Tomasa fazer um chá para o sinhô relaxar e o conduziu ao escritório, pediu para um empregado ficar do lado de fora perto da janela do escritório e outro no corredor. Com a sinhá pronta, as escravas se ajeitaram e pegaram alimentos. Colocaram na charrete o corpo da sinhá, e as três escravas se acomodaram na carruagem. Juvenal, seu filho, um outro empregado e mais os escravos foram para a vila. Assim que saíram, o sinhô Eleocácio, um filho e dois empregados chegaram à fazenda. O capataz Honório o recebeu. O sinhô Eleocácio disse: “Onde está o maldito do meu irmão?”. O capataz respondeu: “Debilitado, está indisposto, recolhido ao seu aposento”. “Conte o que aconteceu”, ordenou o sinhô. O capataz Honório contou: “O sinhô Genaro desconfiou de que estava sendo traído, fingiu sair e voltou; encontrou no leito seu filho e a sinhá. Desesperado, matou-os”. “Genaro deveria ter matado somente a infiel, não meu filho! Ele não foi homem para me receber, diga ao meu irmão que levo meu filho morto, mas que pode esperar, um dia ele me pagará”. O capataz Honório e eu pegamos o corpo do sinhô Ambrózio e o trouxemos à área. O sinhô Eleocácio e o filho estremeceram ao vê-lo. Era um jovem muito bonito. “Como irão levá-lo?”, perguntou o capataz. Os senhores se olharam, e o capataz Honório achou a solução. “Posso colocá-lo na carruagem?” “Sim”, respondeu o sinhô. O sinhô Eleocácio me olhou, senti que me reconheceu. Por um segundo, ficamos nos olhando. Foi naquela mesma varanda que um dia ele me acusou. O sinhô virou a cabeça. Rápido, o capataz e Lourenço arrumaram a carruagem. Colocaram o corpo do sinhô

Ambrózio nela e Lourenço a dirigiu. Foi um alívio vê-los partir e outro quando vi Nhô retornar.

— Conte para nós, Nhô, o que aconteceu na fazenda do sinhô Eleocácio — pediu João.

— Foi somente quando vi o sinhô Eleocácio que senti medo e percebi o perigo. Cheguei na fazenda galopando, fui recebido por um capataz, tive de repetir três vezes a notícia até que fui conduzido à área da casa. O sinhô falou: “Repita devagar o que aconteceu”. Respirei e tentei falar devagar: “O capataz Honório me mandou aqui com o recado de que o sinhô Genaro matou a sinhá Serafina e o sinhô Ambrózio, seu filho, porque os encontrou no quarto, na cama, eles o estavam traindo”. O sinhô deu um grito: “Maldito! Mil vezes maldito!”. Chamou pelo outro filho e me olhou, pensei que ia me matar. Ordenou: “Suma daqui!”. Virei, corri, montei no cavalo, galopei até a porteira e voltei mais devagar.

Amaro entrou na senzala e deu ordens:

— Fiquem atentos: se virem algo estranho, avisem. Não trabalharão nem hoje nem amanhã. Não me deem problemas; nesta situação, o castigo será cruel. Bastião, cuide de todos, você será o responsável pelos escravos.

Genaro não saiu de casa, comentaram que estava dormindo. Honório colocou empregados e até alguns escravos para fazer guarda. À noite, Lourenço contou como foi dirigir a carruagem à fazenda do sinhô Eleocácio.

— O sinhô foi calado, estavam todos tensos. Quando chegamos, tiraram o corpo do sinhô Ambrózio e o baú da carruagem e ordenaram que voltasse.

— É uma boa ocasião para fugir! — exclamou Chico.

— Não faça isso — aconselhou Bastião. — Prevendo desavenças entre senhores, capatazes, empregados e pistoleiros estão atentos. Depois, para onde ir? Encontrará algum quilombo? Como sobreviver por essas matas e montanhas? Onde se esconder?

— Se alguém fugir, Bastião será castigado — lembrou Tonho.

Nos dois dias seguintes, os escravos trabalharam na sede. O sinhô saiu da casa, estava abatido, andou a pé pelos pátios. Dito retornou, o sinhô não lhe perguntou nada. Ele falou na senzala que todos os vizinhos se horrorizaram com a notícia. O sinhô Ambrózio foi enterrado na fazenda, parentes que moravam próximos e vizinhos foram ao enterro, a mãe dele estava inconsolável. Cinco dias depois, Januário, os empregados, os escravos, a charrete e a carruagem voltaram à fazenda.

À noite, mesmo cansados, contaram as novidades.

— Fui parado somente uma vez — contou Simão. — Um sinhô com empregados, ao me ver, apontou uma arma para mim. Falei alto: “Não estou fugindo, aqui está a autorização. Estou indo à vila avisar ao padre da tragédia que ocorreu na Fazenda Morro Alto”. O sinhô se interessou. “Que tragédia?”. Quando falei, ele fez algumas perguntas e ordenou: “Vamos voltar à fazenda, mudei de planos, iremos à vila! Vá, preto, cumprir a ordem que recebeu”. Na vila, fui à casa do padre; o Sombra foi quem me recebeu e disse que o vigário estava descansando. Insisti para chamá-lo, ele negou, falei alto, e o padre veio à sala. “O que está acontecendo aqui?”, perguntou o

vigário. “O sinhô Genaro matou a sinhá Serafina e o sinhô Ambrózio”, respondi. “O quê?” O padre sentou-se. “Olhe o que você fez!”, gritou Sombra. “O padre está passando mal.” Abanou-o. Esperei. Logo, o padre se recuperou e me pediu: “Conte tudo”. Conteí e dei o recado. “O capataz Honório mandou o senhor tomar as providências, organizar o enterro, estão trazendo o corpo da sinhá para a vila. O corpo do sinhô Ambrózio foi para a fazenda do pai dele. Falou também para avisar aos pais da sinhá e a todos da vila.” “É verdade mesmo o que fala, escravo?”, perguntou o padre. “É, sim, senhor, tenho aqui a autorização para viajar.” “Se for mentira, corto sua língua e faço comê-la.” Como não respondi, o padre gritou pela escrava da casa, mas ela estava atrás da porta. “Escutou?”, perguntou o vigário. Como ela afirmou com a cabeça, ele ordenou: “Vá ao cemitério, conte o ocorrido para o administrador, peça a ele para vir à igreja, vá rápido; na volta, conte a todos que encontrar sobre o crime. Você, Sombra, vá ao sítio dos pais de Serafina, conte a eles e peça para virem à igreja esperar pelo corpo. Dê a notícia com cuidado, seja educado. Vou badalar o sino e dar a notícia para os que forem à porta da igreja”. Olhou-me e ordenou: “Você pode ir”. Saí e fui para a hospedaria, pedi para que cuidassem do cavalo, a dona já me conhecia, mandou me servir uma refeição.

Simão fez uma pausa. Vendo que todos o escutavam com atenção, continuou:

— Escutei o sino e vi muitas pessoas se dirigirem para a frente da igreja. Entendi que todas as vezes que tinham de dar avisos ou notícias se fazia isso. Comecei a comer, estava com

fome. De repente, entraram várias pessoas na sala onde estava, me rodearam. “Você é o escravo da Fazenda Morro Alto? Veio trazer a notícia? Conte-nos o que aconteceu”, pediu um senhor. Falei o que sabia. Queriam saber mais, me pressionaram. A dona da hospedaria me defendeu: “Ele é somente um escravo que veio cumprir ordem. Saiu da fazenda assim que ocorreu o crime. Deixem-no e vão cuidar do enterro”. Saíram. Terminei de comer, pensei em descansar, mas, curioso, quis saber o que ia acontecer. Ajeitei-me e fui para a frente da igreja. A cidade se movimentou, só se falava no crime. Carruagens chegaram com senhores. Vi os pais da sinhá Serafina chegarem. Eu os conhecia por ter ido à casa deles acompanhando o sinhô Genaro. Aproximei-me. A senhora estava nervosa e xingava o marido. Escutei: “Você é o culpado! Vendeu nossa filha! Era uma menina! Por dívidas de jogo, casou-a com um velho!”. Entraram na igreja. Ficaram pessoas espiando a chegada do pessoal da fazenda trazendo o corpo da jovem assassinada. Alguém anunciou gritando que estavam se aproximando da vila. A carruagem, a charrete e o pessoal a cavalo entraram na praça, pararam em frente à igreja. O feitor Januário e mais dois empregados pegaram o corpo da sinhá e entraram na igreja. As pessoas que esperavam no pátio entraram também. Januário reuniu todos da fazenda e foram para a hospedaria para descansar; eu fiquei do lado de fora da igreja olhando. Não demorou muito, a cerimônia acabou, o padre benzeu o corpo, as pessoas a viram, a mãe e irmãos da sinhá choraram muito, foram enterrá-la. O corpo estava com cheiro desagradável. Acompanhei o cortejo de longe, muitas pessoas ficaram vendo

enterrá-la. Quando o serviço do coveiro terminou, todos saíram. Voltei à hospedaria, o grupo da fazenda estava se alimentando. O feitor Januário contou por várias vezes o ocorrido para os senhores que, curiosos, queriam saber o que acontecera. Depois que se alimentaram, ele ordenou: “Vamos descansar. Amanhã cedo iremos embora”. Iremos mais devagar na volta.

Por vários dias, comentaram o ocorrido, repetiam ou contavam algo de que recordavam. Bárbara, Dinha e até Tomasa foram à senzala para contar o que viram.

— Vestimos a sinhá — falou Bárbara — e, ao nos aproximarmos da vila, trocamos a roupa, que teve de ser rasgada na parte de trás. Nós a arrumamos do melhor modo que conseguimos. Viajar com um cadáver foi desagradável. Nós três fomos na carruagem, o corpo da sinhá na charrete, esticado.

— Senti muita pena da família, da mãe da sinhá. Orei pela alma dela. Foi tudo muito triste! — exclamou Tomasa.

— Mulheres também costumam matar os maridos que as traem? — perguntou João.

Riram.

— Não — respondeu Bárbara. — Somente os homens fazem isso.

— Não é traição do mesmo modo? Por que essa diferença? — João quis saber.

— Eles acreditam — Tomasa tentou explicar — que as mulheres são inferiores aos homens.

— Que pessoas confusas! — exclamou João. — Vivem de classes. Superior e inferior. Será que avisaram a Deus dessa classificação? O que fazem com assassinos nesta terra?

— Depende — respondeu Chico. — Se um negro mata outro negro, normalmente nada acontece, a não ser que o dono do escravo morto castigue quem matou. Se um negro mata um branco, é morto ou preso. Branco que assassina outro, depende do motivo ou da importância de quem morreu. Nesse caso do sinhô Genaro, não acontece nada. Ele matou para lavar sua honra.

— Honra? O que é isso? — perguntou João.

— Eles eram casados, ela não poderia tê-lo traído, e o fez em seu lar, o desonrou — respondeu Bastião.

— E o sinhô Ambrózio? — indagou Zé.

— Não respeitou a casa do tio. Se algo acontecer, não será pela justiça, mas vingança de família. — Bárbara estava preocupada.

— Não seria mais fácil tocá-los de casa? Separar-se? — João queria entender.

— Seria mais prudente. Se o casamento não deu certo, que se separem. Mas aqui infelizmente ainda agem assim — explicou Bastião.

— Ele é assassino! — exclamou Simão.

— Perante as leis do lugar, não é — Tomasa opinou. — Porém, pelas leis de Deus, o sinhô Genaro é assassino, infringiu o quinto mandamento: não matar!

Os escravos voltaram à rotina, mas estavam sempre comentando a tragédia ocorrida com os senhores.

11

A nova sinhá

Genaro recebeu visitas de vizinhos. Vieram vê-lo para dar apoio, como também visitaram Eleocácio. A maioria dos fazendeiros, dos senhores, pensava que Genaro agira certo. Traição não deveria ser perdoada. Alguns achavam que somente ela deveria ser morta, não o sobrinho. Mas, para Genaro, eles diziam que ele estava correto, agira como um homem deveria ter agido. Nenhum parente o visitou.

O proprietário da fazenda escreveu para os filhos contando o que acontecera. Januário, Simão e Nhô foram levar as cartas. Para as filhas, ele pediu que não viessem visitá-lo, temia um ataque do irmão e não queria que as filhas e netos corressem perigo.

O fato era que Genaro estava triste, os comentários dos que serviam à casa-grande e de Pituxo eram de que ele era realmente apaixonado pela jovem esposa e estava sofrendo.

Ele voltou a andar a cavalo pela fazenda: um empregado ia à frente, outro atrás e armados. Genaro também estava sempre com armas.

— Bastião, você acha que o irmão do sinhô irá se vingar? —

perguntou João.

— Penso que agora não — respondeu o velho escravo —, o sinhô Eleocácio é do tipo que planeja, com certeza não se importará se demorar para se vingar. Talvez ele pense em pagar na mesma moeda. O sinhô fez bem em pedir para as filhas não o visitarem.

— Por que você não fala o que pensa para o sinhô?

— Será que devo? — Bastião estava indeciso.

— Penso que sim — afirmou João.

À noite, Bastião chamou João para ir ao pátio em frente à senzala e contou:

— À tarde, vi o sinhô Genaro na varanda, aproximei-me e pedi licença. Ele sorriu tristemente para mim e disse: “O que é, Bastião? Quer falar comigo?”. Respondi: “Desculpe-me, não quero me intrometer, mas queria, sim, lhe dizer uma coisa”. “Pois diga!”, ele me olhou. Falei: “Seu irmão é diferente do sinhô, é rancoroso. Aqui, nesta área, quando veio buscar o corpo do filho, afirmou que o sinhô pagará. Sei que está sendo cuidadoso e fez bem em pedir para as sinhazinhas não virem visitá-lo. Penso que seu irmão aguardará uma ocasião para se vingar. Pelo que conheço dele, lembro-o de que fui seu companheiro de infância, ele irá querer pagar na mesma moeda. Penso que Leôncio, seu filho, não será atingido, ele sabe que vocês dois não se veem, que ele está distante e que estão brigados”. “O que me aconselha?”, perguntou o sinhô. “Estar sempre alerta.” Nosso dono ficou pensativo, e eu me afastei.

— Você falou o que deveria, o sinhô escutou. Pode agora se sentir melhor — comentou João.

Bastião concordou com a cabeça.

Numa tarde de domingo, João foi se deitar embaixo de uma árvore; distraído, ficou observando os galhos, os pássaros, as nuvens. De repente, escutou vozes, reconheceu serem de Bastião e Tomasa. Os dois se sentaram num banco tosco do outro lado da árvore. Conversavam.

— Fez bem, meu irmão, de ter contado para o feitor Januário. O filho dele deveria mesmo ir embora — falou Tomasa.

— A sinhá Serafina era uma menina, mas não tinha juízo — comentou Bastião. — Será que ela e o sinhô Ambrózio iriam mesmo fugir?

João achou que não deveria escutar a conversa alheia, os dois com certeza pensavam que não tinha ninguém escutando. Pensou em se levantar e sair, porém seria visto. Tossiu. Os dois se calaram. Ele levantou-se.

— Escutei parte da conversa, desculpem-me. Estava deitado como gosto de fazer. Vou me afastar.

— Sente aqui, João — convidou Bastião. — Se escutou parte, escute o resto.

— É melhor prestar atenção quando se conversa por aqui — aconselhou João.

— Bem, agora não tem mais ninguém — Tomasa olhou por todos os lados. — É um bom conselho!

João sentou-se ao lado de Bastião e Tomasa contou:

— Poucos sabem, mas é que a sinhá Serafina, assim que chegou, seduziu o filho do feitor Januário. Como alguns escravos sabem e outros desconfiam, Bastião contou ao feitor. Tivemos medo de o sinhô Genaro ficar sabendo e matar o moço. O pai o

fez ir embora. O jovem partiu ontem para a vila e de lá irá para uma cidade.

— Nossa! — exclamou João. — Que perigo esse moço correu! Fez bem, Bastião, em contar. Vou também falar a vocês o que eu vi.

João contou o que vira no dia em que ajudou a procurar a vaca.

— A sinhá Serafina — falou Tomasa — fazia planos. Às vezes conversava sozinha, outras vezes falava para nós, escravas, pensando que não entendíamos, depois nós comentávamos, e fui eu a que mais concluiu. Primeiro, a sinhá tinha planos de viajar com o marido para a Europa e lá fugiria dele, iria cantar para viver. Depois mudou de ideia, queria fugir com o jovem amante, Ambrózio. Eles faziam e refaziam o plano: ora iriam para a fazenda do sinhô Eleocácio, porém o moço temia o pai, pensava que o genitor devolveria sua amada; ora pensavam em ir embora a cavalo, mas temiam assaltos e a perseguição do sinhô Genaro. A certeza era de que a sinhá roubaria o marido, ela sabia onde ele escondia o dinheiro, pegaria as joias que pertenceram a Sinhana. Fiquei aflita, não sabia o que fazer, contei a Bastião e ficamos preocupados.

— Com certeza os dois se amavam! — João suspirou.

— Penso que não — afirmou Tomasa. — A sinhá Serafina era muito imatura. Pelo que ouvi dela, queria arrumar um marido rico, mas não velho. O pai a obrigou a casar. Em vez de achar ruim, resolveu tirar proveito e encontrar uma maneira de ir para uma cidade grande. Agradou o marido pensando em fugir dele. Talvez os dois jovens tenham se entusiasmado e não

perceberam que o sinhô Genaro estava atento e desconfiado.

— Seria difícil eles fugirem — opinou Bastião.

— Talvez por isso eles tenham pensado por dias e acabaram sendo surpreendidos. João, não conte a ninguém o que ouviu aqui. É melhor o sinhô não ficar sabendo do que aconteceu — pediu Tomasa.

A irmã de Bastião se despediu, e os dois voltaram à senzala.

João teve um sonho naquela noite que o impressionou. Quando acordou, todos ainda estavam dormindo. Ficou quieto na sua esteira recordando do sonho.

Sonhou que vira Mua entrar na senzala, aproximar-se de seu leito e chamá-lo baixinho: “Uba!”. João a olhou, estava bonita e sorrindo. Ela segurou sua mão. De repente os dois estavam na aldeia em que seus parentes moravam. Lá era dia, estava claro. Ele viu as filhas, que estavam crescidas e bonitas, brincavam com outras crianças. João correu para abraçá-las, mas elas passaram pelos seus braços. Escutou de Mua: “Uba, elas estão bem; assim que ficarem adultas, voltarei para perto delas, serei filha da mais velha”. João olhou o local: era rudimentar, mas ali eram livres. Sem entender, estava de novo na senzala, foi então que percebeu uma luz perto de Mua; prestou atenção e viu que a luz era uma mulher. Sorriu e acordou.

Não dormiu mais, lágrimas escorreram pelo rosto. Ficou pensando no sonho.

“Vou memorizar esse sonho! Parece que foi um encontro! Vi minhas filhas! Que saudade!”

No outro dia, contou seu sonho a Bastião, que escutou

sorrindo e comentou:

— Com certeza sua esposa veio vê-lo e lhe dar notícias de suas filhas. O ser iluminado a trouxe.

Ele à noite agradeceu pelo belo sonho que tinha tido. Sentiu no seu íntimo que realmente suas filhas estavam bem, livres e felizes com os avós.

— O sinhô quer casar de novo! — contou Pituxo. — Ele escreveu uma carta para a pretendente. Ela se chama Etelvina, é a moça solteira da vila que ele conheceu na missa, mas preferiu a sinhá Serafina. Pediu para o feitor Januário ir à vila, ele irá depois de amanhã. Quando chegar à vila, deve perguntar ao padre se a moça continua solteira; se a resposta for “sim”, ele irá à casa dela levar a carta.

— O que será que ele escreveu na carta? — perguntou Filó.

— Pelo que escutei — respondeu Pituxo —, ele pede que seja aceito por noivo. Se a resposta for “sim”, o sinhô disse que marcará o casamento também por carta. Pretende ir à vila somente para o casamento. Penso que é por cautela. Viajará com seguranças.

— Pelo jeito, teremos outra sinhá em breve — comentou Dito.

— E antes da colheita! — exclamou Nhô.

Januário foi à vila com dois empregados e três escravos; levou a charrete, aproveitaria para comprar mantimentos.

Na volta, Simão contou:

— Tudo deu certo, a viagem foi agradável. O feitor Januário foi conversar com o padre, soube que a sinhá Etelvina ainda está solteira e aí levou a carta do sinhô para ela, que respondeu

aceitando o noivado.

— Marcaram a data — falou Pituxo. — O capataz Honório irá à vila levar correspondências para os filhos do sinhô e para a noiva. Irão se casar no dia vinte deste mês.

Dessa vez não houve preparativos. Na véspera da viagem, os pistoleiros chegaram e, pela manhã, o sinhô foi para a vila levando Bárbara, Dinha, escravos e empregados. Deixou Honório tomando conta de tudo.

Eles voltaram antes do previsto, foi uma correria para os servidores da casa-grande. A festa para os escravos não foi mudada, seria no sábado e no domingo. Foram poucos os que viram a nova sinhá. Os escravos que foram à vila para o casamento vieram, à noite, à senzala contar as novidades.

— A viagem foi tranquila — falou Simão. — Quando chegamos, à noite, o sinhô Genaro foi visitar a noiva, levou presentes. O casamento foi no dia seguinte às dez horas. Quando a cerimônia terminou, a noiva quis vir para a fazenda. Estava marcado que os noivos iriam para a hospedaria ou ficar na casa dos pais dela. A sinhá Etelvina não quis e preferiu vir para sua nova casa. Arrumamos tudo rapidamente e voltamos. Ela trouxe com ela três escravas e um escravo, falou que eles são propriedade dela, que está acostumada com estes escravos e que quer que eles a continuem servindo.

— E os noivos? Parecem felizes? Ela é bonita? — Filó quis saber.

— Para meu gosto, ela é feia — respondeu Simão. — Uma coisa é certa: ela fala pouco e sorri menos ainda. Não sei informar, mas senti que nenhum dos dois estava feliz.

— Por que então casaram? — perguntou Chico.

— Penso — respondeu Simão — que o nosso dono casou para ter companhia ou para ter mais filhos. Ele amou mesmo foi a infiel. A sinhá Etelvina deve ter se casado para não ficar solteira.

— Será que essa moça não tem medo de ser morta pelo marido? — indagou Filó.

— Com certeza — esclareceu Bastião — ela aprova a atitude dele, matou pela honra; não tendo ideia de trair, não precisa ter medo.

— As duas filhas do sinhô — contou Simão —, que moram perto da vila, foram ao casamento com suas famílias. Nós ficamos no pátio em frente à igreja e pudemos ver tudo. O sinhô ficou contente em vê-las. Penso que não queria vir para a fazenda, pensava em ficar mais com as filhas e netos. Mas fez a vontade da esposa.

— Nada vimos de diferente na ida nem na volta — contou Nhô.

— Ainda bem! — exclamou Bastião.

No sábado, depois de um almoço farto, os escravos se reuniram no pátio para cantar e dançar. Estavam contentes. No domingo também aproveitaram a festa.

Na semana seguinte, Bárbara veio, à noite, à senzala, chorando.

— Fui dispensada da casa-grande!

Todos se admiraram, Bárbara servia à casa-grande havia anos. Um pouco mais calma, ela parou de chorar e contou:

— Os quatro escravos que a sinhá trouxe irão assumir as

principais atividades da casa. Eles são simpáticos e temem a sinhá. Vieram para cá sem ter escolha, elas falam pouco. Desde a viagem, viemos apertados na carruagem simples, quase não falaram. Perguntaram como era viver em fazenda, nunca tinham visto uma. Aqui, logo que chegaram, entenderam como era o serviço e passaram a fazê-lo. A sinhá Etelvina organizou tudo, quer que se faça tudo do seu modo.

Tomasa entrou na senzala.

— Você também foi dispensada? — Filó quis saber.

— Fui, a sinhá não quer velhos na casa. O sinhô Genaro conversou comigo e disse: “Tomasa, você deve ficar na senzala das mulheres, mas a quero na sede. De hoje em diante, cuidará somente dos doentes”.

— O capataz Honório — falou Bárbara — reorganizou as tarefas. Tirou dois trabalhadores da sede e os colocou na lavoura, ordenou que eu e mais duas escravas ficássemos trabalhando na sede: irei varrer os pátios, limpar os jardins.

— Isso é injusto! — exclamou Chico. — Mamãe serviu Sinhana, a sinhá Serafina, ajudou a criar os filhos do sinhô e agora é dispensada.

Começou a xingar.

— Basta, Chico! — pediu Bastião. — Não adianta se revoltar. É melhor aceitar e tentar viver da melhor forma possível. Chico, Bárbara saindo da casa-grande, é melhor você prestar mais atenção nas suas atitudes. Agora ela estará longe do sinhô para defendê-lo. Cuidado! Cautela! Não fale tanto!

— É isso mesmo, meu filho! Por favor, não cause problemas! — rogou Bárbara.

— Minha amiga — disse Tomasa —, você agora está aborrecida, sente-se injustiçada, mas conforme-se, e afirmo, ainda achará bom que isso tenha acontecido. Pelo que conheço das pessoas, não será fácil servir a essa mulher. Isaura me contou que uma vez, por ter manchado um vestido de sinhá Etelvina, ela disse que ia mandar surrá-la no tronco da praça. Ela chorou de medo. No outro dia, um feitor veio buscá-la para chicoteá-la. A sinhá Etelvina, de fato, havia o contratado. Mas o pai dela pagou o feitor e não deixou que a levasse para o castigo.

— Como se dá esse castigo? — perguntou Filó.

— Aqui o sinhô manda o feitor executar — respondeu Tomasa. — Na vila, pelo que Isaura me contou, alguns senhores pagam para que seus escravos sejam castigados. Quando esse castigo acontece na praça, é muito humilhante. Isaura conversou comigo enquanto eu passava ervas em suas costas. Ela é uma boa pessoa. Foi ama da sinhá, ajudou a criá-la. E, pelo que entendi, nossa nova senhora não combina com a família, parece que não gosta de ninguém e ninguém gosta dela.

— Que pena! — suspirou Bastião.

Bárbara escutou calada, parecia duvidar, ela gostava de trabalhar na casa-grande. Os escravos que serviam aos senhores se julgavam mais importantes que aqueles que trabalhavam nas lavouras e dormiam na senzala.

Os comentários, agora, sobre a casa-grande, eram em menor quantidade. Pituxo continuou servindo o sinhô, ia pouco à senzala; quando ia, contava as novidades.

— A sinhá é azeda! Mal-humorada! Não parece recém-casada. Trata mal suas escravas. O escravo que veio com ela,

Manolo, faz o serviço pesado da casa, as moças trabalham muito. Ela dá ordens sempre secamente: “Faça isso! Se não fizer direito, joga a panela em você”. O sinhô tem saído muito, não para em casa. Penso que não gosta da esposa. Continuo servindo o sinhô e tento ficar longe dela.

Na noite seguinte, um alvoroço na senzala: Dinha, que ficava na casa-grande, veio contar a novidade.

— A sinhá quer engravidar, ela quer que duas de suas escravas engravidem para amamentar seu filho. Deu ordens para as duas escolherem parceiros, têm de ser escravos da fazenda.

João não se conformou com o que escutou.

“Como podem ter filhos assim? Pior, para serem escravos!”

— Elas querem ser mães? — perguntou Dito.

— As mocinhas não comentaram. Escutaram a ordem e abaixaram a cabeça. Isaura disse que as duas foram criadas na casa para isso. Está tão ruim trabalhar na casa-grande; lá pouco se conversa, não se pode cantar e a sinhá quase não sai de casa.

— *Eu a vi somente de longe* — comentou Tonho.

— Todos nós somente a vimos de longe — falou Zé.

— Isaura — continuou Dinha, contando as novidades dos senhores — comentou que Manolo é meio-irmão da sinhá. É filho do pai dela com uma escrava. A sinhá não gosta que se fale sobre isso, então, atenção: não falem. Manolo é mais claro, sério, parece estar sempre triste. A sinhá grita menos com ele.

As duas escravas foram ao pátio no domingo. Uma olhou para João, que, encabulado, afastou-se devagar e foi para debaixo da árvore. Quando viu que elas haviam ido embora, voltou ao pátio. Chico, rindo, falou:

— Escondeu-se das moças?

João pensou em não responder, mas, como muitos companheiros olharam para ele esperando resposta, falou:

— Tenho duas filhas. Sou pai ou fui? Enquanto estive com elas, participava da vida em família, cuidava das meninas, pegava-as no colo, beijava-as, passeava com elas. Sinto muitas saudades. Ter filhos não é somente fazê-los, isso é prazeroso, é mais que isso. Como tê-los e não participar de suas vidas? Como não pensar que terão essa forma de viver? Ou pior? Não quero ter filhos, ser pai no cativeiro.

Por um segundo, ficaram calados.

— Concordo com você — falou Bastião. — Não sou pai, nunca quis ter filhos para serem escravos.

As duas escravas da sinhá receberam os escolhidos, à noite, em seus quartos, que ficavam no porão da casa-grande.

As três engravidaram. O sinhô ficou contente; a sinhá, mais exigente. As duas escravas não se encontraram mais com os dois cativos.

“Como se pode ser pai nessa situação?”, pensou João. “Como ver o filho crescer e não participar de sua vida? E as mães? Terão filhos para amamentar o filho da sinhá. Ter filhos, para escravos, é tão incerto. Nunca pensei em me separar de minhas filhas. Meu consolo é que não o fiz por livre vontade.”

A vida na senzala não mudava muito, eram poucos os acontecimentos que os faziam sair da rotina. Chico sempre revoltado, João se esforçado para não reclamar, Bastião pacificando, Tomasa cuidando das diversas dores. Dormiam cedo, acordavam assim que o sol despontava, e o trabalho

sempre era muito.

Quando faltavam dois meses para as crianças nascerem, uma parteira que morava na vila e que a sinhá conhecia veio para a fazenda. Fazia dois dias que a mulher chegara, a sinhá entrou em trabalho de parto. A criança ia nascer antes do tempo, a sinhá passou mal, e o sinhô Genaro chamou Tomasa para ajudar. Foi um parto difícil, nasceu um menino: era pequeno, mas saudável.

Filó também teve outro menino no mesmo dia. Uma criança linda, um menino sadio. As duas escravas que engravidaram junto, por ainda não estar no tempo de seus filhinhos nascerem, continuaram grávidas. Filó foi chamada para ir à casa-grande amamentar o sinhozinho e ela foi.

— A sinhá — contou Dinha — a fez tomar banho, ordenou que Isaura verificasse se havia se lavado direito, mandou vestir outras roupas, nossa amiga se inibiu. O sinhozinho, muito pequeno, estava com dificuldades para mamar e chorava muito. Filó escutou os senhores conversando: “Será que essa preta não está dando mais leite para o filho dela?”, perguntou a sinhá Etelvina. “Ela, talvez, não tenha muito leite”, falou o sinhô. “Mate a cria dela”, pediu a sinhá. A ama de leite ficou calada, fingiu não ter escutado; quando ficou sozinha, chorou muito. Depois chamou Tomasa, deu o filho dela para a velha escrava e pediu: “Minha amiga, leve-o para a senzala, peça para Maria amamentá-lo”. Tomasa pegou o neném e o trouxe para a senzala. Embora o filho de Maria tenha seis meses, ela está amamentando as duas crianças. Filó pediu chá para ter mais leite. A escrava que está sempre nos ajudando deu a ela e

também um outro para tranquilizá-la. A ama de leite dorme às vezes sentada numa cadeira ao lado do sinhozinho ou se estica no chão do quarto. Tem ordem para não sair de perto do neném, que se chama Malvino. O sinhozinho é inquieto, mama muitas vezes, dia e noite.

Dois meses depois, os filhos das escravas nasceram, mas Filó continuou como ama de leite do sinhozinho e iria continuar amamentando-o até que o menino fizesse dois anos e meio.

Tomasa contou na senzala:

— Hoje conversei com Filó, ela me afirmou que não quer ter mais filhos. Que sente muitas saudades da senzala. A sinhá fiscaliza o que ela come, se toma banho, quer a ama de leite de seu filho limpa. Não a deixa se afastar da casa-grande. Ontem, levei os filhos dela para ela ver, as crianças ficariam na área, aproveitando que a sinhá estava descansando; Filó correu para ver os filhos, pegou seu neném e o beijou. Pela primeira vez, ela sentiu a responsabilidade de ser mãe de escravos. A sinhá a proibiu de engravidar enquanto ela estiver amamentando o sinhozinho Malvino. Ameaçou-a, disse que, se ela ficar grávida, vai colocá-la no tronco.

Sete meses depois que a sinhá Etelvina teve o filho, ficou grávida novamente e escolheu duas escravas para engravidar também. Uma delas era Nininha, de treze anos, filha mais velha de Filó. A mocinha tinha um namorado, e ele foi escolhido para ser o pai do filhinho dela. As gravidezes foram tranquilas. Novamente, a parteira da vila veio para atender a sinhá. Quando a sinhá entrou em trabalho de parto, Nininha também começou a ter dores. Tomasa veio ajudar a garota. Etelvina teve uma filha

à tarde. Porém, a criança de Nininha não nascia, o parto se complicou, a moça passou a noite toda sofrendo, e desencarnaram, ela e a criança, ao amanhecer. Foi muito triste, o jovem enamorado chorou muito. Escondida, Filó chorou e saiu da casa-grande para ver sua filha. Enterraram-na logo após.

A sinhá resolveu amamentar a filha junto com a outra escrava escolhida. A jovem mãe, com medo, levou sua filhinha para a senzala das mulheres e pediu para cuidarem do seu neném.

O jovem namorado entristeceu-se demais. Todos o ajudavam, até João carpia para ele, tentaram alegrá-lo, ele se alimentava pouco e chorava muito.

Numa tarde, o capataz Honório pediu para ele procurar uma vaca que estava desaparecida e, como ele demorava para voltar, foram procurá-lo. Encontraram-no morto. Caiu nas pedras, deduziram que ele pulara de um barranco alto.

— Suicidou-se! — lamentaram.

— Não aguentou ficar sem sua amada!

— Preferiu morrer!

— Quem se mata vai para a terra da escuridão! — opinou João. — Isso não é bom! Seria preferível sofrer por aqui mesmo. Lá é bem pior. O ruim desse ato é que ele não encontrará sua amada. Ela foi para a terra da luz.

— Como você afirma isso? — perguntou Nhô.

— Nininha era uma menina — respondeu João. — O que ela fez de maldade? Nada! Foi com certeza para a terra da luz! Quem se mata não fica bem.

Cinco dias depois, à noite, comentaram na senzala:

— Viram os dois apaixonados andando pela fazenda!

— Nininha e o namorado estavam felizes, de mãos dadas — contou Tomasa. — Ela veio dar adeus à mãe.

— Estou admirado! Como pode? — perguntou João.

— Muitas pessoas viram os dois — contou Bastião. — O feitor Januário os viu e correu para sua casa. Passaram por aqui, deram “tchau” e sumiram. Eu os vi e fiquei contente.

— Mas ele não se suicidou? — João quis saber.

— Não — respondeu Tomasa. — Também me admirei ao vê-los juntos e felizes. Senti mais que o ouvi falar: “Fui atrás da vaca, vi o animal entre as árvores, penso que me distraí, tropecei e caí. Embora estando triste, sofrendo, não queria morrer. Não me suicidei!”.

— Isso é bom! — João sentiu-se aliviado.

— Se eles deram “tchau” é porque foram embora, espero que não voltem — suspirou Simão.

— Pelo menos eles estão bem — disse João.

— Ainda bem! — exclamou Dito.

De fato, ninguém mais viu o casal.

Naquele inverno fez muito frio, houve muitas geadas, João pensou que ia morrer gelado.

“Como frio é ruim!”

Foi um alívio quando começou a esquentar.

12

Preocupações

Filó ficou dois anos e três meses na casa-grande, o sinhô a dispensou, e ela voltou para a senzala. A escrava, que anteriormente era alegre, mudou, estava séria, já não sorria como antes. Por várias noites se reuniram, e ela era o alvo das atenções.

— Até sonhei que estava voltando para a senzala — contou Filó.

— Você achou assim tão ruim servir à casa-grande? — perguntou Bárbara.

— Primeiro — explicou Filó — fiquei presa no quarto do sinhozinho, que, prematuro, não sabia sugar; depois mamava o tempo todo. Senti muito medo, pavor, quando escutei a sinhá pedindo para matarem minha cria. Quando Tomasa levou meu filhinho para a senzala, sosseguei-me um pouco. Penso que foi neste momento que compreendi o que era ser realmente escrava. Antes a vida para mim não era ruim, tudo estava bom. Por não conhecer outra forma de viver não fazia comparações. Gosto de trabalhar, nem sinto que sou obrigada a fazer o que me ordenam. Estava sempre rindo, cantava e dançava nas festas,

tinha meus encontros amorosos e recebia os filhos com alegria. Quando meu filhinho nasceu morto, senti, mas conformei-me, muitas crianças morrem. Quando me separei do meu neném, sofri, compreendi que amo meus filhos, temi que o matassem como se mata um leitão, um frango, mas quando isso ocorre com os animais é para que virem alimentos; minha cria, filho, seria simplesmente enterrado.

— Ainda bem que deu certo! Seu filhinho é um menino lindo! — exclamou Bárbara.

— Graças a Deus! Penso que foi Deus que me deu a ideia de mandá-lo para a senzala! — suspirou Filó.

— Foi difícil cuidar do sinhozinho? — perguntou Bárbara.

— Tive de aprender muitas coisas — respondeu Filó. — Uma criança branca é cuidada diferente dos nossos filhos. Nos primeiros meses saía do quarto somente para tomar banho, ir à casinha e, às vezes, para me alimentar na cozinha. Normalmente, almoçava e jantava no quarto. Depois o sinhozinho tinha de tomar sol, saía com ele na área ou andava pela casa. A sinhá me vigiava ou ordenava que Isaura o fizesse. Olhem esta cicatriz!

— Filó mostrou o rosto; do lado direito, perto da orelha, estava a cicatriz de um corte de mais ou menos sete centímetros.

— Uma tarde, estando muito cansada e com sono, sentei-me numa cadeira e dormi, não escutei o sinhozinho resmungar. A sinhá entrou no quarto, pegou uma imagem de um santo que estava na mesinha e me bateu com força. Acordei assustada. “Preta! Acorde! Levante-se e cuide do seu sinhô.” Sangue escorreu pelo meu rosto, corri e peguei o neném. “Olha o que

“você fez!”, falou a sinhá, evitando gritar para não assustar o filho. “Você me fez quebrar meu santo. Escrava infeliz!”. Fui amamentar o sinhozinho e, só depois que ele dormiu, limpei meu ferimento. Senti muito medo de ela voltar e me castigar, ainda bem que não o fez. Outra vez, numa noite com temperatura muito baixa, ela me jogou água fria. Tinha sono e queria dormir. Ainda bem que o menino crescia e engordava; ao vê-lo sadio, ela me deu um pouco de sossego.

— Como é o sinhozinho? — quis Bárbara saber.

— Uma criança como outra qualquer — respondeu Filó. — Gosto dele, penso que até vou sentir saudades do menino, mas nunca da casa-grande. Porém, o sinhozinho tem algo estranho, não sei explicar o que é. Conte você, Tomasa.

Tomasa assustou-se, olhou para Filó, e todos a olharam. A velha escrava falou:

— O sinhozinho Malvino é inquieto; se você o olhar bem, sente algo estranho, uma sensação nada boa.

— Talvez seja porque vocês o comparam com a mãe, que é antipática — intrometeu-se Bastião.

— Deve ser isso — concordou Filó. — Porém, ultimamente, ele me mordida e, se falava “ai”, ele sorria, e seu sorriso me parecia ser cínico.

— Espero que você aqui volte a ser a Filó de antes — desejou Criolo.

— Penso que isso não ocorrerá — Filó estava triste —, muitas coisas aconteceram. Nunca tinha me afastado de meus filhos, e me separar do meu filhinho recém-nascido foi difícil, apavorei-me em pensar que, para a sinhá, ele era somente uma

cria que poderia ser morta. Sei que muitas mulheres morrem no parto, brancas e negras, mas senti muito a morte de Nininha. Agora estou apreensiva com que pode acontecer com meus filhos.

— Espero que você, ao se livrar da energia ruim da casa-grande e da sinhá Lazê, volte a ser a Filó alegre — desejou Bárbara.

— Sinhá Lazê? O que vem a ser isso? — perguntou João.

— Laranja Azeda, nós a chamamos assim — respondeu Bárbara.

Filó passou a lavar roupas e se tornou uma mãe mais carinhosa; foi depois de meses que voltou a sorrir e a cantar, mas realmente não quis ter mais filhos.

Até Pituxo estava triste, não imitava mais ninguém; se vinha à senzala, contava as novidades e reclamava.

A sinhá Etelvina ficou grávida novamente e as duas escravas dela também. Nasceu outra menina, a sinhazinha Marcila. Ela decidiu não engravidar mais. A sinhá não havia voltado mais à vila após o nascimento da terceira filha, seus pais vieram visitá-la. Genaro os recebeu bem, Etelvina não ligou para as visitas. O irmão dela veio depois de sete dias para acompanhar os pais para retornar à vila. Etelvina se trancou no quarto para não ver o irmão. Genaro ficou encabulado e tentou agradar as visitas. Quando foram embora, Pituxo os escutou comentar que não voltariam mais.

Isabel, que morava longe, veio com os filhos e o marido visitar as irmãs mais velhas, Maria e Joaquina; depois foi à fazenda. Etelvina não a recebeu bem e agiu como sempre, azeda

como os escravos a chamavam. Ela ficou poucos dias, Genaro acompanhou-a e ficou dez dias com as filhas. Honório ficou responsável pela fazenda.

— O sinhô Genaro está dormindo num quarto sozinho — contou Pituxo. — Gostei, agora o ajudo sem precisar ver a Lazê. Os dois quase não se falam. A sinhá se dedica aos filhos, a organizar a casa e a infernizar os que trabalham lá.

Januário foi à vila fazer compras, estava com dois empregados e três escravos. Simão, por ter torcido o pé, não foi. Foram assaltados na volta, levaram toda a mercadoria, os cavalos, armas, bateram nos três empregados e levaram os três escravos, que foram obrigados a acompanhá-los.

— Nossos amigos não queriam ir — comentou Simão. — O feitor Januário que me contou. Aqui eles tinham abrigo, alimentos e familiares. Tomasa foi cuidar dos empregados.

— Eles vieram a pé para a fazenda? — perguntou Criolo.

— Não — respondeu Simão —, eles foram à fazenda próxima de onde foram assaltados, que é de um sobrinho do sinhô Genaro; lá receberam os primeiros socorros, alimentos e os trouxeram de charrete.

Na outra noite, Pituxo contou:

— O sinhô ficou muito nervoso. Falou que irá convocar os vizinhos para contratarem pistoleiros para atacar esses quilombos.

— Se isso ocorrer, haverá muito derramamento de sangue. — Bastião estava preocupado.

— Ultimamente estamos tendo muitas preocupações — lamentou Bárbara.

— Penso que o sinhô não conseguirá reunir os fazendeiros para fazer esses ataques — opinou Nhô. — A maioria dos vizinhos são parentes dele que, pela partilha de bens, brigaram; depois, com a sinhá Serafina, até que estavam se entendendo, mas, quando ocorreram os crimes, a família se separou de novo, e essa sinhá os afastou mais ainda.

— Tomara que não ataquem os quilombos — desejou João.

— Eles — falou Dito — podem calcular onde podem estar esses quilombos, mas não sabem onde exatamente estão. Escalar estas montanhas é difícil, e eles sabem disso, como também sabem que os quilombolas estão armados.

Januário se demitiu, iria embora da fazenda. Simão contou:

— O feitor me disse que sua mulher não gosta daqui, que ele tem medo das assombrações, e eles querem ficar perto do filho que partiu, que tem um bom emprego numa cidade. Penso que o feitor Januário não está satisfeito morando aqui e, prevendo que o sinhô Malvino seja seu patrão, quis ir embora antes que isso aconteça.

Dias depois, todos da fazenda viram Januário e a família irem embora. A maioria dos escravos achou ruim, alguns ficaram contentes.

Naquele ano choveu pouco. Com a seca, as plantações estavam morrendo. As colheitas de milho, arroz e feijão seriam escassas.

— Vamos orar para chover — pediu Tomasa.

— Para quê? — perguntou Chico. — O que nos interessa se o sinhô vai ou não ter prejuízo? Para que incomodar Deus com nossas orações? O bom da seca é que temos menos trabalho. Não

há muito o que carpir nem o que colher.

— Insensato! — Tomasa o repreendeu. — Se houver falta de alimentos, quem primeiro ficará sem comer?

— Nós! — exclamaram alguns escravos.

— Sim, seremos nós — concordou Tomasa.

— Vamos orar — determinou Bastião.

Fizeram alguns rituais. Foram antes de o sol nascer jogar água no cruzeiro, uma cruz que ficavam em frente à capela. Tomasa e umas mulheres lavaram a capela. Em oração, foram até o riacho que estava com pouca água; lá se ajoelharam e rezaram. Dançaram e cantaram à noite no pátio rogando que chovesse. Fizeram isso por três dias e choveu. Alegaram-se com a chuva, porém as colheitas foram realmente escassas e, naquele ano, Genaro teve de comprar mais mantimentos e, como era esperado, a alimentação dos escravos diminuiu.

Genaro não conseguiu apoio para contratar pistoleiros para atacar os quilombos, porém vieram para a vila alguns homens que se juntaram aos capitães do mato e passaram a fazer também trabalho de proteção.

— Ficou mais difícil de fugir — comentou Chico.

As reclamações dos que serviam à casa-grande aumentaram; além da sinhá, passaram a se queixar do sinhozinho Malvino, que crescia rebelde e demonstrava ser mau. Batia nos escravos, jogava objetos neles, todos tinham que fazer suas vontades. Às vezes Genaro tentava corrigi-lo, mas Etelvina não permitia, e o garoto fazia o que queria.

— O menino parece o diabo — comentou Pituxo. — Ele é forte, tem força e bate pra valer. Os escravos da casa têm medo

dele e, se o sinhozinho reclama de alguém, a sinhá, além de azeda, vira uma fera. Ontem ela jogou em Isaura água quente que lhe queimou o braço porque a escrava não quis dar o bolo quente para o menino.

— Nunca pensei — falou Bárbara — em dizer que Tomasa tinha razão quando me disse que eu iria um dia achar bom ter saído da casa-grande. Achei que ela estava me consolando, mas dizia a verdade.

Dinha raramente conseguia sair da casa-grande para vir à senzala e, quando vinha, contava o que acontecia lá.

— Tenho pena dos meninos, filhos das escravas da sinhá, que ficam na casa-grande. Eles brincam com o sinhozinho, a única vantagem é que se alimentam melhor. O menino Malvino bate neles; na semana passada, ele pegou um chicote e começou a bater num escravozinho; a mãe do pobrezinho correu para acudi-lo, mas só conseguiu ficar na frente e foi chicoteada. Com os gritos, o sinhô chegou e tirou o chicote das mãos do filho; a sinhá interferiu e, pela primeira vez, nosso dono gritou com a esposa. Colocou o filho de castigo na sala sozinho, e tinha de ler um livro. Mãe e filho que foram castigados ficaram machucados, e Tomasa foi cuidar deles.

Os escravos da senzala começaram a se preocupar e a temer o que poderia ocorrer a eles quando Malvino fosse o dono deles e da fazenda.

Pituxo veio à senzala, estava com o rosto machucado e contou:

— O sinhozinho Malvino me jogou uma pedra.

— O que você fez? O que aconteceu? — perguntou Criolo.

— Estava no pátio, tinha ido dar um recado do sinhô para o capataz Honório. Escutei: “Pituxo!”. Era o sinhozinho. Virei, ele me acertou com a pedra e gargalhou.

— O que você fez? — João quis saber.

— Nada. Continuei a caminhar, fui atrás de Tomasa para que me fizesse um curativo para o ferimento parar de sangrar.

— O que você pensa que irá acontecer nesta fazenda quando esse menino mandar em tudo? — perguntou Simão.

— Não sei — Pituxo suspirou. — Espero que eu morra antes do sinhô Genaro e que não tenha de servir esse menino. Sabe que ele não gosta que o chamem de “sinhozinho”? É sinhô Malvino.

— Temo pelos meus filhos! — Filó estava triste.

— Não vamos nos preocupar antes do tempo — aconselhou Tomasa. — O futuro é incerto. Já temos preocupações demais para acumulá-las pensando no que pode ou não acontecer.

— Tomasa, você vê alguma coisa do futuro? O pai José lhe falou algo sobre isso? — perguntou Bárbara.

— Pai José não me falou nada e eu tampouco sei. É somente um conselho sábio: o melhor é viver o presente, fazer de tudo para que possamos ter um futuro melhor.

— Futuro melhor? Só se for depois de morto! — Chico riu.

— Não é esse o futuro certo de todos nós? — perguntou Bastião.

— O certo é continuarmos com nossa vida, rogar a Deus para que ela não piore — desejou a sábia escrava.

Cada vez que sabiam do que o sinhozinho fazia, preocupavam-se e sentiam dó daqueles que serviam à casa-

grande e dos quatro meninos escravos que brincavam com ele.

Genaro não queria que esse filho fosse embora como fez o outro, Leôncio, que foi estudar e não voltou. Contratou um professor que ficava quatro meses do ano na fazenda, dando aulas para o garoto; depois passou também a dar aulas para as sinhazinhas.

— O professor — contou Pituxo — queixou-se para o sinhô do filho. Disse para mim que ele é o pior aluno que já teve e tem, que Malvino não obedece e é arrogante.

— Você faz tempo que não imita ninguém — comentou Criolo.

— Você faz tempo que não me imita! — repetiu Pituxo.

Pituxo imitou Criolo, andou como ele e sua voz ficou muito parecida. Todos riram.

— Perdi a vontade de imitar — Pituxo suspirou. — Se venho aqui, é para desabafar. Tenho estado apreensivo. Vigio a sinhá para nosso dono porque ele tem tido encontros com escravas, mas não as força, pergunta primeiro se elas querem e lhes dá regalias. Deu ordem para o capataz e para os feitores para não castigar nenhum escravo sem que ele dê ordens e que não obedecessem a sinhá. Com receio de ela jogar algo nessas mulheres, o sinhô tem encontros com escravas que não servem à casa-grande.

— É bom ele ter essa cautela porque a sinhá é capaz de matar ou mandar matar as amantes do marido — opinou Bárbara.

Um dos netos de Genaro, já adulto, veio visitar o avô, ficou três dias e, ao ir embora, Genaro ordenou que Honório, dois

empregados e alguns escravos fossem levá-lo à vila e lá comprar mantimentos.

— Não será perigoso? — preocupou-se Nhô.

— Depois — falou Simão — que vieram para a vila mais sete capitães do mato, pararam os assaltos. Vocês viram que dois vieram com o neto do sinhô, irão acompanhá-lo na volta.

— Esses homens têm capturado muitos escravos que fugiram — comentou Bastião.

— Ouvi dizer — falou Dito —, na última vez que fui à vila, que eles tinham ido atrás de um escravo fujão, encontraram-no, torturam o pobre moço e o trouxeram morto. Aqueles que viram seu cadáver disseram ter ficado impressionados com tamanha maldade.

Foram à vila e retornaram no dia marcado, porém, Simão não veio. O capataz explicou:

— Paramos para almoçar perto da Lagoa Serena, Simão foi buscar água; como demorou para voltar, fui com Dito até a lagoa. Não o encontramos, mas, sim, sua sacola e a vasilha. Nós o chamamos, o procuramos pelas margens. O neto do Sinhô queria seguir viagem para que à noite estivesse em segurança na vila. Concluímos que Simão caiu na água e, como não sabe nadar, afogou-se; seu corpo deve estar no fundo desse reservatório.

— Não é nesta lagoa que viram cobras grandes? — perguntou Chico.

— Sim, dizem que lá há muitos animais perigosos — respondeu Honório. — Pode ser que Simão tenha sido atacado por um. Porém, é provável que ele tenha morrido afogado.

Quando o Honório saiu da senzala, indagaram a Dito, que também fora à vila, e ele contou a mesma história. João ficou triste com a morte do amigo, do companheiro que veio com ele para a fazenda. O capataz também sentiu, ele confiava em Simão e o levava sempre nas viagens.

Oraram pelo companheiro morto, João desejou que ele fosse para a terra da luz.

Tomasa veio à senzala no domingo à tarde e, com gestos, chamou o irmão e João para conversar. Foram sentar no banco debaixo da árvore.

— Não senti Simão morto — falou Tomasa. — Perguntei ao pai José, e ele me respondeu que de fato ele está bem e vivo.

— Estou lembrando agora — comentou João — que Simão sabia nadar. Ele me contou que, na sua aldeia, eles nadavam no rio: quando crianças; para brincar; quando moços, para pescar. Nos últimos meses, ele estava preocupado pensando como seria a vida na fazenda no comando do sinhô Malvino. Ele sempre conversava muito nas viagens que fazia, na vila, com outros escravos, com o Sombra, sabia de tudo o que acontecia na região, deve ter tido conhecimento de onde estão os quilombos e como chegar neles. Simão sempre quis viajar, conhecer outras formas de viver. Com certeza, planejou tudo muito bem.

— Se fugisse, capitães do mato iriam atrás dele; então deve ter planejado sua morte — concluiu Bastião.

— Deu certo — falou Tomasa —, ele foi dado como morto, ninguém o procurará. Que Deus o proteja e que Simão esteja bem. Vamos guardar segredo; para nós, para todos, nosso amigo está morto.

Foi duas semanas depois que Simão havia sido dado como morto que um homem negro, magro, machucado foi encontrado na porteira da fazenda. Honório foi vê-lo e depois foi avisar Genaro, que também quis vê-lo. Indagou-o e ordenou que o levassem para o galpão, limpassem-no e que Tomasa cuidasse de seus ferimentos. Curiosos, à noite, os escravos da fazenda foram conhecê-lo.

— Tivemos — explicou Tomasa — que raspar seus cabelos por ter piolhos, estava faminto, agora está se recuperando.

Todos o olharam, e ele explicou:

— Chamo-me Tião, sou da Fazenda Santa Ana, não sei onde fica. Estava transportando cargas com o feitor quando fomos atacados, roubaram a carga, bateram nos empregados e nos obrigaram a ir com eles, que tiveram dois mortos.

— Foram obrigados mesmo? — perguntou Criolo.

— Fomos convidados, eu e outro fomos, dois não quiseram, eles tinham famílias. A vida no quilombo para mim foi mais difícil do que na fazenda em que morava, faz muito frio lá no alto da montanha, necessitávamos de tudo, e o trabalho era muito. Fugi, só que devo ter tomado o rumo errado, andei por dias e me senti aliviado quando vi esta fazenda.

— O sinhô — informou Tomasa — falou que por estes lados não tem fazenda com esse nome e que nem conhece o coronel Silveira, que informou ser seu dono. Deve ser mesmo do outro lado. Ordenou que, quando o capataz Honório for à vila, pergunte, sem, contudo, falar de Tião.

— Por que o capataz não pode comentar que veio aqui um escravo que fugiu de um quilombo? — perguntou Nhô.

— Podem aparecer muitos supostos donos — respondeu Tomasa. — Uma vez ocorreu isso na fazenda de um dos irmãos de nosso sinhô, ele anunciou na vila, e apareceram três supostos donos; apurou-se que nenhum era o verdadeiro. O escravo ficou na fazenda. Embora Tião tenha dado informação de quem era o seu sinhô e o nome da fazenda, podem aparecer pessoas dizendo que o escravo é dele e, se Tião falar que não, eles podem afirmar que esse pobre moço está mentindo. O sinhô Genaro mandou que cuidássemos dele e, quando estiver bem, que trabalhe para se sustentar; enquanto isso, tentará saber onde fica essa fazenda, ele acha que deve ser para lá das montanhas.

Honório não obteve na vila informações nem do coronel nem da fazenda. Tião foi ficando e começou a trabalhar.

— Bastião — disse João, que estava preocupado —, como será que Simão está vivendo? Estará bem ou sua vida piorou?

— Observando Tião trabalhar, com certeza ele foi banido de um quilombo. Esse moço é fofoqueiro e preguiçoso.

Logo nos primeiros dias na senzala, arrumou confusão. O velho escravo chamou a atenção dele por três vezes e, quando tentou agarrar uma moça perto da senzala, Bastião queixou-se dele para Honório. Genaro decidiu mandá-lo embora.

— Não tenho documento desse escravo, ele não é meu; se está nos causando problemas, que vá embora.

Deram um cesto com algumas roupas e alimentos para ele, que foi banido da fazenda. Meses depois, Dito, indo à vila com Honório, viu Tião perambulando por lá. Contava outra história, dizia que era alforriado, que perdera a carta de alforria, vivia esmolando e fazendo pequenos trabalhos; como não era

procurado, ficou pela vila.

O irmão de Genaro, o que era proprietário das terras que faziam divisa ao norte da Fazenda Morro Alto, faleceu. Um empregado veio avisá-lo, e um sobrinho lhe escreveu uma carta. Pituxo contou na senzala:

— O sinhô leu alto a carta: o sobrinho contou como o pai morrera, informou que Eleocácio estaria presente e que eles entendiam se ele não quisesse ir. O sinhô resmungou: “Informou e não quer que eu vá.” “É melhor”, falei, “o sinhô não ir e ver seu irmão Eleocácio”. “Sim, talvez seja melhor.” Nosso dono não foi.

As queixas do sinhozinho Malvino foram aumentando.

— Ele é um demônio! — afirmou Pituxo.

— Nunca vi um menino tão mau! — queixou Dinha.

— Os garotos — contou Pituxo —, os filhos das escravas da casa, sofrem muito com seus exageros e maldades. Se o sinhô o corrige, a sinhá interfere; assim, o garoto está sendo criado sem receber educação.

Bastião sentia o peso dos anos, andava com dificuldades, com as costas curvadas, sentia dores, mas estava sempre alegre, fazia pequenas tarefas. João gostava de conversar com ele. Muitas tardes de domingo os dois se sentavam no banco tosco embaixo da frondosa árvore do pátio, às vezes Tomasa lhes fazia companhia. Foi numa dessas tardes que Bastião falou:

— Esta minha existência foi de grande aprendizado. Muito proveitosa!

— Aprendizado? Você nem aprendeu a ler e escrever — João sorriu.

— Isso é verdade, porém aprendi muitas outras coisas: a repartir o pouco, tentei amenizar dores, esforcei-me para me educar e dar bons exemplos para outros melhorarem.

— De fato, você fez tudo isso — concordou João —: já vi você dividir seu alimento, que era pouco; ficar sem dormir para velar por alguém; dar bons conselhos; impedir abusos; ser chicoteado muitas vezes no lugar de companheiros.

— Agindo assim, fui o maior beneficiado. Dividindo alimentos, me eduquei para me contentar com o necessário; pacificando, senti-me pacificado; ao dar conselhos, encontrei soluções para minhas dificuldades; recebendo castigos pelos outros, compreendi que ter dó sem nada fazer é inútil. Pode acreditar: às vezes dói mais ver o outro sofrer do que sentir as chicotadas na pele. E você, o que aprendeu?

— Penso que aprendi a amar a saudade, a dar valor aos bons momentos que passei, a ter esperança e que esse sentimento deve sempre estar presente em nossas vidas. E o mais importante: a gostar de trabalhar. Foi somente aos poucos e pelos seus conselhos que aprendi a gostar do trabalho. A vida de escravidão me privou da liberdade. Será que aprendi a dar valor à liberdade? Afastaram-me das pessoas que amava, penso que darei mais valor aos afetos porque senti a dor da separação. Aqui passei fome, foram muitas as vezes em que o alimento recebido não me saciou e que, pelos castigos, fiquei sem jantar, e senti muito frio. Espero, meu amigo, que tenha mesmo assimilado a lição para que, no futuro, não seja causa desses sofrimentos a ninguém.

— Sabe no que estou pensando? — perguntou Bastião. Ele

mesmo respondeu: — Aqui na fazenda tem muitos escravos; no Brasil talvez sejam milhares, e cada um sente a escravidão de uma maneira.

— Não somente a escravidão, mas também o sofrimento — lembrou João.

— É verdade. Algumas pessoas, diante do sofrimento, se desesperam; outras se revoltam ou se rebelam; e alguns tentam absorver as lições e melhorar. Esse aprendizado se difere; cada um, no íntimo, sabe o que é bom para ele. Você está aprendendo a gostar de trabalhar, a dar valor aos afetos, aos alimentos e ao abrigo. Eu compreendi que podemos ser, em todos os momentos de nossas vidas, pessoas boas, generosas.

— Aprendeu a dar valor a alguma coisa? — João quis saber.

— À vida! Compreendi que amar a Deus é amar todos os seus filhos. Por esta adoração, tentei tornar-me caridoso, servindo espontaneamente a meus semelhantes. E essa ajuda que realizo é meu transbordamento dessa adoração a Deus.

— Você foi, é, feliz?

— Se você não está feliz, está o quê? — Bastião sorriu. — Infeliz? Por vezes até me julguei infeliz. Os anos me fizeram compreender que passei por dores, mas em nenhum momento fui infeliz. Sabe por quê? Talvez muitas pessoas pensassem que tive e tenho motivos para ser infeliz por causa de atos de outras pessoas ou das circunstâncias. Porém, meu amigo, preste atenção: somente podemos ser infelizes por causa de algo dentro de nós e não por acontecimentos externos. Fatos tristes são somente motivos para despertar em nós a infelicidade preexistente, e quem cria em nós esse germe que nos faz

infelizes somos somente nós.

— Entendo — disse João. — Se sou infeliz, é por causa de mim mesmo. Sentimentos guardados no meu íntimo que foram despertados por acontecimentos externos. Posso ter dores e me sentir em paz e, se isso acontece, estou bem.

— Como pode também estar bem externamente, não sentir dores e se sentir infeliz, porque no íntimo não está bem. Isso ocorre muito com o egoísta. Pessoas podem nos dar gozo e sofrimento, mas somente eu posso me fazer feliz ou infeliz.

— Você foi chicoteado injustamente — lembrou João.

— O sinhô Eleocácio me fez uma maldade, foi motivo de ter sentido dores, porém ele foi mau, e esse foi o único mal verdadeiro. Ele não me fez ser mau. Outras pessoas podem me fazer bem ou mal, mas somente eu posso ser bom ou mau.

— Se você tivesse guardado mágoa, sentido ódio, alimentado o desejo de vingança, ele realmente lhe teria feito mal.

— Engano seu! — exclamou o velho escravo. — Seria eu mesmo que detonaria em mim esses sentimentos ruins que me fariam infeliz. Respondendo à sua pergunta, afirmo que sim, estou bem e sou feliz.

— Obrigado por ter me ensinado, por ser meu amigo! — João realmente estava grato.

Bastião sorriu, e João sentiu que de fato aquele companheiro de cativo era feliz.

13

A emboscada

Ao chegarem, à tardinha, na senzala, encontraram Bastião deitado na sua esteira. João se preocupou e quis saber o porquê.

— O que aconteceu?

— Estou somente cansado e um pouco ofegante. Resolvi repousar — respondeu o velho escravo.

Levantou-se para jantar, alimentou-se pouco, se sentou em frente à fogueira e explicou:

— Desde ontem não estou me sentindo bem. Tenho pensado tanto no passado. Lembrei-me de acontecimentos que pensei ter esquecido.

— Com certeza lembrou-se das chicotadas que recebeu injustamente — falou Chico.

— Sim, lembrei-me. E sabe o que concluí? Ainda bem que foram injustamente. Se fosse culpado, teriam sido merecidas. Não que tenham sido imerecidas, tudo tem razão de ser. Aprendi uma lição, devemos ter muito cuidado para não acusar ninguém sem ter certeza. Ao me recordar daquele flagelo, orei pelo sinhô Eleocácio.

— Talvez um dia ele venha ser chicoteado como ele fez você

ser — disse João.

— Se isso ocorrer, espero que ele seja também inocente — desejou Bastião.

— É difícil! — interrompeu Chico. — Aquele lá, se receber chicotadas, serão bem merecidas.

— O mesmo pode-se dizer de mim — afirmou Bastião. — Aquele castigo foi injusto, mas terá sido imerecido?

— Não entendi — disse Nhô.

— Às vezes, Nhô, fazemos coisas indevidas para as quais as consequências, o retorno, vêm mais tarde — Bastião tentou explicar.

— Você está falando que já bateu em alguém e que naquele dia recebeu o retorno? — Nhô queria entender.

— Isso pode ter ocorrido ou talvez eu necessitasse passar pela prova de ser acusado injustamente, sentir dor e perdoar — Bastião suspirou.

— Só se bateu em alguém em outra vida, como vocês falavam — opinou Dito. — Mas tem coerência: se quero saber se sou capaz de perdoar, tenho de ser muito ofendido e machucado.

— Bastião — disse João —, se essas chicotadas tiverem sido retorno, penso que aprendeu a não magoar, ferir ninguém. Se tiverem sido para você poder afirmar que perdoa, conseguiu.

— Nas primeiras vezes — falou Bárbara — que escutei João falar isso e Bastião concordar, achei ser conversa de doidos, mas agora acho que seja verdadeiro. Penso que isto, nosso espírito voltar várias vezes num corpo de carne, é a coisa mais certa que já escutei.

— O importante é que estou em paz, e isso para mim é uma

bênção! — exclamou o velho amigo de todos. — Vou deitar, estou cansado.

Todos queriam ajudá-lo, Filó fez um chá para ele. João perguntou várias vezes como ele estava. Dormiram.

Quando acordaram, viram que Bastião morrera. Seu corpo físico cansado, desgastado pelo excesso de trabalho, pouca alimentação e pela idade, parou pela falência dos órgãos. Muitos choraram. Honório foi à senzala e ordenou:

— Vocês irão para a lavoura somente após o almoço. Cuidem do corpo dele e o enterrem logo.

Tomasa tirou o colete do irmão, sua camisa, deixou-o somente com a calça, dividiu seus pertences. Todos se despediram dele, que continuou deitado em sua esteira.

— Você fará falta! — exclamou Filó chorando. — Não choro por você, meu amigo: choro por mim, pelos meus filhos. Podíamos confiar em você. O que será de nós agora?

— Ninguém é insubstituível! — exclamou Tomasa. — Tudo se ajusta. O melhor é viver fazendo o bem, como meu irmão viveu, para que, quando morreremos, todos sintam. Se formos pessoas más, ao fazer essa mudança, as pessoas se sentirão aliviadas. Sentiremos a falta dele porque podíamos confiar, escutar seus conselhos; Bastião está liberto não só do cativeiro, mas do corpo envelhecido.

— Que nosso amigo possa ir para a terra da luz! — desejou João chorando.

Dito e Nhô foram abrir um buraco na área atrás da capela reservada para os escravos. Levaram-no na sua esteira. Genaro ficou na área olhando. Todos os escravos que puderam foram

acompanhar o velho amigo até sua cova. Colocaram-no com cuidado no buraco. E, como sempre acontece, dali ele seguiria sozinho na sua viagem ou com amigos ou inimigos que conquistara e que haviam feito a mudança antes dele.

— Parece que Bastião está sorrindo! — comentou Filó.

— Sim — confirmou João —, penso que está nos dando adeus.

Quando terminaram de cobrir com terra o buraco, dispersaram, todos estavam tristes. Almoçaram e voltaram ao trabalho.

Por muitas noites, João olhava o lugar onde Bastião dormia e sentia sua falta.

“Somente sente saudades quem ama! Era o que meu velho amigo dizia.”

Pituxo veio à senzala e contou:

— Ninguém mais visita os senhores. Depois que a sinhá não recebeu bem os parentes dela, eles não voltaram. As filhas do sinhô escrevem para o pai e, pelo jeito, não querem vir à fazenda. Os parentes do sinhô, depois que ele assassinou o sobrinho, não falam mais com ele.

Tinha na fazenda um escravo, Tomé, que era mais claro. Comentavam que ele era filho de Honório, e o capataz lhe dava atenção, cuidava dele, comprou-o do sinhô, deu-lhe a carta de alforria, e Tomé ficou como empregado da fazenda. Esse moço era uma boa pessoa e estava sempre ajudando os escravos. Muitos pensavam que Honório também iria embora. Numa das idas à vila em que o capataz foi comprar mantimentos, Dito foi junto e, na volta, contou as novidades:

— Sentados em volta da fogueira, perguntei ao capataz se ele não pensava em ir embora da fazenda como fez o feitor Januário. Ele respondeu: “Não. Primeiro, o sinhô Genaro precisa de mim. Segundo, se o sinhozinho Malvino um dia vier a cuidar do Morro Alto, mandar em tudo, precisará de alguém que tente contê-lo. Não posso ir embora e deixar os escravos, os quais muitos são meus amigos, sem ter quem os proteja”.

— O capataz Honório é uma boa pessoa! — exclamou João.

— Comentamos — continuou Dito contando — sobre o sinhozinho Malvino, e o capataz contou: “Não entendo esse garoto. Na semana passada fui à casa-grande dar um recado para o sinhô e escutei o sinhozinho conversando com os quatro escravos, os meninos da casa. Ele falou: ‘Quando crescer mais, se meu pai não morrer, mato ele!’. Sem fazer barulho, afastei-me para não ser visto”. Fiquei impressionado com o que o capataz falou, mas nada comentei.

— Credo! — exclamou Filó. — Será que isso acontece?

— Penso que, infelizmente, sim — respondeu Nhô. — Alguns filhos querem receber a herança, e, entre estes, há os que podem pensar que esta está demorando a chegar e desejam assassinar o pai.

— Conte-nos as novidades da vila, você disse que eram muitas — pediu Bárbara.

— O padre morreu — contou Dito. — Aquele que vinha aqui no tempo de Sinhana. Ficou doente, disseram que por duas semanas, esteve acamado e faleceu. Sombra e a empregada, ambos alforriados pelo sacerdote, ficaram na casa cuidando de tudo. Três meses depois, chegou outro vigário. Ele trouxe quatro

escravos, se instalou na casa paroquial e colocou Sombra e a velha empregada para fora. Afirmou que não é responsável pelos alforriados, que os dois libertos que tomassem seu rumo, fossem para onde quisessem. Os dois choraram, se desesperaram. Não tendo nada, nem família, ficaram sem ter onde morar.

— Que horror! — exclamou Filó.

— É obrigação dos senhores donos de escravos cuidar deles quando velhos — disse Tomasa. — Como o sinhô Genaro tem cuidado de mim, o fez com Bastião e muitos outros que envelheceram. Alforriados são empregados e estes, quando não conseguem mais trabalhar, são dispensados.

— E como vivem? — João estava surpreso.

— Muitos passam a morar com filhos para que os sustentem — explicou Tomasa. — São poucos os que conseguem juntar algum dinheiro para a velhice ou comprar uma casa para morar.

— Quando Sombra — contou Dito — vinha com o padre nos visitar, uma vez nos contou que, numa fazenda não longe daqui, o sinhô, um tal de coronel, matava os escravos idosos para não ter de sustentá-los.

— Meu Deus! Oh, Grande Mãe! — exclamou João.

— Por que tanto espanto? — Chico riu. — Para que servimos? Nós, escravos, servimos para trabalhar; se não conseguimos mais fazê-lo, não servimos para mais nada. E por que ter de continuar alimentando-nos? Escravos são para dar lucro e não despesas. Pensando assim, alguns senhores podem abreviar suas vidas mandando-os para o céu.

— Uma vez — contou Nhô —, ao ir à vila, vimos três negros

velhos que receberam suas cartas de alforria e foram expulsos da fazenda que moravam. Esmolavam para se alimentar.

— É inacreditável! — Filó estava indignada.

— Dito, conte o que aconteceu com o Sombra — pediu Tomasa.

— O capataz Honório lhe deu dinheiro. Sombra estava triste, contou para nós que foi trabalhar com o coveiro, mora num cômodo no fundo do cemitério. Trabalha a troco do alimento.

— Coitado! Nós o invejávamos por ele ser alforriado! — Bárbara apiedou-se. — Ele era tão medroso e agora morando perto de túmulos de mortos!

— Bem que Bastião dizia que todos têm problemas — lembrou Filó.

— A velha empregada — continuou Dito contando — foi morar com uma senhora que é muito católica, foi como empregada. O padre atual é mais novo, magro, alto e tem uma voz possante. O capataz Honório comentou que não foi com a cara dele.

— Você viu os capitães do mato? — perguntou Chico.

— Vi três deles na vila — respondeu Dito —, disseram que os outros tinham ido acompanhar algum senhor em viagem. Escutei na vila que um deles teve sua casa assaltada e que mataram sua mulher e duas filhas. Foi um crime bárbaro. Não descobriram quem foi, a casa dele era um pouco afastada da vila. Falaram que esse capitão do mato chorou muito e sofreu.

— Ele já deve ter matado muitas pessoas, fez outras pessoas sofrerem; espero que ele entenda, pelo seu sofrimento, a dor dos outros — desejou Tomasa.

João aquela noite demorou a dormir.

“Grande Mãe, sinto que nosso espírito nasce num corpo de carne e morre muitas vezes; se isso não ocorrer, a Senhora não tem piedade nem é justa. Se sofrermos para nunca mais fazermos os outros sofrerem, será que estou aprendendo a viver no bem? E como sei se aprendi? Terei de provar que assimilei a lição? Espero que consiga!”

— *Isso é verdadeiro!* — João escutou uma voz lhe falando baixinho.

Primeiro assustou-se, depois se acalmou e reconheceu ser seu amigo Bastião. Ficou imóvel.

“Escuto-o, amigo!”, pensou João.

— *Essa é uma grande verdade! Nosso espírito vai e vem muitas vezes. Que Deus o abençoe!*

João abriu os olhos, viu somente seus companheiros dormindo, sorriu e adormeceu tranquilo.

Meses depois, ao retornarem à sede após mais um dia de trabalho, ficaram sabendo que era para irem ao pátio, que haveria um castigo. Tomasa contou:

— Inácio será castigado, está preso no tronco. Ele roubou aguardente do sinhô, entrou no depósito da casa, e bebeu. O sinhô mandou o feitor Amaro lhe dar dez chicotadas.

— Inácio não tem ninguém, família, aqui na fazenda; ele veio para cá comigo, foi comprado na mesma feira. Veio da África — falou João.

Foram assistir. Depois das cinco chicotadas, Amaro perguntou se alguém queria receber as outras cinco em seu lugar. João, que ao ver o castigo se segurara para não chorar,

parecia sentir as chibatadas em suas costas e falou:

— Eu!

Todos notaram o sorriso de Amaro. João tirou a camisa e fez como Bastião: foi para outro lado do tronco, levantou os braços, segurou as mãos de Inácio. Amaro o chicoteou, todos notaram que o fez com mais força. Na primeira chicotada, João sentiu arder, doer, e, instintivamente, ia abaixar os braços. Inácio segurou forte suas mãos.

— Amigo — falou Inácio em tom baixinho —, não abaixe os braços, as chicotadas neles são bem piores.

A segunda veio com força; mesmo não querendo, João gemeu, lágrimas escorreram pelo seu rosto. Esperou pela terceira e se contraiu. Parecendo estar gostando do suspense, Amaro demorou mais. O voluntário no castigo concentrou-se, não gemeu mais, recebeu a terceira. Pensou em Bastião, acalmou-se, e as outras duas vieram com força, pareciam queimaduras. Amaro contava alto; quando terminou, ordenou:

— Agora levem os dois para a senzala!

João se esforçou para não gemer, sentia muita dor, o sangue escorria pelas costas. Companheiros ajudaram os dois. Todos estavam calados. João pensou em recusar o auxílio, mas não o fez, estava tonto, e era bom receber ajuda. Inácio havia urinado nas calças. Ninguém comentou. Quando chegaram à senzala, ajudaram-no a se trocar. Tomasa e Filó os estavam esperando, as duas passaram ervas nos vergões e nos ferimentos nas costas, deram chá para beberem. Ficaram, como de costume, sem jantar. Bárbara pegou frutas para comerem.

— Por que você roubou, Inácio? — perguntou Nhô.

— Desde que experimentei aquela bebida, sinto muita vontade de bebê-la, embriagar-me — respondeu Inácio.

— Não vale a pena! — exclamou Dito.

— Fui chicoteado — Inácio estava chorando —, estou sentindo dor e, pior, sinto por ver João ferido. Também não ficarei mais na sede, volto para a lavoura.

— Sempre — comentou Filó — que alguém se oferece para receber parte do castigo, normalmente é castigado com menos força; dessa vez o feitor Amaro exagerou.

— O feitor Amaro — contou João —, desde que cheguei à fazenda, me vigia, me olha de modo estranho. Ele não gosta de mim. Talvez porque nunca fui muito esperto, tenho dificuldades para fazer minha tarefa com rapidez.

— Cada um tem seu tempo — falou Tomasa. — O importante, João, é você não ficar com raiva dele. Se ele não gosta de você e você alimenta o mesmo sentimento por ele, estará nele e em você essa energia ruim. Se você passar a gostar dele, seu sentimento bom é capaz de anular o negativo dele.

As mulheres refizeram os curativos, e todos foram dormir para driblar a fome.

Foram trabalhar no dia seguinte, companheiros ajudaram os dois para poupá-los. Amaro olhou para João e sorriu cínico; o escravo retribuiu o olhar de forma tranquila. O feitor parou de sorrir e se afastou.

À noite, Tomasa e Filó passaram ervas nos ferimentos dos dois. João falou para Inácio.

— Amigo, nunca mais faça isso, não é certo roubar. Esqueça essa bebida; pelo que me contaram, ela provoca muitas

desgraças em pessoas que se viciam.

— Bebi anteriormente por duas vezes, essa foi a terceira — confessou Inácio. — Você tem razão: aguardente, se não souber beber, ela toma conta de você; entendi isso esperando preso no tronco o castigo. É horrível ficar ali esperando. Naquelas horas que passei com os braços erguidos, concluí que já sofri por essa bebida e que deveria superar esse desejo. Prometi a mim nunca mais tomá-la.

— Agora, trabalhando na lavoura — falou Tomasa —, não terá oportunidades de estar perto da casa-grande. Porém, Inácio, se você um dia tiver oportunidade de tomar essa bebida e não o fizer, estará vencendo sua vontade.

Os escravos distraíram-se com outro assunto, e ficaram Tomasa, Inácio e João conversando.

— Tenho pensado que é bem melhor apanhar do que bater! — exclamou João.

— Eu recebi um castigo que penso ser merecido — Inácio suspirou. — Todos nós estamos cansados de saber que não podemos roubar. Roubei. Não sinto ser ladrão. Senti vontade de beber. Por Deus, não quero mais fazer isso! Não quero ser chicoteado de novo nem quero bater. Não queria estar no lugar do feitor.

— Tudo tem consequência — opinou Tomasa. — Você fez algo que não devia, teve o retorno de seu ato errado, recebeu o castigo, voltou a ser obrigado a executar uma tarefa mais árdua.

— Se tudo tem consequência, então é preferível você sofrer do que cometer uma má ação — concluiu João.

— Tomara — desejou Tomasa — que aprendamos, para não

vir a ser causa de outros sofrerem pelas nossas atitudes. O que sentimos agora? Além das chicotadas, fome, frio, temos sido privados de muitas coisas. Tenho pensado que podemos passar por muitos problemas e dificuldades para tentar compreender a vida. Sofrer maldades sem nos revoltar é sinal de que estamos despertando para um entendimento, absorvendo as lições de amor.

Aproveitando que todos estavam na senzala se preparando para dormir, João falou aos companheiros:

— Pensei que poderia agir como Bastião; sinto, agora que estou machucado, que não. Terei de me esforçar muito para aprender a ajudar. Vamos agir corretamente, obedecer às ordens, pois não temos nosso velho amigo para nos defender.

João percebeu que muitos líderes são natos e, na senzala, Dito e Nhô passaram a impor respeito, mas ele também. Os três defendiam os mais fracos, os jovens, ensinavam a trabalhar, a conviver na senzala, pacificavam e aconselhavam.

Malvino estava com treze anos, logo completaria quatorze, ele gostava da fazenda e estava aprendendo com o pai a administrá-la, ainda gostava de brincar, galopar a cavalo e apostar corridas em que sempre ganhava. Ultimamente, ele e os outros três ou quatro escravos que estavam sempre com ele saíam a cavalo disparados pelos campos.

A Fazenda Morro Alto, a sede, não ficava no centro da propriedade. A casa era voltada para o sul e nessa direção estava a maioria das lavouras. Atrás da sede havia pastos, uma pequena lavoura de café e uma grande área de terra onde estava uma mata e fazia divisa com as propriedades dos outros membros da

família do sinhô: a leste, de Eleocácio; a oeste e norte, do irmão de Genaro que falecera e que foi dividida entre três filhos. Houve brigas e até um deles fora ferido numa emboscada. Genaro ignorou, não quis saber de brigas de família.

Dito passou a trabalhar na sede e foi ele que, galopando, foi à lavoura de café e gritou:

— Feitor Amaro, é para o senhor voltar com todos para a sede. Aconteceu uma emboscada. Mataram o sinhozinho Malvino e os escravos que estavam com ele. Vou avisar os que estão na lavoura de arroz.

Dito voltou a galopar, não esperou para responder às muitas perguntas que lhes fizeram.

— Como isso ocorreu?

— Estamos sendo atacados? A fazenda está sendo invadida?

— Vocês ouviram! — gritou Amaro. — Organizem-se para voltarmos à sede. Vamos rápido!

Quando chegaram à sede, viram os companheiros que já estavam lá, assustados: uns andavam pelos pátios sem saber o que fazer; outros, os vendo chegar, foram contar a novidade.

Souberam que o sinhozinho Malvino e os quatro escravos meninos foram apostar corrida. Saíram a cavalo, foram ao pasto. Dito viu dois dos cavalos que os jovens montavam retornarem à sede sem seus montadores. Assustado, gritou pelo sinhô, que também se assustou. Genaro, dois empregados e Honório montaram nos cavalos e foram para onde os jovens tinham ido, encontraram-nos mortos. Foram assassinados a tiros. Um deles, um escravo, agonizava e disse para Honório: “Branco! Foram brancos!”. E morreu. Genaro gritou desesperado com o filho nos

braços. Chegaram mais empregados e escravos. Honório e os dois empregados procuraram para ver se viam alguém que pudesse ter assassinado os garotos. Não encontraram ninguém. Voltaram todos para a casa-grande. As mães dos meninos choravam, e a sinhá parecia louca, gritava e puxava seus cabelos. O capataz passou a organizar tudo.

Um falava, outro interrompia. Assustados, queriam dar e ouvir as notícias. Honório reuniu os escravos no pátio. Sem descer do cavalo, ordenou:

— A situação está complicada! Que vocês não nos causem problemas. Se isso ocorrer, nem castigo terá, atiro para matar. Fiquem atentos! Vou precisar de todos! Escalarei alguns para me ajudar, os outros podem ficar pelos pátios ou ir para a senzala.

Falando rápido, Honório deu ordens para alguns escravos irem às fazendas vizinhas dar a notícia, pedir ajuda para obter informações sobre quem seriam esses assassinos e avisar que o enterro de Malvino seria no outro dia pela manhã. Colocou de guarda outros escravos. João ficou escalado para ficar vigiando a frente do pomar.

Rápidos, todos foram cumprir as ordens. De onde estava, João via os jardins, a capela e uma ala da casa-grande. Viu as mães escravas chorarem, os pais também. Os quatro juvenzinhos seriam enterrados à tardinha, isso para não ser junto com Malvino.

Uma das mães com outro filho, abraçados, chorando muito, aproximaram-se de onde João estava. O mocinho falou:

— Mãe, este é o João, que recebeu a metade do castigo no lugar de Inácio.

— Talvez você possa me ajudar — disse a mulher olhando para João. — Meu filho que morreu me contou algo há dois dias e não prestei muita atenção. Escutei, não respondi e...

Ela parou de falar, o filho interferiu.

— Meu irmão disse à minha mãe que um homem conversou com ele no pasto e pediu para levar o sinhozinho até lá, no local onde estão as três árvores que formam um triângulo, que ele somente iria vê-lo e que lhe daria por esse favor, um punhal.

— Pensei que era brincadeira — contou a mãe —, estava atarefada e foi somente agora que lembrei e entendi a gravidade do que ele me falou. Eles devem, o sinhozinho e os meninos escravos, ter combinado de ir lá apostando corrida. Penso: foi sugestão de meu filho? Deveria ter contado ao sinhô ou ao capataz? E o que faço agora?

— Por favor — pediu João —, não falem disso a mais ninguém. Não se desespere pensando no que poderia ter feito. Não deu atenção primeiro porque estava com muitas tarefas para fazer, com certeza com muitos problemas. Segundo, crianças e jovens falam muito e normalmente coisas sem importância. Agora o que devem fazer é guardar isso como segredo. Se falar depois dessa tragédia, o sinhô, penso mais que será a sinhá, mandará castigá-los.

— Não quero isso! Perdi um filho! — exclamou a mãe chorosa.

— Não perdeu nada — falou João —, seu filho simplesmente foi morar noutra lugar, viver diferente, está liberto.

— Meu irmão sofria muito — contou o jovem — sendo

companheiro do sinhozinho. Estava sempre machucado, ele e os outros três que morreram.

— Se me pedem opinião, aconselho-os a não contar a mais ninguém — insistiu João.

— Somente nós três sabemos — falou o jovem. — Você tem razão, podemos ser condenados como culpados, e o castigo será com certeza severo.

— O que aconteceu não tem como mudar. A senhora teve um filho morto, está sofrendo e, se falar, pode lhe acontecer coisas piores — João preocupou-se.

— Não vamos falar — determinou o filho. — O capataz Honório está se aproximando.

— Suba nesta árvore e olhe para todos os lados — pediu João.

O garoto rápido subiu e falou:

— Nhô está voltando, vejo-o galopando na estrada.

Honório parou o cavalo perto de João, escutou o mocinho e perguntou:

— Tem certeza de que é Nhô?

— Tenho, sim, estou vendo-o — afirmou o jovem.

— Vou me encontrar com ele — Honório se afastou.

O mocinho desceu da árvore, João o aconselhou.

— O capataz não perguntou o que estão fazendo aqui. Se ele perguntar, digam que vieram ver se tinha flores no canto do pomar. Não comentem nada do que conversamos.

— Eu juro três vezes — prometeu o mocinho levando a mão direita aos lábios.

— Juro por Deus! — afirmou a mulher.

— Eu não falo! — determinou João. — Agora vão, despeça-se de seu filho, abençoe-o e peça a Deus para que ele vá para um lugar muito bom.

Mãe e filho afastaram-se e João continuou atento. De onde estava, mais tarde, viu os enterros dos adolescentes escravos. Escutou o choro da sinhá, que às vezes gritava. Genaro a colocou num quarto e à noite a deixou trancada.

João foi dormir tarde da noite, descansou poucas horas, voltou para seu posto para vigiar, ficando no lugar de um outro.

Pela manhã, vieram à fazenda alguns parentes e vizinhos. Genaro marcou o enterro para antes do almoço. Todos os escravos ficaram no pátio em frente à capela. Etelvina não foi, as sinhazinhas estavam tristes e assustadas. Depois do enterro, as visitas foram embora. Genaro deu ordens para Honório, para que ele organizasse todas as tarefas, e ele reuniu os escravos na frente da senzala e falou:

— Por três dias, farão somente o trabalho essencial, o feitor Amaro estará atento a vocês. Continuarão a vigiar a fazenda. Vou dar a alguns guardas um sino, este deverá ser tocado se o vigilante vir algo suspeito.

— O que vem a ser “algo suspeito”? — perguntou Criolo.

— Pessoas que não conheçam que estejam espionando a fazenda. Qualquer coisa que esteja num lugar que não costume estar — respondeu Honório.

Todos passaram a ficar atentos. O capataz foi com dois empregados e três escravos procurar pistas. Procuraram por todo o pasto se havia pegadas, olharam nas divisas, não encontraram nada.

À noite, os escravos conversaram.

— Amanhã voltaremos ao trabalho — falou Criolo —, a novidade é que iremos um pouco mais tarde e voltaremos mais cedo. Nesta época do ano não temos muito trabalho.

— Senti muita pena das escravas mães, sofreram com a perda dos filhos. — Filó estava penalizada.

— A sinhá continua presa no quarto — contou Dinha. — Isaura leva alimentos, ela grita, chora, joga as coisas na parede. Parece que já quebrou tudo o que podia ser quebrado no quarto.

— Os meninos escravos, sinto que estão bem. E o sinhozinho, como estará? — Bárbara queria saber.

— Para mim — comentou Filó —, o sinhô Malvino era uma pessoa que queria muito ser dono, mandar e ser obedecido. Ao ser morto, viu ser interrompido seu desejo. Talvez ele tenha sentido a morte de seu corpo. Preocupei-me tanto, senti aflição e medo de meus filhos terem-no como senhor. Tomasa me aconselhou: “Não se preocupe assim com o futuro, bastam as preocupações do presente”. E tudo mudou. Tenho me perguntando: Terá sido para melhor ou pior? Quem será nosso dono depois da morte do sinhô Genaro?

— É melhor se preocupar realmente com o presente — aconselhou Dito. — Poderemos ser atacados, haver outra emboscada e morrerem muitos de nós. Para mim — opinou —, essa emboscada foi planejada e os assassinos deviam estar vigiando a fazenda. Ninguém vai muito ao pasto, eles devem ter ficado por lá escondidos.

— Só que — falou Nhô — fui com o capataz, olhamos tudo, principalmente onde aconteceu o massacre, e não vimos sinais

que indicassem que por ali estivesse acampado alguém. Vimos somente rastros de dois cavalos que desceram pelo riacho, pararam na outra margem e, os assassinos tentaram, com certeza, apagar seus rastros.

— Os assassinos deviam saber, ou o mandante, que o sinhozinho ia muito a cavalo para aqueles lados — concluiu Dito.

— Seriam duas pessoas ou mais? — perguntou Criolo. — Poderiam ser quatro e virem montados dois em cada animal.

— Se isso ocorreu, não vieram de longe — opinou Chico.

— Um dos meninos escravos falou, ao morrer, que os assassinos eram brancos — lembrou Filó.

— Foi uma emboscada bem preparada, elaborada — afirmou Dito. — Talvez eles estivessem ali para matar quem aparecesse, poderia ser o sinhô, empregados e escravos.

— Será que foi coincidência ter sido o sinhozinho? — indagou Filó.

Comentaram por horas sobre o que poderia ter acontecido ou o que poderia ocorrer. Haveria outras emboscadas? Não chegaram a nenhuma conclusão. João ficou escutando, não falou nada, mas pensou:

“A emboscada foi para o sinhozinho. Tomara que a mãe e o irmão do garoto que levou o filho do sinhô Genaro para o local não falem nada.”

Depois, deitado na sua esteira, João continuou pensando:

“A morte do corpo pode trazer surpresas para muitas pessoas. Penso que, para os garotos escravos, tenha sido a libertação. Para o sinhozinho, como será que foi? Talvez ele

tenha ficado muito decepcionado, penso que queria muito ser sinhô, ter poderes, mandar. Talvez tenha se aborrecido e fique até revoltado. Mas, com certeza, para seu espírito, foi melhor; se já cometia atos cruéis, com certeza adulto cometeria muitos mais. Maldades enlodam o espírito e, para tirar esse lodo, são necessárias muitas lágrimas de dor. Porém, somente vencemos nossas más tendências e vícios quando temos oportunidade de desfrutar deles e os recusamos. Inácio somente poderá afirmar que não irá se embriagar se puder tomar aguardente e não a beber. Para quem comete atos de crueldade, a prova é ter oportunidade e não cometê-los. E eu? De não precisar trabalhar e me dedicar com carinho ao trabalho. Se isso ocorrer, poderei afirmar: realmente gosto de trabalhar.”

Demorou a dormir.

Uma importante mudança

Nos dias seguintes, continuaram vigiando a fazenda, além de trabalhar. Honório organizou os turnos e foi à vila com dois empregados e três escravos. Nhô o acompanhou e, cinco dias depois, ao voltar, contou a novidade.

— O capataz Honório entregou as cartas do sinhô para as filhas dele e para os parentes da sinhá. Na vila, ele conversou muito, ofereceu recompensa para quem der alguma pista sobre os assassinos. Ninguém por lá viu estranhos, não deram informação. O capataz foi saber como está a família da finada sinhá Serafina; o pai está muito doente, estão pobres e parece que eles não pensam em se vingar.

— Para muitas pessoas — opinou Criolo —, dinheiro compra tudo; no caso, lealdade. Se alguém souber de algo, para receber a recompensa, virá aqui falar.

Todos estavam preocupados, prestavam atenção, estavam realmente atentos. No domingo, João foi deitar embaixo da árvore.

“Uma vez aconselhei Bastião a dizer ao proprietário da fazenda o que ele pensava. Estou com vontade de falar com o

sinhô Genaro; se estou com vontade, é porque devo fazê-lo. O que poderá me acontecer? Ir para o tronco? Ficar preso no cômodo? Dias sem comer? Se for castigado, a dor passará. E se não falar, minha inquietação passará? Vou conversar com ele.”

Levantou-se e, andando devagar, rumou para a casa-grande; viu Genaro sozinho sentado numa cadeira na área. Aproximou-se e perguntou em tom baixo:

— Boa tarde, sinhô. Posso lhe dizer uma coisa?

Genaro levantou a cabeça e o encarou. João tremeu, porém, firme em seu propósito, abaixou a cabeça.

— Quer falar comigo, preto? — perguntou Genaro.

— Sim, sinhô, é rápido — respondeu João.

— Pois fale!

— Fomos vítimas de uma maldade; se o sinhô responder com outra maldade, com certeza receberá mais uma. E quando irá parar?

Genaro o encarou de novo, e João continuou:

— Lembro ao sinhô que tem duas filhas que estão ficando mocinhas. Como poderá protegê-las numa briga? Pense nelas.

— Preto, por que fala isso? No que pensa? — Genaro ficou curioso.

— O sinhô poderá descobrir quem foi ou foram os assassinos. Haverá um mandante? Irá lá matar alguém para depois ele vir aqui assassinar outros mais?

— O que sugere, preto? — Genaro estava sério.

— Que somente nos defendamos, vigiando e nos precavendo. Para lidar com pessoas más, tem que se pensar como elas. Será que esse sangue derramado não é o suficiente?

“Com certeza o sinhô me castigará”, pensou João.

— Você esteve vigiando. Acha que podemos ser atacados?

Responda, preto: estou ordenando.

— Penso que não — respondeu João —, a não ser que o sinhô ataque. Se fizer isso, muitos do outro lado morrerão e, se formos atacados, com certeza, muitos aqui na fazenda falecerão. Temo pelas sinhazinhas.

— Talvez isso pare — falou Genaro baixinho como se estivesse pensando —, matei um filho dele, e ele, o meu. Esse preto tem razão. Não precisa ter mais mortes. Ah, Serafina! Por que me traiu?

— Posso ir, sinhô? — perguntou João.

— Pode!

João virou e deu uns passos. Parou ao escutar Genaro.

— Como você se chama?

— João.

— Foi você que recebeu a metade do castigo de Inácio? — Genaro quis saber.

— Sim, sinhô.

— Quero você trabalhando na sede. Vou dar a ordem para Honório. Pode ir!

João ficou contente, não só porque trabalharia na sede, mas porque falara o que sentia para Genaro. Entendeu que aquele que recebia metade do castigo do outro era, de certa forma, respeitado. À noite, Honório entrou na senzala e comunicou:

— O sinhô ordenou que João passe a trabalhar na sede, não irá mais para a lavoura.

Ao ser indagado o porquê, disse que talvez fosse por estar

velho.

No outro dia cedo, viu seus companheiros irem para as plantações e foi para a sede com Nhô e Dito; os dois, há tempos, trabalhavam na sede. Honório explicou sua nova tarefa.

— Irá carpir o jardim, buscar água quando lhe pedirem, consertará a estrada e aprenderá a tratar dos animais. Fique sempre atento, grite se vir algo estranho ou alguém pela fazenda que não conhece.

João gostou de sua nova tarefa, almoçava na senzala, comia melhor e quente. Fazia com atenção seu trabalho e com capricho. Sentia dores nas costas carpindo, mas não se queixava, somente dizia a Tomasa, que lhe dava chás e emplastros de ervas para passar. Na nova tarefa, passou a participar mais da vida dos senhores. Etelvina, como as escravas diziam, “perdera o juízo”, enlouquecera, ficara enferma, não saía mais do quarto. Genaro a colocou num cômodo do lado direito da casa, perto da cozinha, mandou pôr grades de madeira nas janelas, e ela ficou trancada lá. Levavam alimentos três vezes por dia, e ela comia, porém normalmente jogava restos de alimentos nas paredes, quebrou tudo o que podia, batia violentamente nas escravas. Duas vezes por semana, Tomasa fazia um chá de ervas bem forte para acalmá-la; Etelvina ficava sonolenta, entravam no quarto cinco escravas. Tomasa e outra cuidavam dela, limpavam-na, trocavam suas roupas, davam alimentos em sua boca. As outras mulheres rapidamente limpavam o quarto. Às vezes Genaro ia olhá-la ou as filhas, que, ao verem a mãe daquele jeito, choravam. A senhora da casa tinha crises, gritava e falava com o filho.

— Será que a sinhá vê o filho? — João perguntou a Tomasa.

— Penso que não — respondeu a velha escrava. — Penso que a sinhá, por ser tão rancorosa, não ter piedade, fez de si uma pessoa propensa a ser enferma. Quando o filho morreu, surtou; não havendo tratamento, está assim, doente.

As sinhazinhas saíam pouco da casa-grande. Genaro temia que elas pudessem sofrer um atentado. Quando tudo voltou ao normal, para alívio de todos, Genaro decidiu dispensar os dois capitães do mato que estavam na fazenda e resolveu não contratar mais nenhum pistoleiro. Os vigias seriam alguns escravos e empregados. Decidiu também não investigar mais.

“Isso é bom”, João ficou aliviado, “com certeza o sinhô não quer brigas”.

Com a morte do irmão de Genaro que era proprietário da fazenda que fazia divisa ao norte, os três herdeiros, após brigarem, dividiram a fazenda. Albino, um dos sobrinhos, ficou com as terras da divisa, tornando-se vizinho. Genaro escreveu convidando-o para ir à fazenda. Albino foi com seus dois filhos mocinhos. A visita foi agradável. João recebeu ordens para ficar perto da área da casa e ficar atento. Era para carpir em volta da mureta. Escutou tio e sobrinho conversarem.

— Vou, titio, à fazenda do tio Eleocácio e farei o que me pede. Vou dizer que o senhor desistiu de procurar os assassinos que causaram as mortes. Tentarei saber se ele tem algo a ver com esses assassinatos.

Ouviu de Albino, sete dias depois:

— Tio Genaro, fui bem recebido na fazenda do tio Eleocácio e contei a ele o que combinamos. Titio ouviu calado e comentou:

“Melhor, temia que Genaro pensasse que eu tivesse algo a ver com aquelas mortes. Não tenho! Não sei quem foi. Pensei somente que se ele matou meu filho, alguém matou o dele”.

Genaro agradeceu ao sobrinho e passou a recebê-lo na fazenda, assim como passou a ir à casa dele. João, numa tarde, ao limpar a área, ouviu-o comentar:

— Albino mora numa casa pequena. A sede ficou para seu outro irmão. Esse meu sobrinho é trabalhador e está ensinando seus dois filhos a trabalharem.

Genaro contratou uma professora da vila para dar aulas de etiquetas para as filhas. Honório foi buscá-la, e ela veio com uma filha mocinha da idade das garotas e com o marido.

Isaura comentou:

— Essa senhora ensinará às sinhazinhas o que a mãe delas deveria ensinar.

João muitas vezes viu as juvenzinhas pelo pomar, no jardim e ficarem na área conversando. As três jovens tornaram-se amigas e eram sempre vigiadas por dois empregados e pelas escravas da casa. Numa tarde, as garotas decidiram andar a cavalo. Um empregado trouxe três animais dóceis. Quando a garota visitante montou, o cavalo empinou. João, que estava perto, pulou, pegou-o pelo cabresto, segurou, e o cavalo empinou novamente, levantando-o. O empregado conseguiu tirar a mocinha do arreio, e o animal jogou João no chão. As sinhazinhas gritaram e vieram correndo escravos, empregados e Genaro. Anastácia contou ao pai o que acontecera.

— João, você se machucou? — perguntou Genaro.

Ele levantou devagar.

— Não quebrei nada, tive somente uns cortes — respondeu João.

— Meninas, vão para a casa — ordenou o proprietário da fazenda. — Dito, recolha os animais. João, vá para a senzala, pedirei para Tomasa lhe fazer curativos, está dispensado do trabalho por cinco dias.

Um escravo ajudou João a ir para a senzala, e Tomasa limpou seus ferimentos. Três dias depois, sentindo-se bem, voltou ao trabalho. À tarde, Chico ironizou:

— João, seu bobão! Se podia, por ordem do sinhô, ficar mais dois dias descansando, por que foi trabalhar?

João não respondeu, mas se alegrou intimamente.

“Se estou bem, quis trabalhar; penso que não o faço mais por obrigação, mas por gostar.”

Dias depois, João carpia a estrada e estava distraído, quando escutou:

— O que carrega, preto moleque?

Primeiro pensou que o feitor Macedo falava com ele; levantou a cabeça e viu que era com um jovem que, assustado e com medo, não respondera. O feitor levantou o chicote e, com força, bateu no mocinho. João instintivamente protegeu o garoto com seu corpo e sentiu a segunda chicotada, a terceira e a quarta.

— Saia da frente, preto velho! Saia! — gritou o feitor.

— Pare! Pare!

João escutou vozes femininas, olhou e viu as duas sinhazinhas e a filha da professora virem correndo pedir para o feitor parar. Com os gritos das garotas, empregados, escravos e

Genaro vieram apressados.

— Não bata mais neles, feitor! — ordenou Anastácia.

João ainda estava na frente do mocinho.

— O que aconteceu aqui? — Genaro perguntou e olhou para o garoto.

— Eu... eu... — o menino não conseguia falar.

— Fale você, João! — mandou Genaro.

— Estava aqui trabalhando quando o feitor começou a chicotear Joanito e entrei na frente. Não sei de mais nada.

— Papai! Por favor, posso explicar? — pediu Marcila.

— Fale! — Genaro permitiu.

— Joanito não fez nada de errado. Estávamos conversando nós três no pomar. O capataz ordenou que Joanito subisse na laranjeira e colhesse frutas para nós. Ele contou que nasceu um porquinho com um calombo na testa parecendo um chifre e que tinha uma orelha maior do que a outra. Pedimos para ele ir buscar o leitão para vermos. Esperaríamos na área.

João olhou para Joanito, e todos também o fizeram; protegido em seus braços, estava o leitãozinho.

— Minha filha — falou Genaro —, você deveria primeiro ter falado com Honório, e ele que deveria ter ordenado a Joanito buscar o leitão.

— Desculpe-me, papai!

— Dito — ordenou Genaro —, pegue o leitão e acompanhe as sinhazinhas até a área. Deixe que elas vejam o animalzinho, depois o leve de volta ao chiqueiro. Nhô, acompanhe João e Joanito à senzala, que Tomasa cuide deles e fiquem três dias de folga. Macedo, me espere no escritório, irei falar com você.

Foram para a senzala, a ponta do chicote atingira a face esquerda de Joanito, que sangrava; ele estava de camisa de tecido fino, e suas costas também sangravam. João estava de colete e não se machucou muito.

— Por que você não respondeu quando o feitor perguntou?

— João quis saber.

— Eu... eu...

— Joanito, sempre que está nervoso, gagueja — explicou Nhô.

Tomasa foi e limpou os ferimentos. Joanito chorou e, gaguejando, lamentou:

— Não pensei que, ao fazer o que as sinhazinhas pediram, fosse ser chicoteado. Queria tanto ter mostrado para elas o leitãozinho. Foi injusto!

Naquela noite comentaram o assunto, e Dito contou:

— O sinhô Genaro chamou a atenção do feitor Macedo, ele não gostou, e o sinhô o despediu. Graças a Deus, esse feitor recém-contratado, que me pareceu gostar de usar o chicote, amanhã cedo irá embora.

João resolveu, no outro dia, ficar na senzala, não era tanto pelos vergões, mas porque queria ficar sozinho. Joanito foi pescar, ele se esqueceu da injustiça e quis aproveitar seus três dias de folga.

Sentindo-se bem, João voltou ao trabalho no segundo dia. Foi carpir os caminhos do jardim, Genaro chamou-o, ele estava na área da casa. O escravo aproximou-se.

— Não era para voltar depois de amanhã? — perguntou Genaro.

— Era, sim, sinhô — respondeu João. — Preferi voltar, não gosto de ficar sozinho na senzala e descobri que gosto de trabalhar, pois o tempo passa rápido.

— Você não hesitou em pular na frente do cavalo para evitar que a filha da professora caísse e em ficar na frente do menino e receber as chicotadas. Por que fez isso? Gosta de seus senhores?

— Estou aprendendo a amar a todos.

— Defenderia-nos? — Genaro quis saber.

— Sim, sinhô, penso e quero defender todos.

— Quero você próximo à casa, vou falar com Honório. Você veio da África, não foi?

— Vim sim, sinhô — respondeu João —, de uma aldeia longe. Nem sabia que lá se chamava África. Fui preso, vi amigos, parentes e minha esposa serem mortos. Deixei duas filhinhas, que foram para a aldeia de minha sogra.

— Como sabe? — Genaro se interessou.

— Estava sendo amarrado quando minha sogra falou, para que eu escutasse, que ia levar as meninas com ela.

Genaro prestava atenção, e João contou o que acontecera, falou da viagem, onde foi negociado, sua vida na fazenda e terminou:

— Sinhô, faça as pazes com seu filho, escreva para ele enquanto pode, reúna sua família. Eu nem posso escrever, lá não tem endereço como aqui. A aldeia da montanha é de difícil acesso. Não sei escrever, nem eles e ainda falam outro idioma.

— Suas filhas devem estar moças — comentou Genaro.

— São adultas, devem ter filhos! — João suspirou.

— Este preto tem razão — falou Genaro para si mesmo. —

Tenho saudades de Leôncio, sei dele pelas minhas filhas. Vou escrever uma carta a ele propondo a paz.

João se afastou devagar, não queria ser indiscreto, Genaro não falava mais com ele, mas consigo mesmo.

À noite, Honório deu a ordem:

— O sinhô Genaro quer que você, João, trabalhe perto da casa-grande. Irá carpir em volta da casa e que fique sempre atento a tudo.

O trabalho de João tornou-se bem mais ameno, ficava a maior parte do dia na sombra, ele entendeu que Genaro confiava nele e que defenderia qualquer um da casa-grande.

Numa tarde, João estava limpando as cadeiras da área quando se aproximou dele a escrava mãe que tempo atrás fora procurá-lo junto de seu filho mais velho, para lhe pedir orientação. Ela simplesmente falou:

— Obrigada!

João sorriu, e os dois se olharam; naquele momento entenderam que guardar segredo fora a atitude certa.

João se sentia velho, passou a ter dificuldades para enxergar detalhes e sentia muitas dores pelo corpo, principalmente nas costas.

Ele escutava muito os gritos de Etelvina. Um dia a viu, a janela estava aberta, as escravas limpavam o quarto, e ela estava sentada numa poltrona: magra, cabelos brancos e ralos, parecia alheia, olhava tudo com indiferença. João se apiedou.

A professora foi embora e Albino passou a vir com frequência com os dois filhos à fazenda. Os quatro jovens conversavam muito, se entendiam, sentavam-se nas cadeiras da

sala, ficavam na área e às vezes caminhavam pelo jardim.

Genaro tornou-se amante de uma escrava, Luzia, e a colocou para morar sozinha numa casinha. Era ela mãe de três moços e não estava mais na idade de procriar. João concluiu que seu dono fizera isso para não correr o risco de ter filhos mestiços. Ele deu à escrava uma carta de alforria, ela somente fazia o serviço de sua casa, e ele colocou os filhos dela em trabalhos mais leves, na sede.

Chegou mais um Natal, Pituxo disse que o ano-novo seria 1823.

— Faz vinte e três anos que estou aqui na fazenda! — exclamou João.

As festas foram agradáveis. Chico reclamou:

— A carne que nos serviram estava sem tempero!

Ele sentou-se perto de João.

— Chico, faz vinte e três anos que o conheço, e você, nesse tempo, só reclama.

Nhô, que ouviu a conversa, sentou-se perto deles e opinou:

— É verdade. Você, desde que veio para a senzala, reclama. Delatou, foi causa de discussões, está sempre mal-humorado. E não tomou nenhuma providência em relação a isso.

— O que você queria que eu fizesse? — Chico perguntou em tom agressivo. — Fugisse para ser capturado, chicoteado e não ter ninguém para dividir comigo o castigo?

— Quando — respondeu Nhô — não estamos gostando de um período em que vivemos, pelos múltiplos problemas, devemos tentar solucioná-los ou, se não tivermos como, pelo menos não piorá-los. Eu aceitei a forma que vivo. Também não

sei como é viver de maneira diferente.

— Não sabe como é a vida dos senhores? Não vê como eles vivem? — perguntou Chico.

— Pouco sei sobre como eles vivem — respondeu Nhô —, mas sei que têm problemas. A vida não é somente trabalhar menos e comer melhor, existem muitas outras coisas. Penso que seria bom não ser escravo, ter tido uma companheira, amar e ter filhos. Se isso ocorresse, com certeza, teria também momentos difíceis, porque todos nós morremos; crianças, escravos e pessoas livres, todos adoecem, e nada dura sem trabalho. Por que não tentou fugir? Porque não tinha planos e fez bem. Não é fácil encontrar um quilombo, e a vida lá também é difícil. Sua vida poderia, sim, ter sido mais fácil se você não invejasse. A inveja é um sentimento ruim de comparação e, normalmente, comparações são extremamente desagradáveis. Por que ele e não eu? Recebi isso e o outro, muito mais! Aquele é assim e eu não! Isso só lhe fez mal e o tornou antipático.

— Chico — aconselhou João —, pense no que Nhô lhe falou. Você também está velho e continua na lavoura. Se temos de passar por dificuldades, é melhor seguir caminhando; driblamos a dor se a encararmos sorrindo. Mas, se preferir passar por elas lamentando, é como caminhar de joelhos, tudo se torna mais difícil, e piora se nos arrastarmos pelo chão.

— Se compararmos — falou Nhô — as pessoas aqui na senzala, podemos dizer que Bastião caminhou com passos seguros tentando ajudar os outros a caminhar. É o que nós três, João, Dito e eu, estamos tentando fazer. Outros estão andando ajoelhados porque não aguentam o peso dos tropeços da vida, e

— você, Chico, consegue entender como está caminhando?

— Penso que me arrasto e tento derrubar alguns para que se arrastem também — Chico lamentou.

— Você tem ainda tempo, mude! — pediu Nhô.

— Seja amigo, tente ajudar. Quando ajudamos os outros a se levantarem, temos primeiro de ficar de pé — concluiu João.

— Vou tentar — afirmou Chico.

Calaram-se. Viram um jovem recém-chegado à senzala tentar fazer sua esteira. Chico levantou-se e se ofereceu:

— Não é assim que se trança. Vou lhe ensinar.

Nhô e João sorriram ao ver Chico se aproximar do jovem e o ajudar.

João estava contente trabalhando na sede; ali podia estar atento a todos. Gostava das sinhazinhas, passou a gostar de Genaro e a querer bem Amaro. Quando isso ocorreu, sentiu que o feitor parou de implicar com ele. Estava sempre sorrindo, lembrava-se sempre de Bastião e tentava ajudar, animar, consolar a todos. Aquela mudança lhe fez bem, não só a do trabalho, mas a de seu humor, por ter conseguido parar de reclamar. Agindo diferente, passou a sentir as coisas boas que o rodeavam, como o sorriso das crianças, o olhar de gratidão, a alegria alheia e as belezas da natureza. Passou a amar tudo e todos.

“Isso que é mudança!”, pensou. “É a mais importante mudança que fiz, talvez seja mais do que a que farei quando meu corpo de carne morrer. Se eu morrer agora, com certeza continuarei pensando do mesmo jeito, estarei com bom humor e amando a todos. Com certeza essa é a melhor mudança que

ocorreu comigo.”

Sentia pena da senhora e, quando a escutava, orava por ela, pensava que estava doando à dona da casa coisas boas, imaginava uma luz brilhante a iluminando. Notou que quando fazia isso Etelvina parava de gritar.

Honório, dois empregados e dois escravos foram à vila e levaram muitas correspondências.

João escutou Genaro e Albino conversando na área e sorriu ao escutar:

— Está dando certo nosso plano. Nossos filhos estão apaixonados! — exclamou Genaro contente.

— Isso é bom demais! — suspirou Albino. — Não quero forçar nenhum dos meus filhos a se casar.

Semanas depois, Genaro recebeu cartas das filhas e do filho. João o viu chorando. Aproximou-se pensando em ajudá-lo.

— João! Meu filho Leôncio respondeu à minha carta! Estou contente! Ele escreveu sete folhas! Contou que mora numa casa grande e bonita, tem cinco filhos, quatro casados, e nove netos. Tem um cargo importante no império e é abolicionista. Ele está bem e ficou contente por eu ter lhe proposto a paz. Agora vou me corresponder sempre com ele.

— Que bom, sinhô! — exclamou João com sinceridade.

— Segui o que falou e estou contente por ter tido coragem e escrito a ele. João, você deve ter escutado: vamos, Albino e eu, casarmos nossos filhos. Ele tem dois filhos e três filhas, duas já estão casadas. Não queria a fazenda Morro Alto muito dividida. Meus outros filhos estão bem e nenhum deles irá querer vir para cá. — Genaro, falando mais para si, continuou. — Vou pegar

parte do pasto, os cafezais do norte, há plantações novas e mais velhas, e dar para Marcila, fazer para ela uma casa bonita, confortável, perto da divisa, para morar com o marido. Anastácia morará aqui, vou reformar a casa, dividir; ela ficará com a melhor parte para ter privacidade, somente a cozinha será comum.

— Sinhô — disse João assustando Genaro —, dividirá tudo entre as duas? E os outros filhos?

Genaro o olhou, pensou por momentos e perguntou:

— Bastião, o que você sugere?

João percebeu que Genaro trocou seu nome e respondeu falando devagar e em tom baixo.

— O sinhô tem outros filhos. Por que não dividir com os outros?

Genaro novamente falou o que pensava.

— Posso perguntar a Isabel e Leôncio se eles querem alguma coisa. Os dois são ricos. Para Maria e Joaquina, o que receberem será, com certeza, útil. Vou escrever para Leôncio e Isabel e se a resposta deles é que não estão precisando, darei minhas reservas, tenho dinheiro, para as duas. Já separei o que gastarei nas reformas das casas, para fazer a outra e para os casamentos.

— Posso ir, sinhô? — perguntou João.

— Pode, você me deu uma boa ideia. Vou escrever cartas.

À tarde, naquele dia, vieram avisar que Eleocácio morrera.

Genaro preferiu não ir ao enterro.

— Que os capetas o carreguem para o inferno! — desejou Chico.

— Companheiro — pediu João —, não deseje mal a ninguém, metade do que desejamos aos outros fica em nós.

— Metade não — interrompeu Dito —, penso que o dobro.

O inverno daquele ano foi ameno. Nos primeiros dias de frio, Genaro perguntou a João.

— Está sentindo frio?

— Sim, sinhô. Não gosto desta época. Gosto da colheita, quando começar quero ir uns dias. Mas o frio castiga.

— Vou mandar Honório comprar cobertores, roupas mais quentes para vocês.

Quando Honório trouxe o que o patrão havia pedido, foi uma alegria; receberam primeiro as crianças, as mulheres e os idosos. Mas todos receberam. Quando João viu Genaro na área, aproximou-se.

— Sinhô, muito obrigado!

— Não fiz mais do que a minha obrigação, preto Bastião.

João se afastou e ficou pensando.

“Por que será que pela segunda vez o sinhô me chamou de Bastião? Confundi-se? Será porque costumava conversar com meu amigo?”

Foi procurar Tomasa e, quando a viu, a cumprimentou contente.

— Gosto do seu sorriso — disse a velha amiga. — Você mudou e para melhor.

— Gostei da minha mudança. Espero melhorar mais ainda.

Contou a ela que Genaro o chamara de Bastião.

— É que meu irmão — explicou Tomasa — vem muito à fazenda. Se ajudava quando no corpo de ossos e carne, ainda

tenta fazê-lo em espírito. Com certeza tem ficado perto de você, que era amigo dele.

— Para me ajudar a ajudar! — exclamou João.

— É isso aí — afirmou Tomasa.

Sentindo a presença do espírito amigo, os dois sorriram contentes.

Os casamentos

João escutou Genaro dando ordens ao capataz.

— Honório, vá à vila, tente contratar mais dois empregados; quero outro feitor, mas escolherei entre os empregados, não o quero mole nem carrasco. Você, dessa vez, irá fazer muitas coisas, prepare-se para viajar, leve três empregados e quatro escravos. Irá comprar muitas coisas.

O capataz se afastou, e Genaro falou:

— João, fiz novamente o que me sugeriu. Escrevi para meus filhos e estou contente com as respostas. Leôncio informou que, graças a Deus, não precisa. Penso que ele é mais rico que eu. Isabel também não quer nada e afirmou que gostaria de ver sempre a Fazenda Morro Alto como ela a conheceu, sem muitas divisões. Tenho dinheiro e dividi entre Maria e Joaquina. Honório irá levar títulos para elas resgatarem; minhas filhas receberão uma boa quantia. Penso que assim todos ficarão contentes. Pelo menos, tentei ser justo.

João sorriu contente. Começou a compreender o que Bastião sentia; quando se ajuda alguém, fica-se tranquilo e em paz.

Numa tarde, Anastácia andava pelo jardim. João, que estava

sempre atento a todos que circulavam por ali, ficou a olhando. A mocinha parou assustada. Ele correu até ela e viu uma aranha em posição de ataque para picá-la. O velho escravo jogou com força a enxada na aranha e a matou. Depois, ajudou a mocinha a ir para a área e pediu a uma escrava para lhe dar água. Duas horas depois, Genaro o chamou.

— João, quero que continue assim, cuidando de todos por aqui. Quero lhe dar um presente. O que quer?

João pensou e não achou nada que quisesse para si. Respondeu:

— Que no ano que vem o sinhô compre novamente mais agasalhos.

— Para você?

— Se possível, para todos.

Genaro riu.

— Sinhô — disse João —, tem tido por aqui muitas aranhas, o sinhô poderia ordenar que as matemos. Um escravo na semana passada foi picado por uma aranha pequena e seu pé ficou inchado e vermelho, ele sentiu muitas dores.

— Vou dar a ordem que, por dois dias, não vão para as lavouras, nesta época tem pouco serviço; ficarão na sede para ir ao galpão, pomar e jardim. As mulheres vão limpar a casa-grande, quero tudo limpo e sem aranhas.

Todos gostaram de fazer algo diferente e mataram muitas aranhas e cobras.

Foi contratado na vila um construtor que foi à fazenda com empregados, alguns alforriados e escravos para trabalhar nas construções. Dividido em grupos, uns reformaram a casa-

grande e logo acabaram, indo se reunir aos outros. O segundo grupo reformou a casa de Albino, e o maior foi construir a casa onde residiriam Marcila e o marido.

Numa noite, Tomasa ficou com uma escrava que estava em trabalho de parto. A criança nasceu morta. João fez um chá e deu à velha amiga.

— Vá descansar, Tomasa!

— Não estou cansada, somente chateada. Obrigada pelo chá.

— Você queria ter salvado a criança! — falou João.

— Ainda bem que salvei a mãe, Zazá tem mais três filhos. Seus partos são difíceis, mas esse se complicou mais.

— Tivemos neste mês três mortes na fazenda. Primeiro o filhinho de um empregado. Bárbara, nossa velha amiga, e esse neném.

— Quando se vive mais, vemos as pessoas à nossa volta morrer — disse Tomasa. — Infelizmente, por aqui morrem muitas crianças, e são poucos que ficam idosos. Quantos anos você tem, João?

— Não sei. Quando cheguei aqui, foi antes do ano de 1800, pensava que tinha vinte e três anos, mas contávamos os anos de forma diferente. Estamos em fevereiro de 1825.

— Quarenta e oito anos. Está idoso! Eu tenho cinquenta e sete — Tomasa sorriu.

— Você não aparenta ter tudo isso. Parece mais nova do que eu. Tomasa, como está a sinhá Etelvina?

— Muito doente. Está magra, tem gritado menos e, por não ter mais tanta força, não agride tanto as mulheres que cuidam dela. Ela fica sentada ou deitada. O sinhô Genaro ordenou que

quando as sinhazinhas forem casar, ele quer que tudo dê certo nesses casamentos, e quando as visitas estiverem na casa-grande, é para eu dar mais chás para ela. Respondi que esse chá não pode ser bebido em excesso porque pode ser prejudicial. Ele ouviu e falou: “Tomasa, o que mais pode ser prejudicial a Etelvina? Dê o chá, não quero que convidados escutem gritos, porque, com o barulho, ela pode se agitar. E, se ela morrer durante as festividades, que você a enrole em lençóis e não fale nada. Cuide dela para mim. Nada deve atrapalhar os casamentos de minhas filhas!”.

— Deus permita que ela não morra na festa! — desejou João. — Nem antes nem durante.

— Cuidarei bem dela, espero que não precise esconder o cadáver.

João enterrou o neném assim que se despediu de Tomasa.

Os trabalhos de construções estavam adiantados. Os jovens iriam se casar no final do mês de abril, antes da colheita. Todos estavam entusiasmados com esses casamentos, e os noivos, felizes.

“Ainda bem que esses casamentos não estão sendo forçados. Os jovens parecem enamorados”, pensou João.

Na sexta-feira, quando os trabalhadores voltaram da lavoura, dois escravos jovens vieram amarrados pelos pulsos, ficaram no pátio, e os outros escravos também. Os comentários eram muitos. João aproximou-se e viu que os dois estavam machucados.

— O que aconteceu? — João quis saber.

Foi outro quem contou:

— Os dois começaram a discutir durante o trabalho, pedimos para eles pararem, porém continuaram. Da discussão passaram a trocar socos, estão machucados por isso. O feitor Felix foi apartar a briga, foi atingido por socos e machucou a testa. Aí ele deu um tiro de garrucha para o alto. Assustou a todos. Amarrou os dois pelos pulsos e os deixou amarrados longe um do outro até virmos embora. O feitor foi falar com o sinhô, quer castigá-los no tronco.

— Divida o castigo comigo, João, por favor — pediu um dos briguentos.

— Faça comigo, estou mais machucado — falou o outro.

— Temos tantos problemas. Por que não seguem os conselhos dos mais velhos e não brigam?

João falou e foi para a casa-grande, encontrou Felix e Genaro conversando.

— Sinhô, por favor — pediu João.

— Felix, espere no pátio, irei ver o castigo — ordenou Genaro e, quando o empregado saiu, fez sinal para João se aproximar. — Fale, João!

— Os dois brigaram, são jovens imprudentes e cheios de energia que brigam por qualquer motivo. Eles estão machucados.

— Desacataram o feitor, não os posso deixar impunes.

— Entendo e concordo — falou João. — Peço-lhe que não deixe o feitor Felix castigá-los. Peça ao capataz ou ao feitor Amaro.

— Honório não gosta de castigar. Posso saber o porquê do pedido?

— O feitor Felix está irado e os castigará com força, o feitor

Amaro já está velho e com certeza suas chicotadas não machucarão tanto.

Genaro levantou-se e foi para o pátio, João foi atrás. No pátio estavam quase todos os escravos da fazenda. Calaram quando o proprietário chegou. Ele falou alto:

— Vocês sabem que não quero brigas, porém não me intrometo em discórdia de vocês. Estão aqui porque deveriam ter obedecido a ordem do feitor Felix para parar de trocar socos. Receberão cada um dez chibatadas e pelo feitor Amaro.

Genaro cruzou os braços, iria ver o castigo. Felix tinha a certeza de que seria ele a chicotear os dois escravos, decepcionou-se, afastou-se do meio e ficou atrás de Genaro. Amaro amarrou os dois escravos de frente um para o outro. Deu as cinco chicotadas no primeiro e, como João pensou, ele não estava muito interessado em castigar e, por estar idoso, já não tinha muita força e também Amaro achava que brigas entre escravos deveriam ser resolvidas entre eles. Depois das cinco, perguntou:

— Alguém quer receber as outras cinco no lugar dele?

João se adiantou.

— Você irá querer receber as cinco do outro também? — perguntou Genaro sorrindo.

O velho escravo afirmou com a cabeça. Genaro continuou a falar:

— Cinco de um, cinco do outro. O pacificador irá receber mais do que os briguentos. Vocês dois não têm vergonha? Veja no que a discussão de vocês resultou. Vou concordar, porém João não tirará o colete nem a camisa e receberá somente cinco.

Todos os três receberão cinco chicotadas. Prestem atenção: não quero mais desobediência! Quando um feitor dá uma ordem, é para cumprir. Se vocês dois brigarem de novo, receberão vinte chicotadas, e este castigo não deverá ser dividido.

Amaro deu as cinco chicotadas no outro e João ficou na frente de um deles, levantou os braços e recebeu as outras cinco. Amaro, dessa vez, chicoteou com menos força ainda.

— Aproveito — disse Genaro — que estão reunidos para falar que nos casamentos de minhas filhas receberei visitas, quero que se comportem. Se isso não ocorrer, o insubordinado será preso no cômodo. Depois analisarei o ocorrido; se for algo sério, o castigo será grande e não deixarei ser dividido. Porém, se vocês se comportarem, terão no dia do casamento alimentos saborosos. Quando as visitas forem embora, terão dois dias de folga e festas. Agora vão para a senzala e ajudem os castigados. E não ficarão sem jantar.

Os escravos foram para a senzala. Tomasa cuidou dos três.

— Tenho somente uns vergões — disse João. Olhou para os dois e pediu: — Espero que isso não ocorra mais.

— Se João não tivesse pedido para o sinhô, o feitor Felix os teria chicoteado e aí, sim, estariam feridos — falou Tonho.

Os dois agradeceram.

— Companheiros — pediu João —, por favor, vamos seguir as orientações do sinhô, será muito bom ter dois dias de folga e festas.

— Espero que ninguém faça nada de errado e prive todos dessa festa; se isso ocorrer, ficaremos todos contra e ai dele — ameaçou Chico.

Todos estavam empenhados em se comportar e passaram a falar dos casamentos.

— As noivas vestem roupas bonitas.

— Os convidados também.

— Com tantas visitas os trabalhadores da casa-grande terão muito serviço. O sinhô prometeu que, se eles se comportarem e tudo der certo, ele dará um prêmio.

— O que será?

— Dinha falou que serão roupas, folgas e até dinheiro.

Os escravos se entusiasmaram, aguardaram os casamentos com ansiedade.

Dois dias depois, pela manhã, João estava carpindo em frente da casa-grande quando viu dois meninos correndo chamando por Tomasa.

— O que foi? — respondeu Tomasa saindo da cozinha e indo para a área.

— Venha correndo, “veia” Tomasa — pediu um dos meninos. — Martira ficou louca, pegou o nenezinho de Tiana e o jogou no chão. Corra lá!

Tomasa e os garotos correram. Genaro escutou e ordenou:

— João, vá lá ver o que está acontecendo. Você também, Honório.

Os dois, andando rápido, foram à senzala das mulheres. Tiana, uma jovem escrava, tinha tido um filho havia dois dias. Quando chegaram, Tomasa estava com o neném no colo, e ele estava inerte.

— Vou cuidar dele — falou Tomasa —, está em estado grave. Deve ter fraturado vários ossos. João, segure Martira.

As crianças tentavam segurar Martira. João a olhou.

— Sossegue, mulher! — pediu.

Chegaram dois empregados, amarraram os pulsos de Martira, puxaram-na, a levaram para o pátio e a prenderam no tronco. Martira gritava como louca.

— Está vendo o que acontece quando se rouba o homem de outra? — xingava.

No tronco, sabendo que não estava sendo ouvida, calou-se.

João ficou parado olhando, viu que as crianças estavam assustadas, e Tiana, desesperada. Porém, reparou que a senzala das mulheres era bem limpa, havia até vasos de flores. Tomasa passou a cuidar do neném, a velha escrava orava e, com cuidado e carinho, o colocou no local que servia de cama.

— Como ele está? — perguntou João.

— Está desacordado, teve muitas fraturas, tem um afundamento na cabeça. Vou enfaixá-lo e somente eu irei pôr as mãos nele. Pedirei para Filó fazer chá para ele, para amenizar suas dores. Penso que será isso que poderei fazer por esta criança.

— O chá não lhe fará mal? — João estava preocupado.

— Como deixá-lo sentir muitas dores?! — Tomasa suspirou, estava muito triste. — Se ele sobreviver, ficará com muitas sequelas.

Tiana estava assustada e, a pedido de João, contou o que aconteceu:

— Estava aqui com meu filhinho, Martira entrou e pediu: “Posso ver seu neném?”. Aproximou-se e rápida pegou meu filhinho, levantou-o e o jogou no chão. Gritei, e as crianças nos

cercaram. Eu me abaixei e o protegi com meu corpo. Martira me chutou e socou, os meninos a arrastaram para fora.

João voltou à casa-grande, o sinhô o aguardava na área; Anastácia estava com o pai. Ele contou o que acontecera.

— Que triste! — exclamou Anastácia. — Pai, eu não quero uma pessoa assim na fazenda.

— Sinhô — disse João —, Martira está presa no tronco. O sol já está forte; se ela ficar lá o dia todo, não aguentará o castigo.

Genaro pensou um pouco. Depois chamou dois empregados e ordenou:

— Tirem a negra do tronco, levem-na para o galpão, deixem-na amarrada pelas mãos. À tarde, quando todos os escravos chegarem, como é costume, ela receberá dez chicotadas. Martira será vendida. Quincas — falou a um dos empregados —, vá à fazenda do meu sobrinho José; ele amanhã irá para a vila, na feira, comprar escravos. Pergunte a ele se leva essa escrava e a vende.

Os empregados foram cumprir as ordens. Anastácia perguntou a João.

— Você irá se oferecer para receber a metade do castigo dessa escrava?

— Não — respondeu o velho escravo.

— Por que não? — Genaro quis saber.

— Sei que aqui, nesta fazenda, graças a Deus, não tem castigo injusto. Para que exista ordem, é importante seguir regras. Mas, às vezes, um dos meus companheiros se exalta e briga, rouba uma aguardente, são pequenas faltas... Esta, para o

meu entendimento, foi grave, ela fez uma maldade.

— Você está certo — Genaro concordou —, dez chicotadas é pouco, vou dar ordem para que ninguém divida com ela, mas decidi assim, porque Martira será vendida. João, fale a todos o que decidi e peça a Tomasa para ficar perto da criança ferida.

João foi cumprir as ordens, passando perto do galpão, a mãe de Martira o cercou.

— Amigo, por favor, divida o castigo com minha filha.

— Não posso fazer isso — respondeu João —, porque não concordo com o que ela fez, Martira agiu com maldade.

— Quando é você quem divide o castigo, apanha menos — disse a mulher.

— Não se preocupe, o sinhô ordenou somente dez chicotadas.

— Como?! — A mãe esperava que fossem mais.

— Sim, dez — repetiu João —, e que ninguém divida com ela.

— Vou dar a notícia para minha filha.

— Espere! — João a segurou pelo braço. — Ela será vendida. Será levada à vila e vendida.

— Oh! Meu Deus! Isso é terrível!

João foi à senzala, repetiu para Tomasa a ordem de Genaro e contou o que iria acontecer.

À tarde, com todos no pátio, um empregado buscou Martira, amarrou-a no tronco, e o feitor Felix a chicoteou dez vezes. Cumprindo ordens, não o fez com força. Todos ficaram calados vendo o castigo. Alguns se admiraram pelo castigo não ser severo, somente sua mãe e irmãos lamentaram que ela fosse

vendida, os outros escravos acharam certo, não era bom ter alguém tão mau entre eles.

Quando terminou o castigo, Martira voltou para o galpão, onde ficou presa. Filó foi cuidar dela. Fez curativos sem falar nada, depois ela foi trancada.

O empregado retornou da fazenda do sobrinho de Genaro e ficou combinado que, no outro dia cedo, ela seria levada de charrete até um ponto do caminho para a vila, onde se encontraria com ele, que a levaria para a feira. Genaro mandou João falar a todos e avisar que a família dela poderia se despedir.

João voltou à senzala, contou a todos e somente a mãe de Martira foi ao galpão. Depois, chamou Pedro, o jovem que fora a causa desse desentendimento, para conversar.

— Pedro — disse João —, você não agiu corretamente, ficou entre duas jovens. Deveria ter escolhido uma delas. Ficando ora com uma ora com a outra fez muitas pessoas sofrerem e, pior, um inocente. Pense na sua responsabilidade nesse caso e se corrija.

O jovem chorou, estava preocupado com o filhinho.

No outro dia cedo, um empregado tirou Martira do galpão e a colocou na charrete. Ela não queria ir. Somente a mãe dela estava no pátio e a olhava chorosa. Tiana veio correndo, João ficou atento.

— Infeliz! — gritou Tiana. — Vim lhe dizer que meu filho morreu nesta madrugada. É assassina! Assassina!

Martira ficou impassível, abaixou a cabeça, depois a levantou e nada falou.

João abraçou Tiana, a consolando.

— Filha — falou a mãe —, adeus! Tente não fazer mais maldades.

O empregado conduziu a charrete rumo à porteira. A mãe ficou olhando até que não conseguiu ver mais a charrete.

— Vamos para a senzala — disse João a Tiana. — Não chore, console-se; se seu filho não morresse, iria ficar com muitas deficiências.

Tiana se deixou conduzir.

— Vou avisar ao sinhô — disse João — e fazer a cova para enterrá-lo.

Tomasa estava muito cansada, passara a noite ao lado do neném.

Assim que Genaro saiu para a área, João lhe deu a notícia e pediu para enterrar a criança. Com permissão, ele enterrou a criancinha e o fez orando para todos os envolvidos.

Dias depois, ficaram sabendo que Martira fora vendida por um preço baixo e quem a comprara havia sido um fazendeiro que morava perto da vila.

Os preparativos para os casamentos mudaram a rotina de todos na fazenda, vieram da vila uma costureira e duas escravas para fazer os vestidos das noivas. As duas jovens escravas eram bonitas, iam à senzala e namoravam bastante. Os construtores e seus escravos foram assunto de muitas noites na senzala.

— Contaram-me — disse Tonho — que na fazenda anterior, onde estavam construindo um galpão, um escravo foi castigado com tantas chibatadas que morreu.

— Já escutei isso, foram muitos os que morreram nos castigos — falou Nhô.

Aproximava-se a data do casamento. O padre viria para celebrar a cerimônia. Genaro aguardava suas filhas mais velhas e suas famílias. Isabel confirmara presença, ele a esperava com ansiedade e saudoso, fazia muitos anos que não via a filha.

Na tarde marcada para chegarem, tudo estava pronto. João, ansioso, estava na área, a todo momento olhava para a porteira. De repente, gritos se ouviram:

— Estão chegando!

Chegaram pistoleiros, carruagens, charretes e pessoas a cavalo. Pararam em frente à casa.

Genaro correu para a carruagem de Isabel. Abraçou a filha e os netos, depois as outras duas filhas.

— Papai! Temos surpresa! — exclamou Maria.

Genaro parou e olhou; de uma das carruagens, desceu um homem. Os dois ficaram olhando um para o outro.

— Leôncio! Meu filho Leôncio!

Genaro abriu os braços e o filho correu ao seu encontro. Abraçaram-se. João se emocionou e chorou.

Alegres, dirigiram-se à casa. Leôncio, ao passar perto de João, falou:

— Bastião?

— Não, filho. Bastião já morreu. Este é João!

Leôncio sorriu e entrou na casa. Tomasa aproximou-se de João.

— Está emocionado, amigo?

— Aprendi, Tomasa, a ficar contente com a felicidade dos outros, a ser solidário com as tristezas alheias. Neste momento estou alegre!

A maioria dos escravos ficara na sede; com as visitas, teve muito serviço, mas a alegria contagiava, todos estavam bem.

O padre, que viera junto com os filhos de Genaro, de fato não era muito simpático, hospedou-se na casa e saiu pouco, disse que gostava de sossego. Visitou a senhora da casa, ficou por cinco minutos no quarto e a benzeu.

Vieram para os casamentos parentes e vizinhos. Como a capela era pequena e o tempo estava bonito, céu azul e sem nuvens, foi feito um altar em frente à igrejinha. Com os convidados esperando, Genaro saiu da casa de braços dados com Anastácia e Leôncio com Marcila. No altar, as noivas encontraram os noivos. João ficou olhando, junto de todos os escravos, no pátio em frente. As moças estavam lindas, felizes e sorriam. O padre os abençoou. Quando a cerimônia terminou, jogaram flores nos casais. As crianças, netos e bisnetos de Genaro, estavam alegres com a festa. Foi emocionante. Muitas escravas choraram, as irmãs das noivas também se emocionaram, e Genaro várias vezes enxugou as lágrimas.

Depois, todos os convidados foram para a área onde estava uma grande mesa. Almoçaram.

“Que esta união seja de almas!”, desejou João.

Os escravos tiveram alimentos fartos. Os dois casais foram para a casa de Marcila, onde dormiriam, pois a casa-grande estava com muitas visitas. Ninguém mais visitou Etelvina, que, pelo excesso de chá, ficou calada e dormiu muito.

Cinco dias depois, foram todos embora. Leôncio viera somente com um filho, ele iria para a vila; de lá, iria com Isabel e sua família para uma cidade do litoral, onde se separariam e

pegariam navios para ir às cidades em que residiam.

Genaro, depois que foram embora, chorou, mas estava contente. Reuniu os escravos na sede e falou:

— Vamos agora organizar tudo para voltarmos à rotina. Depois de amanhã, poderão fazer a festa de dois dias que prometi.

— Pena que não teremos mais casamentos. Foi tudo tão bonito! — comentou Filó.

A festa dos escravos foi muito agradável, tudo transcorreu em paz.

Anastácia e o marido foram para a casa-grande.

Genaro, saindo na área, chamou por João.

— Deu tudo certo! Posso morrer sossegado.

— Em paz! — exclamou João.

— Nem tanto — Genaro suspirou. — Receber meus filhos foi muita alegria. Casar as duas filhas também. Elas estão felizes. Mas tive perdas, morreu meu filho. Não deveria ter matado aqueles dois que me traíram.

— Esqueça, sinhô! — pediu o velho escravo.

— Não consigo. Primeiro porque amei Serafina. Segundo, matei um sobrinho. Com certeza foi meu irmão que mandou assassinar Malvino. Ainda bem que não levei adiante essa desavença. Porque, se tivesse me vingado, nada disso que ocorreu nestes últimos dias teria acontecido.

— O sinhô não pode pensar em morrer, tem de ensinar seu genro a cuidar de tudo, e com justiça — falou João.

Genaro sorriu.

Naquela semana fez frio. Esfriou antes do tempo, mas

somente por quatro dias e depois voltou a esquentar.

“Queria morrer no calor”, pensou João. “Não queria sentir mais frio.”

Na fazenda, tudo, todos estavam tranquilos, calmos, e os recém-casados, felizes.

Voltando ao plano espiritual

João acordou se sentindo cansado, com dor de cabeça e enjoo, assim mesmo foi para a sede. Porém, logo piorou. Ao ver Honório, pediu:

— Capataz, não estou me sentindo bem. Posso ir para a senzala?

Honório o olhou e percebeu que o velho escravo realmente parecia doente.

— Pode. Vá descansar. Quer que chame por Tomasa?

— Não sei, penso que não precisa — respondeu João.

Andando devagar, foi para a senzala. Gostou de ficar sozinho. Sentou-se num banco. À sua mente, vieram cenas que havia muito tempo não recordava, que pensava ter esquecido, parecia as estar revivendo. Viu a si mesmo no rio pescando, colocando os pés na água fresca. Menino correndo atrás de pássaros e animais. Lembrou-se de quando andava pela floresta.

— Tudo tão bonito! — falou na sua língua materna, como falava em sua aldeia.

Sorriu e continuou falando devagar. Havia muitos anos que não se expressava daquela forma. Alegrou-se ao recordar dos

pais, dos amigos da aldeia, de Mua e das filhas. Pareceu senti-las em seus braços. Recordou-se de sua sogra insistindo para se mudarem.

— Se tivesse se mudado... O que teria acontecido?

“Como Bastião me aconselhou, não devemos deixar o ‘se’ atrapalhar nossas vidas. Não fui! E tantas coisas aconteceram. Não tenho como imaginar como teria sido minha vida se tivesse ido. Mua estaria viva? Teria outros filhos? Com certeza não teria sido aprisionado e estaria vivendo na outra aldeia, onde a vida, como pensava naquele tempo, era difícil. Talvez, se tivesse ido, estivesse também me perguntando: ‘O que teria acontecido se permanecesse no meu lar?’. Com certeza, vivendo com meus sogros, teria reclamado, demorei a aprender a não reclamar. Não posso sentir remorso. Somente fiz uma escolha, a que no momento julguei ser certa. E será que não foi? Não tenho como saber. Penso que sempre temos motivos para nos indagar: ‘E se tivesse feito ou agido de outra maneira?’. Tive a vida que mereci!”.

João levantou-se e se acomodou em sua esteira, sentiu-se mal, com uma forte dor de cabeça, e ficou atordoado, pareceu-lhe que vomitara. Viu, de modo estranho, Tomasa o limpando. Dormiu. Acordou, olhou, continuava na senzala, colocaram-no num canto. Inácio tocava nele, sentiu que lhe puseram panos, fraldas, evacuara, e o cheiro era desagradável. Quis pedir para o amigo não o tocar, mas não conseguiu falar. Percebeu que não mexia o braço, a mão e a perna do lado direito. Por mais que se esforçasse, não conseguiu fazer nenhum som, estava mudo.

— Tome, amigo! — pediu Inácio.

O companheiro colocou o braço esquerdo embaixo de suas costas, erguendo-o, e colocou uma caneca nos lábios dele. Devagar, João tomou, era chá.

— Pronto, agora descanse, logo Tomasa virá vê-lo.

Inácio afastou-se.

“Que horror! Que humilhação! Pelo jeito, evacuei nas fraldas, e Inácio me limpou. Não consigo nem chorar!”

— *Quem se sente humilhado é porque é...*

Escutou. Abriu os olhos, naquele momento não tinha ninguém perto dele.

“Orgulhoso!”, pensou em resposta.

— *Pense nisso!*

Veio à sua mente ele criança pedindo ajuda para um homem da aldeia para fazer uma armadilha. Prestou atenção e aceitou o auxílio. Depois, recordou-se dele moço ensinando crianças a fazer a mesma armadilha. Lembrou-se de uma vez que uma tia cuidou dele quando esteve enfermo porque sua mãe estava ausente.

“Criança aceita ajuda”, pensou. “Aceita sem orgulho. Por que depois de adulto é mais difícil aceitar? Será porque sou orgulhoso? Ajudei muitas pessoas aqui na senzala, cuidei de muitos quando eles precisaram. Não queria dar trabalho, necessitar dos cuidados das pessoas. Não querer receber auxílio não é um sinal de que sou orgulhoso? Tão autossuficiente que pensava não precisar de ninguém? Aceitar ajuda não é humildade?”

Tomasa e Inácio se aproximaram.

— Como está, amigo? — perguntou ela.

João olhou para os dois e tentou sorrir, talvez tenha feito uma careta, mas a amiga entendeu.

— De nada! Quem cultiva amizade tem amigos.

Com carinho, pegou um pano molhado, passou no rosto de João. Acomodou-o.

— O que ele tem? — perguntou Dito a Tomasa.

— Uma paralisia parcial. Com certeza esta doença tem nome, mas eu não sei.⁹ Penso que algo aconteceu no cérebro dele, e nosso amigo ficou assim.

— Irá sarar?

— Só Deus sabe — respondeu Tomasa.

Porém João a viu negar com um gesto de cabeça.

“Tenho de fazer duas coisas”, pensou João determinado. “Primeiro, não ser um doente difícil, aceitar toda a ajuda que receber: talvez eles me deem algo que não queira comer, me façam beber chás que não goste, me troquem quando for possível para eles. Segundo, devo ser grato por cuidarem de mim, tentar sorrir e obedecer. Doente não faz mais o que quer, mas depende do que os outros podem fazer por ele.”

Dormia muito, acordava com alguém o limpando ou tentando lhe dar alimentos ou chás.

“Não sei se estou dormindo muito pela doença ou pelos chás.”

De madrugada, acordou com frio.

“Frio! Como você já me maltratou!”, pensou João.

Viu Dito o cobrir, esquentou-se e voltou a dormir.

Tomasa novamente aproximou-se, Inácio o levantou, e ela lhe deu chá.

— Durma, amigo! Dito colocará a esteira dele, à noite, perto da sua para ajudá-lo. Amanhã cedo estarei aqui. Boa noite! — desejou a velha amiga.

João tentou sorrir, pensou que era dia. Perdera a noção do tempo por estar dormindo muito. Porém, logo voltou a saber quando era dia ou noite. Dito ou Inácio limpavam-no, trocavam-no, Tomasa ou Filó lhe davam alimentos líquidos em sua boca, água e chás.

“Meu Deus! Pai! Grande Mãe! Que eu seja grato ao auxílio que recebo. Ajude-me a não me desesperar e aceitar a doença.”

Inácio e Tomasa aproximaram-se dele, e seu amigo contou:

— João, o sinhô ordenou que eu volte a trabalhar na sede para ajudar a cuidar de você.

— O sinhô Genaro deu essa ordem — disse Tomasa. — Falou que se Inácio tiver jeito, que eu o ensine o que sei.

À tarde, Inácio e Dito pegaram João e o levaram para fora. O enfermo gostou, o ar puro lhe fez bem. Sentaram-no numa cadeira que Nhô havia feito para doentes, ela tinha o encosto alto e um banco no qual se podia colocar os pés. Colocaram-no no sol.

— Sol é vida! Você precisa receber seus raios benéficos! — falou Dito.

João ficou sozinho. Realmente gostou de ficar no sol. Viu Dito voltar ao trabalho e Inácio conversar com duas mulheres que estavam em frente à senzala. Porém, o sol estava forte.

“Tudo que é demais incomoda. Se pudesse, já teria saído do sol. Que valor dou agora às pernas sadias que tinha, como era bom poder levantar e andar. Gostaria de chamar Inácio e pedir

para me tirar do sol. Entendo agora como é bom falar. Enquanto podia, fazia muitas coisas simples e rotineiras, agora não posso fazê-las e outros as fazem por mim, quando podem ou querem. Como é bom ser autossuficiente!”

Levantou a mão esquerda e tentou fazer sinal para Inácio, que, distraído, conversava animado. Foi somente quando as mulheres foram embora que Inácio se aproximou.

— O sol está quente! Quer ir para a sombra?

João se esforçou e afirmou com aceno de cabeça. Inácio arrastou a cadeira para debaixo de uma árvore. Deu água para ele. Acomodado na sombra, João se tranquilizou. O companheiro ficou falando, contou o que conversara com as mulheres, fofocas de escravos.

“Queria ficar em silêncio”, pensou o doente.

Dito veio e, com Inácio, levaram-o para dentro da senzala.

“Queria ter ficado lá fora. Com certeza minha vida agora será assim, eles decidirão o que farão comigo. Se aceitar, ficará mais fácil. Tomara que eles não se cansem de cuidar de mim. Doentes incomodam, dão muito trabalho, cansam as pessoas que cuidam deles. Poderei ser esquecido, não me levarem para fora, não me trocarem, poderei até ficar sem alimentos. Devo ser um doente fácil.”

Dito e Inácio conversando acomodaram-no na esteira. João sorriu, agradeceu-os em pensamento. Os dois sorriram também. Deixaram-no sozinho. Ele estava com fome e somente foi alimentado depois que todos jantaram. Nhô colocou comida em sua boca. Ficou com sede e só mais tarde, quando o prepararam para dormir, que Tomasa veio, lhe deu água e depois o chá.

Sua vida se tornou mais rotineira ainda: dormia, acordava e recebia auxílio dos companheiros. Às vezes esqueciam de lhe dar água e ficava com sede, com fome ou sentia frio mesmo ainda estando no outono, ora era esquecido no sol ou queria ficar mais na sombra ou sentado ou comer mais. Foi então que pensou que, mesmo em situação difícil, em nenhum momento a reclamação ajuda, e tudo pode piorar.

“Se não estava bem sendo escravo na senzala, com a doença ficou muito mais difícil. Será que pode piorar? Penso que sim. É uma boa ocasião para provar que aprendi a não reclamar; não posso fazê-lo falando, mas em pensamento. Também posso ser grato pela ajuda que recebo.”

Pituxo passou a ir mais à senzala e, quando isso ocorria, João somente o escutava. Deitado, não o via, mas se distraía ouvindo-os rir e acabava sorrindo.

À noite, com todos calados, João pensava muito.

“Foi difícil gostar da senzala. Convivi com pessoas educadas e outras nem tanto. Local de muitos odores, e eu agora, fazendo minhas necessidades fisiológicas nos panos que me colocam, tenho contribuído para o odor piorar. Porém aqui, por muitos anos, foi meu abrigo, tive um lugar para dormir e, no momento, tenho quem cuide de mim. Devo amar este local.”

Pelo que Inácio falou, fazia cinco semanas que estava doente.

“O tempo, quando estamos sofrendo, passa lento, parece que faz muitos meses. Sei que ele está certo. Está esfriando. Temo o inverno!”

Dormiu. Acordou sentindo-se sufocado, escutou o barulho

de sua respiração, estava alta como um ronco. Doía o peito, a cabeça, quis chamar por Dito, que estava dormindo perto. Não conseguiu. De repente, conseguiu respirar com mais facilidade e as dores diminuíram.

— *Calma, amigo! Fique tranquilo!*

Escutou, lembrou-se de Bastião e se acalmou. Sentiu uma madorna, sem entender o que ocorria, pois parecia que via o que acontecia, mas ficou sem saber o que fazer. Viu pessoas muito limpas, que exalavam odor agradável, com delicadeza, mexer em seu corpo. Dormiu. Acordou com muitas pessoas falando. Escutou Dito explicando:

— Não ouvi nada. João morreu dormindo.

— *Eu morri? Não! Você está enganado!* — exclamou admirado
— *Nossa! Estou falando!*

— Vou contar ao capataz — falou Nhô. — Os que vão para a lavoura podem se despedir dele.

— Será que agora que João morreu, voltarei para a lavoura?
— Inácio estava preocupado.

— Mais um dos nossos, que estava sempre ajudando, vai embora — lamentou Chico.

João continuava escutando sem entender. Viu Nhô retornar e dizer:

— O capataz disse que podemos nos atrasar para o trabalho para nos despedirmos dele. Os que trabalham na sede devem enterrá-lo agora de manhã. Vou avisar Tomasa, com certeza ela irá querer ver seu amigo pela última vez.

João, confuso, viu muitos companheiros passarem por ele e escutou:

— Você falava tanto da terra da luz, que possa ir para lá!

— Irei sentir sua falta, num castigo poderia contar com você para dividir comigo!

— Estava sempre pacificando para não ter brigas, que você possa ter paz!

— Espero que agora, liberto, você esteja bem!

Foram muitos os votos, sentiu a gratidão e foi grato.

Silêncio. Todos saíram, e João percebeu que estava em pé.

— *Olhe para baixo!*

Ele o fez e viu seu corpo deitado. Confundiuse.

— *Serei eu mesmo?*

Observou melhor.

— *Deve ser eu mesmo* — concluiu.

— *João!* — escutou. — *Peço-lhe para continuar calmo.*

— *Será verdade o que escutei? Morri?* — indagou.

Viu Tomasa entrar na senzala e se ajoelhar perto do corpo.

— Amigo, vá em paz! Não tema! As pessoas boas não precisam ter medo dessa mudança. Seu corpo velho e doente morreu, mas você, que é espírito, continua vivo.

— *Tomasa não brincaria comigo. Será mesmo que morri?*

— *João, queria lhe dar uma abraço de boas-vindas* — escutou.

— *Ai, meu Deus! Ó, Grande Mãe, me socorra!* — exclamou com medo.

— *Não serve um amigo sincero?*

João olhou para onde vinha a voz e viu Bastião, que abriu os braços. Ele hesitou, virou o rosto, olhou para baixo, lá estava o corpo inerte. Olhou novamente para o amigo.

— *Socorra-me* — pediu João.

— *Ajudo-o!* — Bastião falou com carinho e o abraçou.

— *Estou falando!*

— *Como também pode andar e mexer a sua mão direita. A paralisia era do corpo físico* — explicou Bastião.

Tomasa levantou e pediu para os companheiros, que retornaram à senzala:

— Inácio, você e Dito irão fazer uma cova no cemitério. Quando estiver pronta, venham buscar o corpo de João. Ele não tem nada para repartir. A coberta que usava pertence a todos; sua esteira está velha, enterre-a com o corpo dele. Suas roupas estão gastas, seu colete está muito desgastado e com os sinais das chicotadas. Vamos enterrá-lo como está!

João ficou ali na senzala, continuava ainda confuso.

— *Amigo* — disse Bastião —, *a morte do corpo é algo natural, acontece com todos nós!*

Inácio e Dito voltaram e, pela esteira, os dois e Nhô pegaram o corpo inerte e sem vida que João espírito usara para viver mais uma encarnação; calados, foram para o cemitério. Ele os acompanhou olhando tudo. Quando terminaram, os três voltaram ao trabalho, e ele continuou ali.

— *Vamos, João?*

Ele levantou a cabeça e viu Bastião ao seu lado, que sorria.

— *Para onde?* — perguntou.

— *Irei levá-lo para um local para descansar* — respondeu o amigo.

— *Não estou cansado, descansei bastante esses dias* — falou João.

— *Esteve enfermo. Venha comigo.*

Bastião estendeu a mão, e João a apertou. Sentiu-se em paz, tranquilo e adormeceu.

Acordou deitado numa cama. Sorriu. Passou as mãos nos lençóis limpos e macios.

— *Será que aqui é a terra da luz?*

— *De fato, aqui não é escuro* — falou um homem.

João se assustou, pensou que estava sozinho, olhou para o lado e viu um senhor que sorria. Ele também estava deitado em um leito.

— *O senhor sabe onde estamos?* — perguntou João.

— *Num local muito bonito, refizemos da viagem que fizemos.*

— *Que viagem?*

— *Da mudança de plano. Viemos do plano físico para o espiritual. Sabe que seu corpo de carne morreu?*

— *Sei. O que é estranho é que me sinto o mesmo.*

— *Mesmo, mesmo?* — o senhor o olhou nos olhos e sorriu.

— *Estava doente e não estou mais. Sentia muitas dores nas costas e no momento não as sinto. Estou bem!* — exclamou João.

— *Isso não é bom?*

— *Parece ótimo!*

João olhou para o homem que conversava com ele. Era idoso, barba grande e branca como os cabelos, pele clara e olhos azuis.

— *“Eu compartilhando um quarto com um branco! Não entendo!”*

— *A cor da pele não difere quando fazemos esta mudança. Diferenciamo-nos somente pelos nossos atos.*

Bastião entrou no quarto, e os dois se abraçaram contentes.

— *Obrigado, amigo!* — agradeceu João.

João se sentiu bem, entendeu que o lugar em que estava, que para ele era a terra da luz, era um local de fraternidade, onde viviam pessoas que fizeram aos outros o que gostariam que lhes fizesse.

Gostou de ter feito a grande mudança e se adaptou rápido, porém às vezes ficava encabulado por ser tratado igual aos brancos; de dormir, ainda sentia reflexo do seu corpo físico, em cama; de ter um espaço somente seu; e de ser respeitado.

“Será que mereço isto tudo?”, pensou perto de Bastião.

— *Meu amigo, no plano espiritual, não existe privilégio. Não podemos nos enganar, fingir, aqui na terra da luz, como você dizia. Para este lugar somente vêm os que fizeram por merecer, os que se afinam com o bem.*

— *Na terra da escuridão é diferente?* — João quis saber.

— *Temos, no plano espiritual, lugares onde se agrupam espíritos afins que continuam com maldades, fingimentos, malícia e outros vícios, nós o chamamos de Umbral. Você verá que essa mudança não é sempre igual, difere-se muito, cada um tem sua história e conseqüentemente a faz de um modo. Chamamos esse processo de “desencarnação”, e a nossa volta, ou seja, do nosso espírito, a outro corpo carnal, de “encarnação”.*

— *Eu pensei e você respondeu, isso já aconteceu antes.*

— *Nós, espíritos — explicou Bastião —, podemos escutar pensamentos, é só aprender. Você poderá fazê-lo.*

— *Quero muito estudar, porém gostaria de saber o que aconteceu com algumas pessoas.*

— *Acompanharei você para revê-las.*

Marcaram o dia, João esperou ansioso. Bastião o conduziu

para o plano físico. Foram volitando, e o condutor explicou:

— *Nós, espíritos, podemos nos locomover pela força da vontade, chamamos esse processo de “volitação”. Sem o peso do físico, tudo se torna mais fácil. Vestimos ainda outro corpo, que chamamos de “perispírito”, ele é leve, e nos locomovemos facilmente.*

Primeiro Bastião o levou para rever suas filhas. A aldeia onde elas moravam era rústica, com choupanas pobres, a vida ali era difícil, porém eram livres e alegres. João olhou tudo, sentiu mais que reconheceu as filhas, duas mulheres adultas, e elas tinham muitos filhos e netos. Reconheceu Mua, que, reencarnada, já era mãe.

— *Não tenho mais nada a ver com este lugar; embora as ame, o tempo nos separou* — falou João.

Volitaram para as terras brasileiras.

— *Posso saber de alguns companheiros que vieram comigo no navio?*

— *Pense neles* — aconselhou Bastião.

João pensou primeiro em Babau, aquele que traíra seus companheiros, e foi atraído para perto dele. Babau estava velho, doente e ainda trabalhava, tinha muitas cicatrizes, fora chicoteado com certeza várias vezes. Mas a dor fez com que ele aprendesse, estava calmo e resignado. O rapaz do grupo que fora com ele para aquela fazenda não contou que ele fora um traidor, já tinha falecido e estava bem.

Quis ver também a jovem que viajara junto na carroça. Ela sofrera bastante, ficou doente, a senhora que a comprou a colocou para fora de casa, e ela ficou num barraco, onde desencarnou. Estava reencarnada, era escrava novamente, mas

dessa vez num lar cristão, onde era bem tratada.

Foi uma alegria rever Dali; ele estava idoso, mas lúcido, seu semblante era tranquilo, ele estava em paz. Na fazenda para onde foi, os escravos eram bem tratados, e Dali tornou-se um protetor, uma pessoa bondosa que estava sempre ajudando a todos. Ele irradiava luz, sorria muito, e todos ali o chamavam de Preto Veio. João o abraçou e desejou que estivesse bem.

— *Uma pessoa assim sempre está bem* — afirmou Bastião —; *não importa se sente dores se seu íntimo está tranquilo, é feliz.*

— *E Simão?* — João quis saber.

Pensou nele e foi atraído para um quilombo de difícil acesso. O local era bonito, muitas árvores, uma nascente d'água abundante, casinhas simples e muitas crianças. Simão, já idoso, estava bem, adaptou-se ali. A pedido de João, que o envolveu com uma energia de amizade e carinho, pensou:

“Tive medo do que poderia acontecer na Fazenda Morro Alto com o sinhô Malvino sendo proprietário. Como conversava muito na vila, sabia onde estava o quilombo. Resolvi fugir, mas não queria ser fugitivo, planejei minha morte. Deu certo. Aqui estou bem, embora a vida seja difícil. Soubemos que o sinhozinho Malvino foi morto. Porém, ser escravo é sempre incerto. Teremos ou não um bom dono?”

— *Fique em paz, amigo! Que Deus o proteja!* — desejou João. — *Vamos, Bastião, agora para a fazenda.*

Ver a fazenda estando no outro plano foi muito diferente. Percebeu que estava frio, a temperatura estava baixa, mas não sentiu frio, e isso o fez fazer uma oração de agradecimento. Viu Tomasa e agradeceu à bondosa amiga por sua amizade e por

tantas vezes ter cuidado dele. Alegrou-se por ver Inácio trabalhando na sede. Foi à senzala, naquele horário não tinha ninguém.

— *Bastião, quem assassinou o menino Malvino?* — quis saber.

— *Eleocácio, ele planejou por anos sua vingança. Quando achou que era o momento, organizou a tocaia. Não envolveu pistoleiros, foi o filho dele que abordou o menino escravo, e ele, com um empregado de confiança, que atiraram.*

João foi à casa-grande, não entrou, ficou na área, escutou Etelvina e orou, como fazia quando encarnado, por ela.

— *Essa mulher* — falou Bastião —, *embora doente, não tem nada grave. Com certeza, viverá muito tempo.*

— *E Serafina e o sobrinho de Genaro?*

— *Reencarnaram* — respondeu Bastião.

— *Vivi aqui tantos anos, somente agora percebo realmente como a natureza neste lugar é bonita, porém não quero ficar aqui, quero ir embora* — pediu João.

— *Vou levá-lo* — concordou Bastião —, *voltarei em seguida. Trabalho aqui. Vou muito à colônia, lugar como se chama onde você está, tenho lá meu cantinho, venho à fazenda e tento ajudar a todos que precisam.*

— *Você me ajudou, e sou grato por isso.*

Voltaram à colônia, e João se propôs a estudar, queria muito aprender, ter mais conhecimentos e trabalhar.

Estava esperançoso e alegre.

Aos pés do Mestre

João aproveitou bem seu tempo no plano espiritual, estudava e trabalhava.

“Ainda bem”, pensou, “que a vida após a morte do corpo físico é de atividade. Realmente, embora diferenciada, ela continua. Todos nós, em todas as fases de nossa vida, estejamos no plano físico ou no espiritual, podemos continuar fazendo o que gostamos; por isso vemos aqui ociosos e outros que continuam a fazer maldades. Admirei-me por ver como se trabalha aqui. Podemos ajudar os que viveram imprudentemente e a desencarnação os levou a estagiar em locais de sofrimento ou auxiliar encarnados, como faz Bastião. Alegro-me. Posso me esforçar para continuar trabalhando e gostar mais ainda de ser útil.”

Um assunto no estudo lhe chamou mais a atenção, a Lei do Retorno, causa e efeito, ação e reação, conhecida pelos orientais como a Lei do Carma.

“A sementeira é livre, a colheita é obrigatória. Pelo nosso livre-arbítrio, plantamos o que queremos, a boa ou a má semente, porém não podemos fugir do resultado, a colheita é de acordo com que plantamos”, concluiu João.

Passou a ler livros que explicavam o assunto e colecionou frases como as do livro *O grande enigma*, do autor Léon Denis: “A condição atual de todas as almas é o justo resultado de suas existências passadas. Da mesma forma, na existência presente, nossa alma tece dia por dia, por atos livres, a sorte que teremos no futuro”. Outra citação de que gostou muito foi: “Ao errar, assina, qualquer pessoa, uma promissória, que um dia ser-lhe-á apresentada para quitação”, do livro *Encontro com a paz e a saúde*, do autor Hermínio Miranda, obra psicografada por Divaldo Pereira Franco. E n’ *O Evangelho segundo o espiritismo*, de Allan Kardec, no capítulo V, gostou de: “As vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa”. Também de Kardec, na obra *O céu e o inferno*, no capítulo VI: “Basta saber o que somos, sem que seja necessário saber o que fomos”.

João concluiu que esta sua última vivência no plano físico fora resultado de uma má plantação e também uma oportunidade de assimilar uma grande lição: amar o trabalho. “Sinto”, pensou João, “que já fui ocioso e que talvez tenha me recusado a aprender que, para progredir, é necessário trabalhar”.

Ele começou a ter lances, em pensamentos, de sua vida passada. Infelizmente, não se sentia bem quando isso acontecia. Comentou com Bastião e escutou do amigo.

— *Nem todos os desencarnados se recordam de suas outras existências. Para muitos, basta saber de sua última estadia no corpo físico. Isso não ocorre comigo, não sei do meu passado nem quero, no momento, ter esse conhecimento, deixo isso para outra ocasião, quando me sentir preparado para saber.*

— *Você não tem curiosidade?* — perguntou João.

— *Não. Essa recordação não deve se dar por curiosidade. Porque, amigo, saber que fomos bons, importantes, pode alimentar a vaidade se não estivermos preparados. Se tivermos sido maus, cometido atos errados, isso pode nos deixar desanimados e tristes.*

— *Minhas lembranças estão sendo espontâneas* — comentou João. — *E do que recordei me deixou triste. Vestia uma roupa carnal de pele branca, usava roupas diferentes, senti que não gostava de banho, parecia que era sujo, não somente de corpo, mas também nas atitudes.*

João passou a ter muitas lembranças. Pediu ajuda e se recordou dos fatos mais importantes de sua encarnação anterior.

Vivera na França, era o quarto filho de um rico proprietário de terras. Nunca trabalhou, era muito preguiçoso; quando o pai morreu, dividiram a propriedade, seus irmãos prosperaram, e ele foi gastando o que herdou com farras. Três anos depois, tinha somente uma casa na cidade onde residia.

Um irmão de seu pai, rico, que tinha somente uma filha que havia ido para outro país, onde morava com o marido, adoeceu. João – que na época tinha outro nome, e isso, para um espírito, não tem importância, pois muitos nomes tivemos e outros tantos, com certeza, teremos – aproximou-se desse parente e se propôs a auxiliá-lo. O enfermo, desconhecendo sua vida de farras, pensou que o filho de seu irmão continuava rico e aceitou o auxílio, pois se sentia idoso, confiou no sobrinho.

Aos poucos, ele foi tomando conta de tudo e viu que o tio fazia muitas caridades, concluiu que podia usar dessa ação do tio para ter dinheiro para continuar sua vida de ociosidade e festas.

Fingia trabalhar, pois o trabalho era feito por empregados, e ele pegava somente o lucro.

Convenceu o enfermo a mudar para a cidade, pois lá teria mais recursos para seu tratamento; feita a mudança, deixando-o instalado numa casa, passou a roubar o parente. Todo mês uma quantia era reservada para as pessoas necessitadas que viviam na região. Nos primeiros meses, a distribuiu corretamente; depois foi pegando uma parte, e esta foi aumentando. Com a ida do tio para a cidade, primeiro ele vendeu tudo de valor da casa de campo; depois não deu mais nada aos pobres.

Assim viveu por anos, com o tio pensando que o sobrinho era boa pessoa. Ao ficar mais doente, ele conversou com João. Disse:

— Tenho pensado muito e fiquei em dúvida: será que você deu mesmo o dinheiro que determinei aos pobres? Não deveria ter deixado para outro fazer isso, era eu quem deveria fazer essas doações. Se você não as fez, privou muitas pessoas de se alimentar e de se agasalhar e, se isso ocorreu, essa atitude imprudente acarretará para você um retorno de privações.

O senhor morreu; dias depois, João pegou tudo o que tinha de valor da casa e vendeu. A filha e o marido vieram e o acusaram de ter roubado, e ele se defendeu dizendo que o pai dela lhe dera tudo aquilo. Essa senhora vendeu as terras, a casa e voltou para o país em que residia.

Ficando sem renda, João resolveu se casar e procurou por mulheres ricas. Entrou em contato com uma moça solteirona, porém o pai dela não autorizou o casamento, pois obteve informações sobre ele. Depois se interessou por uma viúva, mas

descobriu que ela também estava atrás de alguém com posses. Seu dinheiro acabou e não conseguiu mais manter a aparência de alguém endinheirado. Teve de vender a casa em que morava. Seus irmãos, que não aprovavam seu modo de viver, havia muitos anos não o viam e não quiseram ajudá-lo. Os companheiros de farra se afastaram, não havia entre eles verdadeira amizade, recusaram-se a sustentá-lo. Foi morar numa pensão modesta e não teve mais como farrear. Com o dinheiro acabando, resolveu fazer chantagens. No tempo que passou indo a festas, conheceu muitas pessoas e sabia muito sobre elas. Depois de umas cinco chantagens em que obteve dinheiro, achou que estava dando tudo certo, porém um chantageado mandou matá-lo.

João fez uma pausa porque ficou triste, mas as lembranças continuaram.

Essa sua desencarnação havia sido muito diferente da última, nenhum amigo o ajudara, não havia cultivado amizade. Não teve merecimento de ajuda porque não ajudou ninguém. Ao ter seu corpo físico morto, foi atraído para um local muito ruim, o Umbral, a Terra da Escuridão, como diziam na sua aldeia. Não era escuro por completo, havia escassa claridade onde os espíritos estagiam, uns mais e outros menos tempo, como uma oportunidade de, por meio do sofrimento, pensar em seus atos errados.

Arrependeu-se com sinceridade, aquele arrependimento de que, se pudesse voltar no tempo, faria tudo diferente e, quando isso ocorreu com ele, bons espíritos o ajudaram; esse socorro é um dos trabalhos dos desencarnados. Levaram-no para um

socorro e lá pode-se escolher reencarnar ou estagiar em regiões no plano espiritual onde se aprende a trabalhar, a ser útil. João ficou muito tempo no Umbral, demorou para se arrepender e, quando o fez, culpou sua ociosidade. *“Tudo que passei foi porque não quis trabalhar”*, concluiu.

Ficou por dois anos no plano espiritual; mesmo socorrido, não se sentia bem, estava intranquilo e, com convicção, julgou que tudo o que acontecera com ele se devia ao fato de que fora ocioso. Orientadores lhe explicaram que ele sofrera porque agira errado e que erros são maldades feitas a outras pessoas. Quis muito aprender a amar o trabalho e achou que, reencarnado, somente trabalharia se fosse obrigado. Pediu para voltar ao corpo físico e foi atraído para a situação que desejou.

João ficou aborrecido depois que recordou de tudo.

— *Como pude agir assim?* — indagava-se. Escutando conselhos, concluiu:

“O melhor é esquecer o passado e me preocupar com o presente, pois é neste que podemos nos modificar e construir um futuro melhor.”

Fez muitos planos e passou a colocá-los em prática. Aproveitando oportunidades, estudava bastante, pois estudo é atividade. Trabalhava muito mais que as horas determinadas.

“Ainda bem que não existe ociosidade no plano espiritual”, pensou João. *“Nada aparece como mágica, tudo é trabalho. Desencarnados têm um campo vasto de atividades, e a principal é auxiliar uns ao outros.”*

Um dia, conversando com seu orientador, João falou:

— *Gostaria de pedir duas coisas a Jesus.*

— *Que pedidos são esses?* — o orientador quis saber.

— Primeiro, para me dar inteligência, gostaria de ser muito mais inteligente. Segundo, para Ele tirar do planeta Terra todos os espíritos cruéis.

João se sentiu importante com seus pedidos. O orientador sorriu e falou:

— Devemos nos tornar receptivos para receber o que pedimos, fazermos para merecer receber. Porém, necessitamos deixar de ser pedintes e nos tornar autossuficientes. Fomos criados por Deus iguais, as diversidades com certeza ocorreriam, e isso se deu. Ninguém foi privilegiado com inteligência, esta é conquistada. Nós a desenvolvemos com estudo, trabalho e aos poucos. Aqueles que não foram ociosos, a desenvolveram mais rápido.

— Entendi — falou João. — Aqueles que não pararam no caminho, que procuraram saber, adquiriram conhecimentos, ao retornar ao plano físico, de certa forma, recordam-se, estão reaprendendo, e tudo se torna mais fácil; são por isso taxados de inteligentes e, quanto mais estudam e trabalham, mais fácil se torna o aprendizado. Se quero ser inteligente, necessito então estudar e trabalhar, porque é com o trabalho que consolidamos o aprendizado.

— Quanto ao seu segundo pedido — continuou o orientador elucidando —, eu tenho certeza de que já agi no passado com crueldade. E você? Talvez tenha agido também. E se na época em que fomos cruéis Jesus tivesse atendido ao pedido de alguém parecido com o seu e nos expulsasse deste planeta? O Mestre não o fez e estamos aqui, penso que nem você nem eu cometeríamos, no momento, atos maldosos. Depois, nada fica sem consequência, todo erro livremente cometido leva a sofrimentos necessariamente subsequentes.

João abaixou a cabeça; o orientador pegou o Evangelho,

abriu e, com voz harmoniosa, leu em voz alta:

— Este texto é do Evangelho de Lucas, capítulo 10, versículos de 38 a 42, “Marta e Maria”: “E aconteceu que, indo em viagem, entrou em uma certa aldeia; e uma mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. E esta tinha uma irmã, chamada Maria, a qual, sentada aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra. Marta, porém, fatigava-se na contínua lida da casa; e apresentou-se, diante de Jesus, e disse: ‘Senhor, não se te dá que minha irmã me tenha deixado só com o serviço da casa? Diz-lhe, pois, que me ajude’. E o Senhor, respondendo, disse-lhe: ‘Marta, Marta... tu te fatigas e andas inquieta com muitas coisas. Entretanto, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada’”.

O orientador fechou o livro e, tranquilamente, explicou:

— Na antiguidade, era costume o mestre ensinar a seus discípulos sentado num banco, e os alunos ficarem ao seu redor sentados no chão, em almofadas ou em bancos mais baixos. Daí a expressão: “aos pés do Mestre”. Vamos procurar entender esta passagem que li. Onde estava Jesus? Podemos concluir que ele estava sentado. Como estava Maria? Com certeza sentada numa almofada, abaixo dele, aos seus pés. E Marta? Em pé. Revisando: Marta em pé, Jesus sentado e Maria também sentada num local mais baixo. Voltemos aos dizeres de Marta: “Mestre, faça, ordene à minha irmã que me ajude”. Quantas vezes já fizemos isso? Esquecemo-nos de que o outro tem seu livre-arbítrio. Marta queria que Jesus mandasse Maria fazer o que ela achava ser o correto. Marta não estava errada; queria, como dona de casa, agradar o Mestre Amigo. Nós, como pedintes, também não agimos errado; penso que, quando fazemos isso, agimos ainda como imaturos, não assimilamos AINDA os ensinamentos de Jesus. Porém, pedir é uma forma de nos

tornarmos receptivos, fazer por merecer, para receber, e isso certamente nos levará no futuro a uma compreensão maior. Maria queria assimilar os ensinamentos do Mestre. Dizia: “Jesus, o que quer que eu faça?” Queria aprender e colocar em prática o que escutava.

O orientador fez uma pausa, e João concluiu:

— Entendi. Jesus nos ensina, suas palavras são sementes espalhadas, e cada um de nós a compreende conforme seu entendimento, sua maturidade. Marta pede, quer que o Mestre faça para ela. Maria quer fazer. Infelizmente — João se sentiu envergonhado —, estou agindo como Marta.

— Tem tempo para mudar e ter a atitude de Maria.

João agradeceu ao orientador, que, logo após, saiu da sala. Ficando sozinho, pôs-se a pensar no que ouvira. Leu a passagem do Evangelho de Lucas.

“Desde que conheci os Evangelhos”, pensou João, “passei a amar Jesus, mas tenho agido como Marta. Tornei-me pedinte, queria que Ele me fizesse coisas. Vou tentar ser como Maria. Esse será meu objetivo de vida. Fazer, agir como Jesus quer. Vou me esforçar e, para começar, me dedicarei aos estudos e trabalharei mais ainda.”

Ajoelhou-se e imaginou que estava aos pés do Mestre. Rogou:

— Jesus, o que quer que eu faça?

Sentiu a resposta dentro dele.

— Ame!

Com o rosto banhado de lágrimas, João compreendeu que aquela palavra pequena, mas de uma grandeza enorme e de significado profundo, seria a seta na sua caminhada rumo ao progresso.

Alegre, esperançoso e determinado, resolveu se esforçar para amar a si mesmo e igualmente a todos.

Agradecido, voltou ao trabalho.

FIM

- 1 Nota do autor espiritual (N. A. E.): O tráfico de escravos para o Brasil teve início na primeira metade do século XVI por meio de “navios negreiros”. A corte portuguesa recebia impostos dos traficantes. Pela pressão inglesa, em 1831, foi promulgada a primeira lei que proibia o tráfico para o Brasil. Essa atividade teve um pequeno intervalo para logo voltar. Foi assim que surgiu a expressão: “lei para inglês ver”. O tráfico foi oficialmente proibido com a Lei Eusébio de Queirós, em 1850. Porém, isso não o impediu totalmente. Em 28 de setembro de 1871 foi assinada a Lei do Ventre Livre. Todos os descendentes de africanos nascidos no Brasil eram livres a partir de então. Porém, com os pais escravos, os infantes libertos viviam no cativeiro. Em 1885 foi aprovada a Lei dos Sexagenários. Os escravos, ao completar sessenta anos, se tornavam livres, mas eram muito raros os que atingiam essa idade. Em 13 de maio de 1888, a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, libertando todos os escravos do território brasileiro. Porém, sem moradia, sem condições econômicas e sem assistência do Estado por décadas, continuaram passando dificuldades.
- 2 N. A. E.: O retorno de nosso espírito ao físico, nascendo várias vezes em corpos carnis diferentes, que nada têm a ver uns com os outros, a reencarnação, não era tão conhecido pelos africanos. Porém, em todos os tempos e lugares, sempre existiram e existirão pessoas que, por diversas razões e por se tratar de uma lei natural, sentem compreender essa verdade.
- 3 N. A. E.: Essa negociação se diferenciava em detalhes de um local para o outro. Dessa forma foi presenciada por Uba. Mas esses acontecimentos eram tristes e deprimentes em todos os lugares em que ocorriam.
- 4 N. A. E.: No sentido em que foi expresso, a palavra “geração” deve ser substituída por “reencarnação”, a volta do espírito ao plano físico. Nossas ações, boas ou não, têm retorno. E, muitas vezes, o plantio da má semente é tão intenso que a colheita pode ser dividida, e, por várias reencarnações, sofre-se o efeito da imprudência cometida. E mais ainda se aqueles que foram por ele prejudicados não o perdoarem

e quiserem castigá-lo, mesmo continuando a sofrer. Como são imprudentes os que agem com crueldade.

- 5 N. A. E.: Isso ocorreu em vários lugares do Brasil. Grupos de escravos que conseguiam fugir se agrupavam, escondiam-se nas matas, montanhas e lugares de difícil acesso chamados de “quilombos”. Muitos desses fugitivos assaltavam viajantes e se, entre o grupo assaltado, encontrassem escravos, eles os libertavam e convidavam para se juntar a eles.
- 6 N. A. E.: Nessa época, o tratamento de pessoas importantes, principalmente os escravocratas, era por “sinhô” ou “sinhá”. Seria o que atualmente chamamos de “senhor” ou “senhora”. Os jovens e as crianças eram chamados de “sinhozinho” ou “sinhazinha”. Na região, capataz era um empregado de confiança e feitor responsável pelos escravos.
- 7 N. A. E.: Eles pronunciavam “Jão”. Vou escrever João porque ele é conhecido assim no plano espiritual, onde me contou sua história.
- 8 N. A. E.: Naquela época, qualquer doença no aparelho digestivo – infecção, apendicite, câncer etc. – era chamada de “nó nas tripas”. Esse jovem teve apendicite supurada.
- 9 N. A. E.: Acidente Vascular Cerebral (AVC).